FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.877

DOMINGO, 2 DE JANEIRO DE 2022

R$ 7,00

Ministro diz que nunca ocorreu crise de energia

Para o ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, não ocorreu crise de energia. "Passamos por um período de escassez hídrica que resultou no aumento do custo da geração de energia e isso abala o orçamento de todos."

Albuquerque negou ainda intenção eleitoreira de Bolsonaro no represamento de reajustes. Mercado A15

ANO-NOVO

Rio recolhe 320 t de lixo após Réveillon; 4 pessoas são esfaqueadas B3

Virada tem restrições e filas na Times Square, em Nova York A10

Turistas relatam falta de comida em navio com surto de Covid B2

Márcia Foletto /Agência O Globo

Dieu-Nalio Chery/Reuters

Garis recolhem lixo em Copacabana na manhã após Réveillon no Rio; em Nova York, turistas curtem virada do ano em Manhattan

Elio Gaspari

Cancellier e o lava-jatismo

Livro sobre reitor da UFSC, preso, afastado e morto em 2017, expõe espetacularização de investigação e justiçamento. Poder A8

Ilustrada Ilustríssima B8

Tunga a olho nu

Curador da exposição de Tunga (1952-2016) em São Paulo analisa como a obsessão pelo corpo desnudo marcou a obra do artista.

Jovens seguem caminho da roça em busca de emprego

Agro lidera alta de vagas e tem recorde de trabalhadores que iniciaram graduação

Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sinalizam que as atividades ligadas ao campo já superaram o nível de empregos do pré-pandemia, levando em consideração vagas formais e informais.

No terceiro trimestre de 2021, o avanço foi de 574 mil postos frente a igual período de 2019, antes da pandemia.

Em termos percentuais, o crescimento foi de 6,8%, o maior na lista de dez atividades analisadas pelo IBGE.

Além de liderar o ritmo de geração de empregos, o agronegócio está ficando mais jovem e escolarizado, segundo estudo da consultoria IDados a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.

O total de trabalhadores rurais com até 29 anos é o mais alto desde 2015, 2,2 milhões no terceiro trimestre deste ano. Foi o grupo etário que mais cresceu em relação ao período anterior ao início da crise sanitária.

Já a quantidade de trabalhadores rurais com ensino superior dobrou em nove anos, em patamar recorde.

Segundo pesquisadores, a demanda aquecida e os preços em alta dos produtos da agropecuária colaboraram para o aumento dos postos.

"O campo perdeu mão de obra ao longo da história por causa da mecanização, que vai se acentuar. As novas gerações terão de ser mais treinadas", diz Bruno Ottoni, da IDados e da FGV. Mercado A12

M. Bergamo B10

Primeira vacinada contra Covid no Brasil participará de série da Netflix

Esporte B6

Copinha volta a ser esperança de jovens após temporada cancelada por vírus

EDITORIAIS A2

Chance perdida

A respeito de reformas administrativa e tributária.

Foco no cerrado

Sobre a conservação do 2º maior bioma brasileiro.

Adesivo com código para Pix para doações em banco da paróquia Santa Teresinha, em Santana, na zona norte de São Paulo Eduardo Knapp/Folhapress

ATMOSFERA

São Paulo hoje

	Hoje	Amanhã
Rio	23 31	23 32
Brasília	17 26	17 27
Ribeirão	20 27	20 28

Fonte: www.climatempo.com.br

Empresa não entrega obras no Parque Itatiaia

Após mais de dois anos da concessão à iniciativa privada, o Parque Nacional do Itatiaia, na divisa dos estados do Rio e de MG, está sem melhorias previstas em contrato. Cotidiano B1

Nova lei pode beneficiar 'rainha da corrupção'

Defesas de acusados querem que Lei de Improbidade aprovada no Congresso e sancionada por Jair Bolsonaro seja retroativa e atinja ações administrativas já abertas. Poder A4

Brasil mira latinos na volta a conselho da ONU

O país terá mandato de dois anos como membro não permanente do Conselho de Segurança, com temas relacionados à América Latina e à África como principais metas. Mundo A9

Governo desonera sem prever compensação

Lei que prorroga a desoneração da folha de pagamentos foi sancionada por Bolsonaro sem ter, no entanto, a previsão de medida para compensar a perda de receita. Mercado A13

Pix avança em missas, cultos e comércio de rua

O uso do sistema de pagamentos instantâneo Pix tem se popularizado pelo Brasil. O recurso tem sido usado em missas e cultos para coleta de dízimo e doações. Mercado A14

ISSN 1414-5723

9 771414 572018 33877

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*) e Marcelo Benez (*comercial*)

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Chance perdida

Bolsonaro deixa de lado reformas administrativa e tributária, reduzindo potencial econômico do país

Não é simples fazer reformas no arcabouço institucional de nenhum país, e o elemento básico para a sua realização é força política. Não raro, mudanças mais complexas ocorrem em início de mandato, quando o titular do Executivo conta com o endosso da urna para negociar com os demais Poderes e representantes da sociedade.

Não há projeto que vingue se o chefe de governo não tem força para defendê-lo —ou não o deseja.

As reformas tributárias e administrativas passaram 2021 à deriva no Congresso Nacional. Quem acompanhou o andamento de ambas conta com listas de percalços para explicar a frustração de ver o ano terminar sem que nenhuma delas tenha se materializado.

Os textos já saíram do Ministério da Economia com problemas —houve desencontros entre área técnica e articuladores políticos. Governistas e oposição pesaram a mão nas reformulações. Câmara e Senado divergiram em diferentes momentos e até disputaram protagonismos no vaivém de propostas.

Os lobbies contrários, dentro e fora do Estado, atuaram com força. Mas tudo isso é do jogo. Ajustes e quedas de braço fazem parte da construção do consenso que culmina com a aprovação de novos pilares legais. O que fez a diferença foi a falta de empenho do presidente da República.

Não é segredo para ninguém em Brasília que Jair Bolsonaro nunca quis a reforma administrativa. Se agisse nesse terreno seria para preservar ou até ampliar benefícios de categorias que considera base de apoio para seu governo e sua reeleição —militares e policiais.

O mandatário tampouco tem senso de urgência em relação à reforma tributária. Seu interesse na matéria limita-se à correção da tabela do Imposto de Renda das pessoas físicas, também por razões eleitorais. Trata-se de promessa da campanha de 2018 que gostaria de apresentar na próxima disputa de 2022 como uma meta já cumprida.

Paulo Guedes, ministro da Economia e, em tese, o fiador das propostas, atuou sem amparo presidencial —e desistiu de defendê-las à medida que o governo perdeu o controle da tramitação dos textos.

Cumpre lembrar que a bem-sucedida reforma da Previdência, principal feito durante a atual gestão, teve um tratamento diferente. Bolsonaro articulou para resguardar benefícios às categorias que defende, mas não eximiu seu governo de outros debates.

Parece claro que a janela de oportunidade se fechou. Em 2022, ano eleitoral, dificilmente haverá energia política para alterações legislativas complexas. E o Brasil, cuja economia não decola há uma década, terá perdido mais tempo sem enfrentar as deficiências e distorções de seu poder público.

Foco no cerrado

Expansão agropecuária deve considerar a conservação do segundo maior bioma nacional

O tema da preservação ambiental, no Brasil, sempre vai associado a desmatamento da Amazônia, fogo no Pantanal e a quase extinção da mata atlântica. Raramente vem à tona a defesa do cerrado, bioma que perdeu 8.531 km² da vegetação original em 2021, quase seis vezes a área do município de São Paulo.

O dado desanimador teve divulgação no último dia de 2021 pelo governo federal. Recorde que o governo Jair Bolsonaro retardou a divulgação de cifras de desmatamento na Amazônia na época da COP26.

Existe algo de preconceito nessa visão desfocada do cerrado, paisagem que domina o centro do país. Na estiagem, suas fisionomias campestres e florestais assumem aparência seca, um mosaico de capim, arbustos e árvores retorcidas não raro descrito como reles "mato".

É o segundo maior bioma do Brasil, contudo, e o que se chama de "hotspot": área de imensa biodiversidade sob grave ameaça. Metade do cerrado já foi destruída, ante um quinto da floresta amazônica.

A imagem de terra sem valor favoreceu a expansão imprevidente do agronegócio. Hoje a savana brasileira produz 55% da carne bovina, 49% da soja, 49% do milho, 98% do algodão e 47% da cana-de-açúcar, segundo a Embrapa Cerrados.

Foi uma façanha épica e tecnológica convertê-la no celeiro de grãos do país, a partir dos anos 1970. No entanto tal história de sucesso comportou boa dose de negligência com a devastação continuada.

Muito se fala que não seria preciso desmatar mais e que o aumento de produtividade daria conta de atender a demanda mundial. Fato é que a aquisição de áreas segue devastando o grande sertão das veredas, com destaque para a região conhecida como Matopiba.

Chegou a hora de pôr foco em ciência e tecnologia para melhorar o rendimento das terras já convertidas. A pesquisa também pode ajudar na disseminação de técnicas agrícolas —como sistemas agroflorestais e extrativismo de frutos do cerrado— mais compatíveis com a conservação do bioma.

Trio recente de reportagens na série Foco no Cerrado, publicadas em dezembro pela **Folha**, mostrou como babaçu, buriti e pequi, entre outros produtos regionais, estão melhorando a renda de agricultores familiares e fixando-os na terra.

O turismo ecológico é outra vocação do cerrado, como na Chapada dos Veadeiros. Suas cachoeiras só sobreviverão se o agronegócio entender que a preservação se faz também no seu interesse.

Brasil avacalha a matemática

Hélio Schwartsman

A matemática que nos ensinam na escola peca pela abstração. A maioria das pessoas não consegue usar a trigonometria em seu dia a dia. Já a teoria dos jogos, que quase não é ensinada nas escolas, é escandalosamente prática. Ela, afinal, pode ser descrita como o estudo das interações estratégicas entre agentes racionais. Também dá para dizer que ela expande a lógica para todos os domínios da vida.

Não é uma coincidência que, depois que Von Neumann unificou e deu nome à teoria dos jogos, em meados dos anos 40, ela se espalhou como um rastilho de pólvora. Invadiu a biologia, tomou de assalto a economia (onde produziu 11 prêmios Nobel) e deixou marcas em todas as ciências sociais. Tem ainda forte presença na ciência da computação.

A atividade policial não passou incólume. O célebre dilema do prisioneiro ilustra bem o poder que ofertas de barganha penal têm de moldar comportamentos, permitindo que se coloque a matemática a serviço do combate ao crime. Há até quem sustente que, sem mecanismos como o de delação premiada, é impossível desbaratar as quadrilhas organizadas.

O Brasil, sempre chegado a um negacionismozinho, até flertou com a ciência. As delações premiadas usadas na Operação Lava Jato produziram resultados, que se mediram em condenações inéditas e bilhões de reais recuperados para os cofres públicos. Houve, por certo, abusos, como nos processos contra Lula, que cobravam reparos. Mas a forma que o Judiciário escolheu para fazê-los foi, para usar um termo suave, destrambelhada.

O resultado prático, como mostrou reportagem de Felipe Bächtold, é que os réus que firmaram acordos de delação premiada estão hoje em situação penal pior do que aqueles que ficaram em silêncio e depois tiveram seus processos anulados. Não é preciso um Von Neumann para concluir que o recado que o Judiciário passa é: jamais colabore com a Justiça. No Brasil, avacalhamos até a matemática.

helio@uol.com.br

O macho na seção de lingerie

Stefano Volp

O homem capaz de comprar na seção de lingerie nunca saiu de extinção. Ninguém parece querer saber, mas todas as vezes que lanço esse assunto entre amigos na mesa de um bar surgem sorrisos, olhares denunciantes e há muito o que se conversar.

Consigo imaginar três motivos pelos quais um homem iria à área das calcinhas de uma loja qualquer: presentear a pessoa com quem transa, apimentar a relação ou para uso próprio. No entanto, todas essas razões parecem perturbar a bolha da masculinidade e colocar o "macho" à prova.

O primeiro motivo está terrivelmente amarrado a um mito milenar: nenhum marido compra lingerie para a esposa, mas sim para a amante. Acertado por essa flecha, o cara compromissado passa longe das calcinhas por vergonha.

O machismo então tece 300 nós para sustentar a bolha do homem no segundo motivo. Afinal, para o machista, apimentar a relação é dever da mulher. A coisa que ele deve honrar mora debaixo de suas pernas e isso já é o suficiente. Inclusive, em muitos casos, se não estiver recebendo o que quer dentro de casa, esse homem está liberado para procurar na rua.

O terceiro motivo, por fim, causa na bolha uma explosão maior que a do Big Bang. Que papo é esse? O macho hétero, que gosta de mulher, vai sentir tesão ao vestir uma lingerie...? Ora, o macho gay, que gosta de homem, também não se sente autorizado a isso (pasmem, héteros). É tudo "coisa de mulher".

Acho curioso que todas as razões citadas aqui estejam ligadas ao olhar do outro, da pessoa que vai passar na seção e te olhar, da atendente que vai se aproximar, de uma avaliação que, na maioria das vezes, nunca vai chegar.

Aí, enquanto corremos das rendas, dos bojos e dos fios dentais, milhares de mulheres compram cuecas para seus maridos, filhos, namorados, se bobear até para amigos e pais. Mas não seriam elas as frágeis e delicadas? Bom, o homem tem mesmo é que ser repensado. Rapazes, levem esse papo adiante.

A história sem registro

Ruy Castro

"Get Back", a série de Peter Jackson sobre a última vez que os Beatles se juntaram para trabalhar, é o sucesso do momento. A única pessoa de minhas relações que ainda não o viu sou eu —não por falta de interesse, mas de tempo. Além disso, como ele está no streaming, imagino que esperará até que eu me libere do serviço. Pelo que sei, é uma maravilha de quase nove horas de duração, envolvendo a gravação dos álbuns "Abbey Road" e "Let It Be" e o concerto no famoso terraço em Londres. Na época, janeiro de 1969, os jornais e revistas só falavam disso. Ninguém imaginava que, 52 anos depois, aqueles sons e imagens chegariam até nós.

Ótimo para a história da música popular e para as novas gerações, que estão tendo acesso às intimidades de um formidável grupo do passado. Só lamento que, num passado ainda mais remoto, nem os americanos tivessem condições de fazer o mesmo com artistas tão essenciais em seu tempo quanto os Beatles nos anos 60.

Pelos copiosos áudios de que dispomos e, no máximo, algumas fotografias, só podemos imaginar Louis Armstrong em 1927, pouco depois de trocar o cornet pelo trompete, gravando "Potato Head Blues" com Johnny Dodds à clarineta e Kid Ory ao trombone. Ou Duke Ellington e sua orquestra no Cotton Club, em 1930, já com os metais em surdina fazendo wa-wa e o glorioso Johnny Hodges ao sax-alto. E não seria extasiante ver Billie Holiday, aos 20 anos, em 1935, cantando "If You Were Mine", com Teddy Wilson ao piano?

Alguém terá filmado o concerto de Benny Goodman no Carnegie Hall em 1938, a primeira vez que se ouviu jazz num espaço "nobre"? E haverá pelo menos um caco de filme com Charlie Parker, Dizzy Gillespie e Thelonious Monk inventando o bebop nas madrugadas da rua 52, em Nova York, em 1942?

Não. Nada disso existe. Eles ainda não eram importantes. Só nos resta ouvir os discos, fechar os olhos e dar curso à nossa capacidade de sonhar.

A República de Pinóquio

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

É provável que o maior enfrentamento público neste ano de 2022 seja o combate à mentira. Fake news proliferam, mas já não se trata apenas de "notícias".

Há algo maior, que Manoel Maria Du Bocage, um dos maiores poetas líricos portugueses do século 18, passando algum tempo em Goa, atribuiu a uma distorção coletiva de caráter.

De dentro das intrigas locais, ele escreveu numa carta: "Gente ruim, essa de Goa. Chamaram-me de puto e mo provaram". Fica evidente que o poeta queria rebater uma difamação.

Mas o ambiente famosamente mesquinho daquele enclave luso ajustava-se a uma das tiradas irônicas de Millôr Fernandes: "Jamais diga uma mentira que não possa provar".

Em termos lógicos, mentira é afirmação ou negação de um fato que confunde deliberadamente o falso com o verdadeiro. Não é o mesmo que erro, pois este tem uma relação com a verdade, enquanto a mentira caminha só, seduzida por si mesma.

Uma ilustração popular é dada por Pinóquio, o mentiroso boneco de madeira imaginado pelo italiano Carlo Collodi no século 19.

É uma história ao mesmo tempo infantil e adulta. Aliás, hoje tão relevante que sugere a hipótese de um "princípio de Pinóquio", tanto na inverdade sistemática das redes como na vida ao redor.

O fenômeno desdobra-se entre nós: com o Orçamento da União corrompido, o discurso público da anticorrupção torna-se automaticamente mentiroso; governo e parlamento articulam um inaudito "veto-de-mentira"; empresas de conteúdo audiovisual faturam apenas o falso; a desinformação caluniosa respalda o arbítrio policial contra instituições e pessoas.

A novidade nessas fraudes, que antes pareciam ao menos temer as aparências, é a sua ruindade acintosa, como no samba de Vanzolini: "Mente/ Ainda é uma saída / É uma hipótese de vida...".

De fato, mente-se de portas abertas e janelas escancaradas, com "provas", como na Goa depreciada pela sátira do poeta.

Só que a gravidade das distorções de agora tem de ser avaliada em termos político-sociais, pois atentam contra o pacto fiduciário que está na base de toda e qualquer organização civil.

É corrosiva de caráter a liquefação da confiança no que se diz em alta voz.

Por isso, o problema vai além dos factoides de mídia, chegando à mentira sistemática como crise de sociedade: de natureza moral, por ameaçar o consenso civilizado sobre a verdade; republicana, por colidir com o imperativo de transparência, inerente à democracia real.

O princípio de Pinóquio é ovo de serpente neofascista.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Uma resposta aos desastres

Sem ações de prevenção, danos serão ainda piores

Flávia Scabin, Mário Monzoni e Thiago Acca

Professora da FGV Direito SP e coordenadora do Centro de Direitos Humanos e Empresas da FGV (FGV CeDHE). Professor da FGV-Eaesp e coordenador do Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV (FGVces) e Professor da FGV Direito SP e coordenador de projetos do FGV CeDHE

Em 1952, Londres foi invadida por uma densa fumaça tóxica, fruto da combinação de emissão de dióxido de enxofre, clima frio, ausência de vento e um anticiclone. O evento matou ao menos 4.000 pessoas e é considerado uma das maiores tragédias ambientais da Inglaterra. Em setembro de 2021, Nova York sofreu com enchentes de enormes proporções em razão do furacão Ida. As cenas de pessoas desesperadas dentro de ônibus e carros diante da água subindo pelas ruas ou inundando as linhas de metrô mais pareciam saídas de um filme hollywoodiano. Já em dezembro deste ano, dezenas de municípios na Bahia são profundamente afetados pelas enchentes, que estão trazendo perdas humanas, sociais, econômicas e ambientais.

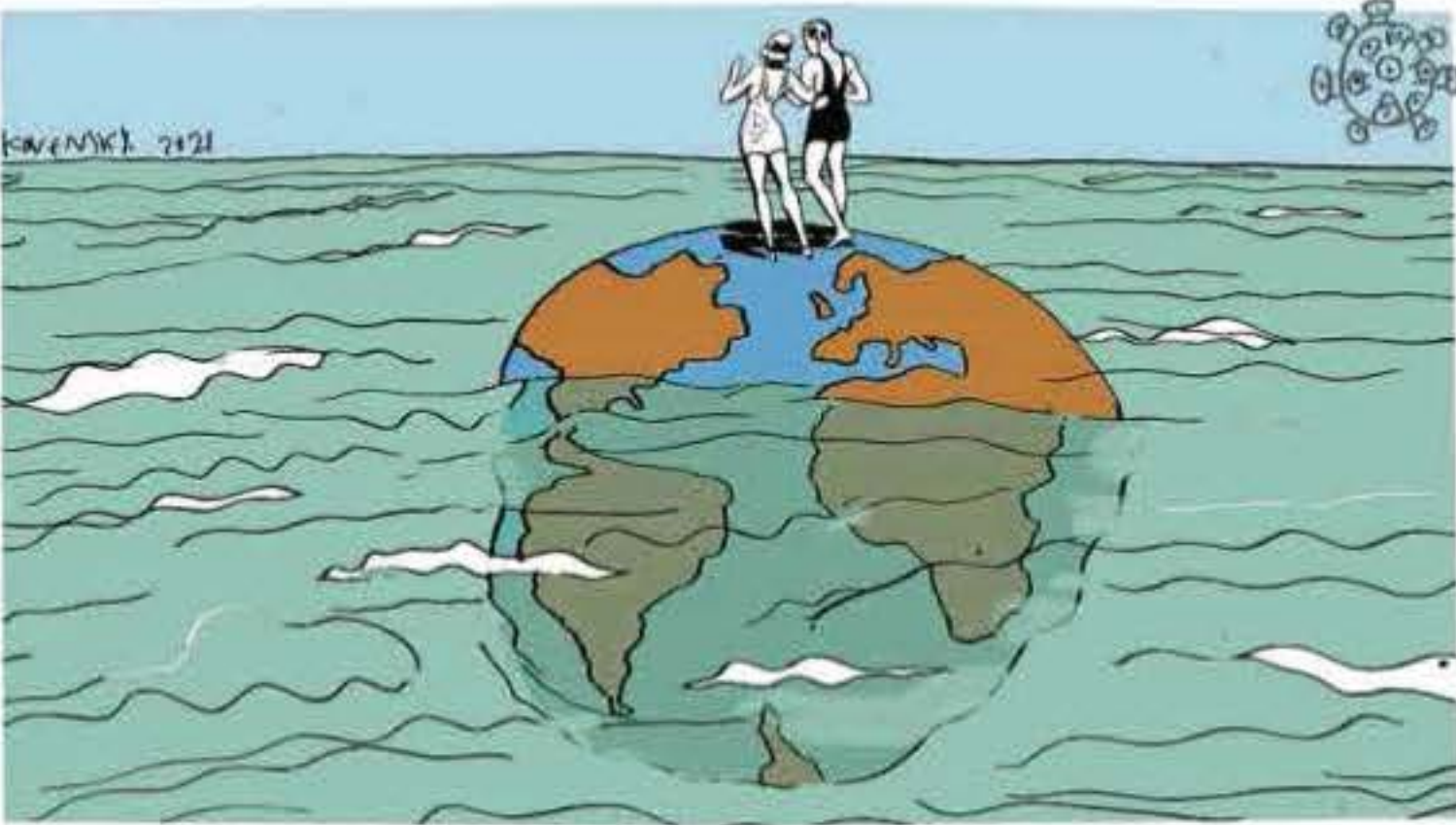
Embora desastres como o ocorrido na Bahia sejam qualificados como "naturais", isso de forma alguma significa que são obra do acaso. Os desastres são o resultado da interação entre eventos perigosos e condições preexistentes. Dessa forma, as suas consequências podem variar a depender das condições de exposição ao risco, das situações de vulnerabilidade e das capacidades existentes para lidar com o desastre. Os que estiverem menos preparados sofrerão as piores consequências.

Nas últimas décadas, catástrofes vêm sendo cada vez mais frequentes e intensas. Essa realidade nos traz uma pergunta: o que fazer para evitar os seus impactos? A ONU desenvolveu uma abordagem para reduzir o risco de desastres, bem como para a gestão após a sua ocorrência. Essa abordagem conta com diversas fases. Gostaríamos de abordar aqui três delas.

A primeira fase se refere à implementação de ações de prevenção. No caso de enchentes, que passarão a ser cada vez mais reincidentes com o aquecimento global, a sociedade ainda não deu a devida atenção à urgência de medidas de adaptação. Embora o Brasil tenha instituído o Plano Nacional de Adaptação à Mudança do Clima, em 2016, com o objetivo de promover a redução da vulnerabilidade e realizar uma gestão do risco associada à mudança do clima, a sua implementação ainda é deficiente. Em seu "Quadro 6. Regiões do Brasil e as principais características relacionadas aos desastres naturais", ao elencar os principais tipos de desastres para a região Nordeste, o plano cita: "as secas (...) e as inundações (graduais ou bruscas) se destacam pela magnitude dos impactos" devido a características tais como "alta variabilidade interanual de chuvas e baixa capacidade de armazenamento de água no solo". Ali já se alertava que, no Nordeste, as "regiões metropolitanas são muito expostas e vulneráveis a inundações, desalojando e desabrigando muitas pessoas e causando significativo número de óbitos", fazendo da região a com o maior número de pessoas atingidas por desastres (47,63%).

A segunda etapa diz respeito à estruturação de respostas imediatamente após os desastres. Em geral, os indivíduos nesse momento enfrentam dificuldade de acesso à água potável, alimentação e moradia. Essa etapa visa garantir as necessidades básicas, em especial para os grupos em situação mais vulnerável, como idosos, crianças e pessoas com deficiência, já que as consequências tendem a ser mais graves nesses casos.

A terceira fase é a reconstrução. Ela tem por objetivo recuperar a economia, o meio ambiente, as relações sociais. O que se espera, na forma que apresenta o Marco de Sendai para Redução do Risco de Desastres —adotado na Conferência Mundial sobre Redução do Risco de Desastres, em 2015—, é que a reconstrução precisa ser capaz de superar os estados pré-desastre em relação às condições de segurança e à sustentabilidade das comunidades, em busca de resiliência a fim de que o ciclo se rompa, aumentando a capacidade de resposta de uma determinada comunidade caso um novo desastre ocorra no mesmo território.

Desastres naturais continuarão ocorrendo e, provavelmente, serão mais frequentes e com maior intensidade. Há abordagens já pensadas para lidar com o problema. É preciso implementá-las urgentemente.

Martin Kovensky

Tchau, Covid?

O que terá mudado ou ficado de nós após tudo isso?

Becky S. Korich

Advogada, dramaturga e cronista do blog www.quarentenando.com

Quando pensávamos que o bicho tinha se cansado de nós, ele aparece com uma nova letra grega. Pouco sabemos sobre a nova variante ômicron, mas graças às vacinas tudo indica que ela não nos fará retroceder. O comprovante vacinal, a exigência de testes, a (ainda) obrigação de máscaras em ambientes abertos —nada disso está impedindo a volta da normalidade. Prova disso são os voos lotados, a retomada das atividades culturais, mais pessoas nas ruas.

Acontece que o vírus se mostrou tão impiedoso que não vai se contentar apenas com os estragos que já causou. Vai abandonar o barco e jogar no nosso colo a difícil tarefa de redefinir a normalidade e nos devolver toda a responsabilidade pelos problemas que a ele terceirizamos. Quilos extras, compulsões, depressões, bebedeiras, traições, contradições. A falta de foco e educação das nossas crianças, as 18 horas por dia que passamos olhando para uma tela, a forma que aprendemos a nos relacionar sem nos relacionar. A preguiça de sair de casa, vestir sapatos, ir a reuniões, cumprimentar com beijinhos e milhares de novas preguiças que afloraram.

E nessa transição surgem algumas perguntas: o que terá mudado ou ficado de nós depois de tudo isso? Qual dos mundos vamos escolher? Ou, para os simplistas: vamos ter Carnaval? Será igual a outros carnavais?

Perpetuar o mundo minimalista em que fomos forçados a viver, nos contentando só com o básico, desprendidos do que não é essencial, pode parecer uma ideia linda. Tão linda quanto tediosa. Impensável.

Por outro lado, é pouco provável que recuperemos a vida no estado em que a deixamos antes do vírus. O tempo não congelou. Sentimos coisas diferentes, experimentamos coisas novas, e isso nos afetou mesmo sem a gente perceber.

Nos enjoamos de fazer pães caseiros, voltamos a terceirizar a limpeza de casa, a dar importância a coisas sem importância, a brigar por coisas pequenas por puro amor a brigas. E, mais do que nunca, estamos fincados às nossas posições, o que faz com que quem pense diferente seja inimigo. Desglamourizamos, enfim, a ideia de que sairíamos dessa mais elevados.

Mas alguma coisa tem que mudar. Nem que seja algo ínfimo, individual, imperceptível aos olhos dos outros. Pelo menos uma partícula do sonho de uma vida mais significativa tem que restar desse pesadelo. O sonho da soma dos dois mundos.

A possibilidade da vida de antes, com uma dose do minimalismo vivenciado. Algo como ir a uma festa de chinelo, não precisar ter 80 amigos para ter 5 bons amigos, levar uma vida natural, porém não automática.

Não nos sufocarmos com compromissos para nos sentirmos produtivos, não precisar de tanto, pois é na simplicidade que se encontra a mais fina sofisticação.

Ter o vírus dominado e continuar com nossas preguiças e desordens existenciais, sem precisar dele como escusa para justificá-las.

Conseguirmos ser contidos e ao mesmo tempo nos permitir extrapolar, mesmo sabendo que virá uma ressaca no dia seguinte.

Quando todas as letras gregas desse vírus se forem, que consigamos sonhar o impossível. E isso já terá sido a cura.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

ASSUNTO QUAL MENSAGEM DE ESPERANÇA VOCÊ QUER MANDAR PARA 2022?

Que o tempo seja gasto na concórdia, que a tolerância seja presente, que o exercício do corpo seja prazeroso e, sobretudo, que nossas atitudes e ações em 2022 sejam uma homenagem a todos aqueles que não conseguiram sobreviver ao ano que... passou!
Jahy Borges Carvalho (São Paulo, SP)

*

Lula 2022.
Yago Carvalho Baldin (São Paulo, SP)

*

A cada 22 o Brasil pinta uma cara nova. Em 1822 vieram os primeiros passos como nação soberana. Em 1922, a Semana da Arte Moderna fez vibrar um país mais inspirado. Agora, o bicentenário da Independência vai marcar o reencontro de todo um povo consigo próprio.
Ramon Schiavon (Ubá, MG)

*

Que este seja o último ano de um governo fascista e negacionista em nosso país e que possamos tirar importantes lições dessa história para que ela jamais se repita.
Fernanda Fontes Arruda (Sorocaba, SP)

*

Além de "Fora, Bolsonaro!", quero a volta da democracia, pretos nos aviões, babás na Disney e a senzala no museu.
Alberto Viana de Campos Filho (Salvador, BA)

*

Lula será eleito no primeiro turno!
Gabriela Escobar (Lisboa, Portugal)

*

Em 2022, a institucionalização do trabalho remoto melhor e mais estruturado? Vai ter sim!
Liana Forischi (Curitiba, PR)

*

Que as pessoas não percam as esperanças de dias melhores. Mas não adianta ficar reclamando do passado sem vislumbrar o futuro. Seja proativo e o protagonista de suas ações. Lute com fé e vencerás. A busca tem que ser cotidiana; isso fará a diferença na sua vida.
Anísio Pereira de Souza (Santa Bárbara d'Oeste, SP)

*

Lula está chegando, e esse momento tenebroso de nossa história ficará para trás. Não percam a esperança, o Brasil próspero, alegre e resiliente voltará com força!
Laura Brotoni Santana (São Paulo, SP)

*

Quero que os brasileiros tenham muita responsabilidade na hora de votar.
Rosana Aparecida da Silva (Goiânia, GO)

*

A mensagem de esperança é que Bolsonaro perca a eleição; o resto será só consequências. Porque aguentar o Bolsonaro mais quatro anos matará qualquer esperança.
Stanley Durelian (Foz do Iguaçu, PR)

*

Que o peso do negativismo desapareça, dando lugar à esperança de um novo ano repleto de confiança e com união em favor de um um país mais justo.
Nize Pires da Silva (São Paulo, SP)

*

A minha mensagem de esperança para 2022 é que a pobreza no Brasil diminua radicalmente, pois crianças estão vendo seus pais chorarem todos os dias por não conseguir colocar um pedaço de pão na mesa.
Camilla Yumi Endo (Maringá, PR)

*

Sejamos otimistas com o novo ano: temos a oportunidade de nos livrar desse governo inominável!
Eurico Ugaya (São Paulo, SP)

*

População vacinada e eleições. A esperança está aí, em um 2022 que promete saúde e nova política. Bons ventos se avizinham.
Fabíola Sucasas Negrão Covas (Bragança Paulista, SP)

*

ForaBolsonaro, no primeiro turno.
Valéria Michielin Vieira (Rio de Janeiro, RJ)

*

Um Brasil sem fome, sem ódio, sem feminicídio e com mais empregos e mais investimentos na educação.
José Afonso Gonçalves (Volta Redonda, RJ)

*

Muita vacina e valorização da ciência e do conhecimento. Empatia, tolerância e gentileza.
Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro (Niterói, RJ)

*

Que o Brasil fique livre de Bolsonaro e volte a ser um país de respeito, sério.
Aluísio Barbosa (Volta Redonda, RJ)

*

Venci a Covid e desejo que sejamos esperança e fé com a vacina e que o mundo possa se abraçar.
Marcos Antonio Soares da Silva (Recife, PE)

*

Em 2022 ficaremos livres deste desgoverno.
Cristina Sudbrack Vidigal (Brasília, DF)

Temas mais comentados pelos leitores no site

De 24 a 31 dez · Total de comentários: **13.283**

- 586 — Lula e o manto da impunidade - Catarina Rochamonte (Opinião) **26.dez**
- 392 — Moro diz que Lava Jato combateu PT de forma eficaz, mas recua (Poder) **29.dez**
- 339 — Defesa gasta verba da Covid para comprar filé mignon e picanha, diz TCU (Cotidiano) **26.dez**

OUTROS ASSUNTOS

Colunistas

Com "Moro, o mala do ano", no primeiro dia do novo ano, Mario Sergio Conti lavou a alma dos brasileiros cansados de gente chata.
Imad Nasser (São Paulo, SP)

A Folha conseguiu a proeza de reunir na mesma página um artigo excelente da neurocientista Suzana Herculano-Houzel ("Cérebros conservadores e liberais") com outro, logo abaixo, de Marcos Nogueira ("O vagabundo vai ao bar na praia"), que, como de hábito, é totalmente sem nexo.
Celso Lima (São Paulo, SP)

Economia

Maravilhoso o debate sobre a economia do Brasil em 2022 (Tendências/Debates, 1º/1), com dois economistas igualmente liberais. A única diferença é que um é colado no Paulo Guedes e outro, não. Baita espaço para debater visões diferentes, né?
Rafael Simi (São Paulo, SP)

GUIA (31.DEZ., PÁG. B11) O edifício Mirante do Vale não está localizado na rua Pedro Lessa, como indicou o texto "Conheça dez lugares badalados abertos em São Paulo neste ano". O endereço correto é praça Pedro Lessa, 110.

poder

PAINEL | Guilherme Seto (interino)

painel@grupofolha.com.br

Rá-tim-bum

No mês em que Jair Bolsonaro (PL) inicia o último ano de seu mandato presidencial, a investigação sobre Wal do Açaí, a funcionária fantasma que ele empregava em seu gabinete na Câmara dos Deputados, completa três anos e meio sem conclusão. Nesse período, Walderice Santos da Conceição reformou sua loja na Vila de Mambucaba, teve péssimo desempenho na candidatura a vereadora de Angra dos Reis (RJ) e foi nomeada para um cargo que continua exercendo na prefeitura da cidade.

GRANOLA Em 2018, a Folha revelou que o então deputado usava verba da Câmara para ter Wal como assessora, que trabalhava vendendo açaí e prestava serviços particulares a Bolsonaro durante horário de expediente da Câmara.

GAVETA O procurador responsável pelo caso, João Gabriel Queiroz, chegou a se afastar em dezembro de 2019 para fazer mestrado na Espanha. No período, o procedimento passou por gabinetes, mas ninguém tocou o inquérito.

SEGREDO Questionada pelo Painel, a Procuradoria da República do DF disse, por meio da assessoria de imprensa, que o caso tramita sob sigilo.

CARDÁPIO Em SP, a ala originária do DEM da União Brasil tem hoje três nomes como sugestões de vice para Rodrigo Garcia (PSDB) nas eleições do ano que vem: Milton Leite, presidente da Câmara de SP, Alexandre Leite, deputado federal e filho de Milton, e o médico Cláudio Lottenberg.

ALIADOS Leite e Lottenberg são próximos de João Doria (PSDB), que será candidato à Presidência em 2022.

1 A 0 A decisão pelo apoio a Garcia foi uma vitória do grupo de Leite, já que Júnior Bozzella, liderança do PSL (que se fundiu ao DEM para gerar a União Brasil), costurava alternativas, como uma possível aliança com Geraldo Alckmin.

CHOQUE Bozzella disse ao Painel em dezembro que, com a concretização do apoio da União a Garcia, ele seria o indicado a vice na chapa para 2022.

TURMA A ex-senadora Heloísa Helena (Rede-AL) estuda lançar candidatura coletiva à Câmara pelo DF em 2022.

ONDE Helena, que trabalha com Randolfe Rodrigues (Rede-AP), evita falar sobre a candidatura coletiva, mas admite a mudança de domicílio eleitoral e diz que há dúvida entre Rio de Janeiro e Brasília, com preferência pela última.

MANDA... O presidente do STF, Luiz Fux, derrubou decisão do TCU (Tribunal de Contas da União) e autorizou o governo federal a comprar R$ 310 milhões de imunoglobulina humana 5G, remédio usado para tratamento de diversas doenças, entre elas o HIV.

...BRASA O magistrado citou o risco de desabastecimento do SUS e liberou a assinatura do contrato com a Nanjing Pharmacare, da China.

PARE O plenário do TCU havia determinado a suspensão da aquisição sob o argumento de que a empresa que venceu o pregão eletrônico do Executivo apresentou preços 36% superiores aos dos concorrentes.

PIMENTA Em meio ao esfriamento da aproximação entre PT e PSB para construção de chapa com Lula e Geraldo Alckmin, o deputado estadual Caio França (PSB-SP), filho de um dos articuladores da aliança, Márcio França (PSB), publicou mensagens que não caíram bem entre petistas.

LEITURA Na primeira delas, vista como cutucada, Caio divulgou foto com livro de Ciro Gomes (PDT), que tem antagonizado com o PT. Segundo reportagem de O Estado de S. Paulo, o PSB abriu conversas com o PDT nesse período de desacerto com o PT.

HISTÓRICO Na segunda delas, Caio diz que acionará a Justiça contra determinação em SP para que os PMs não usem imagens da corporação nas redes sociais. Ações da PM estiveram entre os principais momentos de desgaste entre as gestões Alckmin e França e os petistas em São Paulo.

PESO O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) calcula que a campanha Natal Sem Fome, que tem como alvo famílias em situação de insegurança alimentar, atingirá a marca de mil toneladas de alimentos doados até quinta-feira (6). Pesquisa Datafolha mostrou que a falta de comida afeta quase 40% dos brasileiros de baixa renda.

TIROTEIO

> Começou o ano das eleições mais cruciais das nossas vidas. Ano de derrotar Bolsonaro e de fazer triunfar a democracia

De Alessandro Molon (PSB-RJ), líder da oposição na Câmara dos Deputados, a respeito da importância das disputas políticas em 2022

com Matheus Teixeira

GRUPO FOLHA

FOLHA DE S.PAULO ★★★

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 742,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 935,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.180,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.269,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.581,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
358.659 exemplares (novembro de 2021)

Nova Lei de Improbidade pode beneficiar um ex-Lava Jato e 'rainha da corrupção'

Defesas querem que lei aprovada no Congresso e sancionada por Bolsonaro seja retroativa e atinja ações administrativas já abertas

José Marques

O procurador Diogo Castor Mattos Divulgação/MPF

SÃO PAULO De um ex-integrante da Lava Jato a uma fiscal aposentada que foi chamada por um delator de "rainha da corrupção", defesas têm proposto a reversão de PADs (processos administrativos disciplinares) de seus clientes com base na aplicação retroativa da nova Lei de Improbidade Administrativa.

Essas ações disciplinares podem resultar em sanções como a demissão ou a perda da aposentadoria e são reguladas por legislação específica.

No entanto, há entendimento entre advogados de que o previsto na Lei de Improbidade pode afetar esses procedimentos. Além disso, normas mais benéficas podem retroagir para favorecer acusados.

Como a nova Lei de Improbidade afrouxa normas da legislação anterior, mesmo antes da sanção do presidente Jair Bolsonaro, em 26 de outubro, defesas já anteviam a possibilidade de recursos.

Essa era uma das possibilidades estudadas pela defesa do procurador da República Diogo Castor de Mattos, ex-integrante da força-tarefa da Lava Jato do Paraná, que teve a pena de demissão aplicada pelo CNMP (Conselho Nacional do Ministério Público).

Castor bancou um outdoor em Curitiba em homenagem à operação, e por 6 votos a 5 o plenário do CNMP considerou que ele cometeu ato de improbidade administrativa.

Ele foi membro da antiga força-tarefa de Curitiba e cedeu cerca de R$ 4.000 em recursos próprios para a viabilizar propaganda colocada na saída do aeroporto da capital paranaense no início de 2019, como uma forma de celebrar os cinco anos da investigação.

Porém, deve haver uma ação de perda de cargo para que haja essa demissão. A defesa vinha argumentando que a nova Lei de Improbidade Administrativa menciona proibição a autopromoções que usem "recursos do erário", e que ela pode ser aplicada retroativamente ao caso do procurador.

No Tribunal de Justiça de São Paulo, uma funcionária sob suspeita de enriquecimento ilícito tem tentado, ainda sem sucesso, considerar os efeitos da nova lei tanto em uma ação civil pública em que é acusada de improbidade quanto em PAD que tenta cassar sua aposentadoria.

Ideli Dalva Ferrari, que era fiscal de rendas da Secretaria da Fazenda e se aposentou em 2016, é acusada pelo Ministério Público de São Paulo de improbidade em uma ação civil apresentada em 2018 pelo promotor Marcelo Milani.

Embora Ideli tivesse uma remuneração de aproximadamente R$ 13 mil antes da aposentadoria, a Promotoria afirma que ela e familiares compraram 44 imóveis e movimentaram R$ 10 milhões, sem comprovar a origem do dinheiro. Parte das transações usou dinheiro em espécie.

Além dessa ação civil, Ideli foi mencionada na delação de Ananias José do Nascimento, um ex-agente fiscal de rendas envolvido na máfia do ICMS —esquema de pagamentos de propinas de empresas a agentes públicos para evitar cobranças tributárias. Segundo Ananias, Ideli era conhecida como "rainha da corrupção" na Secretaria da Fazenda.

O advogado de Ideli Ferreira, Aristides Zacarelli Neto, afirma que sua cliente não cometeu qualquer irregularidade.

"O caso dela é emblemático, porque não obstante ela ter o apelido de 'rainha da corrupção', é importante lembrar que não há nenhuma ação penal contra ela. Ao contrário, a investigação feita pelo Ministério Público foi arquivada", afirma Zacarelli.

Na nova Lei de Improbidade, foi eliminada a possibilidade de sanção por irregularidades "culposas" —agora será preciso a acusação comprovar que houve dolo (quando há intenção ou se assume o risco de cometer o ilícito).

É com base principalmente nesse argumento, de que a acusação não apontou dolo, que a defesa de Ideli tem tentado anular suas ações.

"A gente entende que a nova lei [de improbidade] se aplica sim ao caso dela, seja no âmbito do processo administrativo, seja no âmbito da própria ação civil pública. O que a gente pretende fazer é utilizar todos os argumentos legais para que seja aplicada a nova legislação", diz o advogado.

"Ela tem um patrimônio que foi adquirido antes mesmo de ela entrar na Secretaria da Fazenda e o patrimônio dela é absolutamente compatível com os rendimentos que ela recebeu e ainda recebe", acrescenta. "Isso está mais do que demonstrado nos autos. Então não há dolo. Dolo do quê? De ela ter amealhado patrimônio?"

O entendimento dele, porém, é diferente do exposto pelo desembargador Paulo Barcellos Gatti em recurso apresentado pela defesa.

"O 'descompasso' entre a evolução patrimonial do servidor e a remuneração por ele percebida no cargo permanece qualificado como ato passível de caracterizar improbidade por enriquecimento ilícito", afirmou o desembargador.

"Imprescindível considerar que a Administração Pública em nenhum momento imputou à ex-servidora a prática de atos destituídos do dever objetivo de cuidado [culpa]", disse o magistrado.

"Ao revés, destacou-se, ao longo de toda a apuração preliminar, a voluntariedade e a consciência (dolo elemento subjetivo do tipo) da ex-servidora na acumulação de patrimônio pessoal, o qual aparenta estar desalinhado da capacidade proporcionada por seus ganhos habituais, podendo ter sido fruto direto de vantagens indevidas percebidas em razão do exercício da função pública."

A retroatividade da nova Lei de Improbidade tem sido motivo de diversas discussões. A Câmara de Combate à Corrupção do Ministério Público Federal aprovou uma nota técnica orientando os procuradores que, em seu entendimento, a nova Lei de Improbidade não é retroativa.

Para o Ministério Público, a retroatividade dessas ações vai de encontro à Constituição Federal.

Advogados procurados pela reportagem têm uma visão diferente da dos procuradores.

"As novas regras processuais se aplicam de imediato e as novas regras de direito material mais benéficas se submetem ao princípio da retroatividade em benefício do acusado ou infrator", afirma a advogada Cecília Mello, que foi juíza do TRF-3 (Tribunal Regional Federal da 3ª Região).

"Não me parece haver margem para discussão diante das disposições constitucionais que regem o tema e do próprio texto da lei."

O advogado Eduardo Alexandre Guimarães diz que a condenação por improbidade tem natureza jurídica de pena e tem sido tratada pela doutrina mais moderna, inclusive pelo STF (Supremo Tribunal Federal), como um subsistema do direito penal.

"Sendo uma norma verdadeiramente penal, a lei de improbidade administrativa deve retroagir para beneficiar o agente acusado", afirma.

O QUE MUDA NA LEI

Descrição dos atos de improbidade
O texto traz definições mais precisas sobre as hipóteses de improbidade e prevê que não configura improbidade a ação ou omissão decorrente da divergência interpretativa da lei

Forma culposa de improbidade
Passa a existir apenas a modalidade dolosa (situações nas quais houve intenção de praticar a conduta prejudicial à administração). A medida deve promover redução significativa nas punições, pois é muito mais difícil apresentar à Justiça provas de que o agente público agiu conscientemente para violar a lei

Titular da ação
O Ministério Público terá exclusividade para a propositura das ações

PF desiste de delegacia em reduto de ex-líder

Verba chegou a ser liberada para unidade da polícia em Petrolina (PE), base do senador Fernando Bezerra Coelho

Camila Mattoso e Fabio Serapião

BRASÍLIA E SÃO PAULO As atuais gestões do Ministério da Justiça e da Polícia Federal cancelaram a criação de uma delegacia em Petrolina (PE).

A cidade é base eleitoral do ex-líder do governo de Jair Bolsonaro no Senado, Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE).

A instalação da delegacia tinha sido autorizada quando André Mendonça, atual ministro do STF (Supremo Tribunal Federal), era titular da pasta.

Um imóvel para abrigar a delegacia chegou a ser escolhido, após chamamento público, e um contrato de aluguel foi redigido, mas o projeto não vai mais sair do papel.

Os planos começaram a ser feitos em julho de 2020, a pedido da então superintendente de Pernambuco, Carla Patrícia, que alegou ser importante substituir a sede da PF no Sertão Pernambucano, trocando Salgueiro por Petrolina, que fica a 720 km do Recife.

Em documento para embasar a solicitação de mudança, ao qual a **Folha** teve acesso, a delegada argumentou que a unidade em Salgueiro foi criada apenas por ser ali o "polígono da maconha".

Ela alegou que há anos a Polícia Federal vem realizando na região operações de erradicação para combater o ilícito, não havendo necessidade de manter uma estrutura no local. Há também entre as razões apresentadas a alta rotatividade do efetivo.

Para defender Petrolina como nova sede do sertão do estado, Carla Patrícia argumentou tratar-se da cidade de maior destaque e importância da região, a sexta mais rica de Pernambuco, onde instalaram-se redes de escolas particulares, do setor hoteleiro e de gastronomia.

Além disso, segundo ela, há um aeroporto no município por onde passam 1.600 pessoas por dia e mais de dez toneladas de carga aérea.

Os planos mudaram com Anderson Torres no Ministério da Justiça e Paulo Maiurino no comando da PF.

A criação da nova unidade estava prevista para julho deste ano, mas, em 11 de maio, o Ministério da Justiça pediu à PF uma reanálise da intenção por causa do "cenário de restrição orçamentária".

No mês seguinte, em 14 de junho, a PF se manifestou contrária à nova delegacia por meio de um despacho assinado pelo gabinete de Maiurino.

O senador Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE), ex-líder do governo de Jair Bolsonaro Waldemir Barreto - 21.ago.2019/Agência Senado

> Considerando os novos objetivos estratégicos da Polícia Federal, o presente projeto não se encontra entre as demandas prioritárias, conforme definido em reuniões de diretores
>
> **Polícia Federal**
> em manifestação contrária à abertura de delegacia em Petrolina (Pernambuco)

"Considerando os novos objetivos estratégicos da Polícia Federal, o presente projeto não se encontra entre as demandas prioritárias, conforme definido em reuniões de diretores", escreveu a direção.

O despacho em que o gabinete de Maiurino informa que o projeto deixou de ser prioridade, porém, não traz informações sobre os motivos e apenas indica a definição feita em reunião com diretores.

A nova delegacia aumentaria as despesas da PF em cerca de R$ 600 mil. Como não havia recursos, foi feito um pedido de suplementação de crédito, o que foi autorizado.

"Informamos que existe espaço orçamentário para suportar a contratação pretendida, devendo a SR/PF/PE utilizar esse Despacho como Declaração de Disponibilidade Orçamentária", consta em documento assinado pelo coordenador de Orçamento, Finanças e Contabilidade da PF, em abril, dias antes de o Ministério da Justiça questionar as restrições orçamentárias.

Em 21 de julho, porém, a PF em Pernambuco arquivou a criação da nova delegacia.

O ex-líder do governo Fernando Bezerra foi alvo de investigações da PF nos últimos anos. Em junho, a polícia indiciou o senador e um de seus filhos, o deputado Fernando Coelho Filho (DEM-PE), por suspeita dos crimes de corrupção, lavagem de dinheiro, associação criminosa, falsidade ideológica e omissão de prestação de contas.

Também nesse ano, a Polícia Federal pernambucana deflagrou uma operação contra desvios na Prefeitura de Petrolina, comandada por Miguel Coelho (DEM), filho de Bezerra Coelho.

Como a **Folha** mostrou em dezembro, enquanto era líder do governo no Senado o congressista foi o responsável por endereçar R$ 330 milhões à regional do órgão federal Codevasf em Petrolina, em um período em que o filho dele prefeito da cidade busca candidatura ao governo estadual.

Em relação a 2019, o valor de cerca de R$ 180 milhões foi repassado por meio da indicação do senador com a utilização de um mecanismo chamado termo de execução descentralizada (TED).

O presidente da Codevasf, Marcelo Andrade, usou a expressão "recursos extra parlamentares" para se referir à indicação de parte desse valor, em documento de dezembro de 2019, segundo papéis obtidos pela **Folha** via Lei de Acesso à Informação.

Já em 2020 a destinação de R$ 150 milhões ocorreu por meio das chamadas emendas de relator, que são atualmente a peça-chave do jogo político em Brasília responsável pela sustentação da base aliada de Bolsonaro no Congresso. A modalidade foi incluída no Orçamento de 2020 pelo Congresso, que passou a ter controle de quase o dobro da verba federal de anos anteriores.

Problemas em reforma levaram a desistência, diz PF

OUTRO LADO

Em nota enviada pela sua assessoria de imprensa, a Polícia Federal afirma que problemas na reforma da sede da corporação em Pernambuco acabaram levando à desistência da instalação da delegacia em Petrolina.

Segundo a Polícia Federal, "após a declaração de disponibilidade orçamentária, a Superintendência da Polícia Federal em Pernambuco teve dificuldades com a construtora vencedora da licitação para a reforma da sede da PF no estado e, como o orçamento para a obra estava inscrito em restos a pagar, a verba foi cancelada sem a possibilidade de aproveitamento. Com o incidente, foram realizados estudos pela administração local para construção de uma nova sede da SR/PE, o que acarretou impactos orçamentários relevantes".

"Diante desse novo cenário, foram realizados novos contratos de locação para abrigar o contingente dos servidores e colaboradores em um edifício comercial com o pagamento de condomínio, que aumentou sobremaneira as despesas da SR/PE, fazendo com que a Coordenação-Geral de Orçamento e Finanças da PF tivesse que aumentar a cota da unidade", afirma a PF.

"A cidade de Petrolina/PE já é coberta pela Delegacia de Polícia Federal em Juazeiro/BA, município limítrofe, além da Superintendência da PF em Pernambuco e das delegacias de Polícia Federal em Caruaru/PE e Salgueiro/PE. Assim, a não criação da delegacia não representa prejuízo para as investigações e ações da Polícia Federal na região", completa a Polícia Federal na nota enviada à reportagem.

A **Folha** procurou o Ministério da Justiça, o senador Fernando Coelho Bezerra, o deputado Fernando Coelho Filho e a Prefeitura de Petrolina, mas não obteve respostas até a conclusão desta edição.

Colaborou Flávio Ferreira

José Henrique Mariante
O ombudsman está em férias.

poder

É preciso salvar-se de 2022

Ano e sua eleição se propõem como momento mais decisivo da República

Janio de Freitas
Jornalista

Salvar-se de 2022 é um desejo justo e um objetivo justificado. Desejo-lhe que os adote, estando entre os que mereçam escapar à sanha prenunciada pelos grupos, classes e interesses que fizeram nosso 2021.

Os novos anos são futuros engatilhados pelos anos antecessores. Só as surpresas são de sua autoria. E a margem para esses insondáveis deixada por 2021 insinua-se, por ora, uma via estreita. Talvez mesmo um beco sem saída.

Os acumuladores de cifrões emitem maus pressentimentos sobre a inflação crescente, embalados em sua dúplice tradição: esfalfam-se apregoando queixas da inflação e mais se esfalfam amontoando seus lucros inflacionários.

Aos efeitos da inflação junta-se o desvario do governo e da Câmara nos gastos públicos, inclusive apenas eleitoreiro, e já sabemos quem e como pagará essas contas já a partir de 2022. Governantes e economistas têm muito apego às suas tradições. O aumento do custo de vida é sempre maior do que o índice de inflação. As correções do salário mínimo por Bolsonaro e Paulo Guedes foram todas, como agora, limitadas ao índice de inflação, sem recuperação alguma das usurpações feitas na remuneração.

Em outubro, a perda dos salários em geral, mais de 11% nos 12 meses até ali, já estava acima dos 10% com que a inflação chegou a dezembro.

Como o custo de vida sobe mais para a pobreza, a fome que fere multidões como jamais acontecera no Brasil, sem causa natural e em sua dimensão, o mínimo só pela inflação é um gerador de mais fome.

Entende-se. As armas dessas multidões não atraem Bolsonaro. São o alicate e o torno, o martelo e a tinta, a vassoura, a pá, o fio elétrico, as máquinas, são inúmeras.

Seus uniformes são o avental, o jaleco, a calça desprezível, é a roupa do suor, da graxa, da poeira, às vezes do sangue.

A estes Bolsonaro apenas os explora na crendice, na esperança como nome do desespero, na boa-fé e na raiva de tudo e todos. Nada a lhes dar para diminuir as dores do seu viver.

Os de visão mais ampla não podem saber o que esperar, na verdade, de 2022. Ainda assim, é cada vez mais encontrada a preocupação, ou o temor, de que tenhamos uma disputa eleitoral marcada por violências variadas, não excluídas as mais extremas.

Não faltam sinais nesse sentido. Mais um vem com a indiferença de Bolsonaro à tragédia das águas na Bahia. Não foi apenas a falta do dever de aparências humanitárias. Bolsonaro mostrou com clareza o descaso eleitoral que, de repente, começou a indicar.

Desistência de lutar pela permanência no poder é incogitável. Verdadeiros processos criminais que circundam a família, no todo e nas partes, podem ser inesperáveis da cúpula judiciária elitista e política. Mas o risco é real.

E, se a eleição não se mostrar como porta de fuga, impedi-la abre outro caminho.

Bolsonaro o prepara. Com aberrações cínicas, que vão dos aumentos muito acima da inflação para as já bem remuneradas Forças Armadas e polícias federais, às demissões e deslocamentos de técnicos e outros servidores qualificados, para fortalecer o dispositivo do golpismo, da arbitrariedade e da prevaricação.

O dramático é que 2022 e sua eleição propõem-se como o momento mais decisivo do Brasil na ilusória República. Não como regime político, não como sistema econômico. Como país mesmo. A derrocada está tão vasta e é tão profunda, que um mau desfecho para o próximo mandato presidencial deverá tornar a involução e o atraso definitivamente irreversíveis.

Salve-se de 2022. E os votos de ajude a salvá-lo: é seu direito e dever não se permitir ser joguete das forças manipuladoras.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso Rocha de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

PSB dribla resistências a Lula, mas trava em acordos com PT

Partido pode voltar ao palanque petista no primeiro turno e articula federação

José Matheus Santos

RECIFE Em troca de apoio petista aos palanques estaduais e da formação de uma federação nas disputas proporcionais, o PSB driblou as principais resistências que ainda restavam a uma aliança com o PT nas eleições de 2022.

As conversas iniciais entre as duas siglas vinham girando em relação ao apoio do PSB à candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas eleições de 2022.

A última eleição presidencial em que o PSB fez parte da coligação do PT no primeiro turno foi em 2010, quando da primeira eleição de Dilma.

Mas, como mostrou a coluna Painel da **Folha**, a sinalização de Lula de que preferia ter Geraldo Alckmin como vice pelo PSD irritou líderes do PSB, que também negociam para abrigar o ex-governador a fim de indicá-lo para compor a chapa com o petista.

Os socialistas estavam com as conversas avançadas com o PT para formar uma federação partidária.

Além disso, algumas arestas regionais ainda precisam ser aparadas entre PT e PSB.

Em troca do apoio a Lula, o PSB quer o apoio do PT às candidaturas aos governos de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Acre.

"Nas relações pessoais e na relação política, existe uma coisa chamada reciprocidade. Estou confiante que chegaremos a um acordo em torno disso", afirma o presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira.

As tratativas estão avançadas na maioria dos estados, mas encontram obstáculos por parte do PT em São Paulo e no Rio Grande do Sul, onde havia resistências desde o começo, dentro do PSB, a um pacto com o partido de Lula para o pleito de 2022.

Entretanto, a possibilidade de contar com o tempo de propaganda eleitoral do PT nas disputas majoritárias acabou convencendo a maior parte da ala do PSB que era contrária à aliança.

Os socialistas avaliam que é preciso ter inserções expressivas nas emissoras de rádio e televisão para tornar as suas candidaturas competitivas, à exceção de Pernambuco, onde o partido já governa desde 2007.

Em São Paulo, o ex-governador Márcio França era um dos que não queriam dar aval imediato a um vínculo com os petistas.

Na campanha eleitoral de 2018, por exemplo, ele evitou se posicionar no segundo turno da disputa presidencial entre Jair Bolsonaro e Fernando Haddad, na tentativa de evitar que sua campanha à reeleição no estado fosse influenciada pelo movimento do antipetismo.

Apesar disso, França agora é um dos principais defensores de que o também ex-governador Geraldo Alckmin, que deixou o PSDB, se filie ao PSB para ser vice na chapa de Lula ao Planalto. Em paralelo, ele reivindica que o PT não lance Fernando Haddad para o Governo de São Paulo.

Nesse cenário, o próprio França seria candidato a governador. Ele já avisou a interlocutores que, se Alckmin for disputar o Palácio dos Bandeirantes, não pretende concorrer com o ex-tucano por lealdade ao aliado, de quem foi vice-governador.

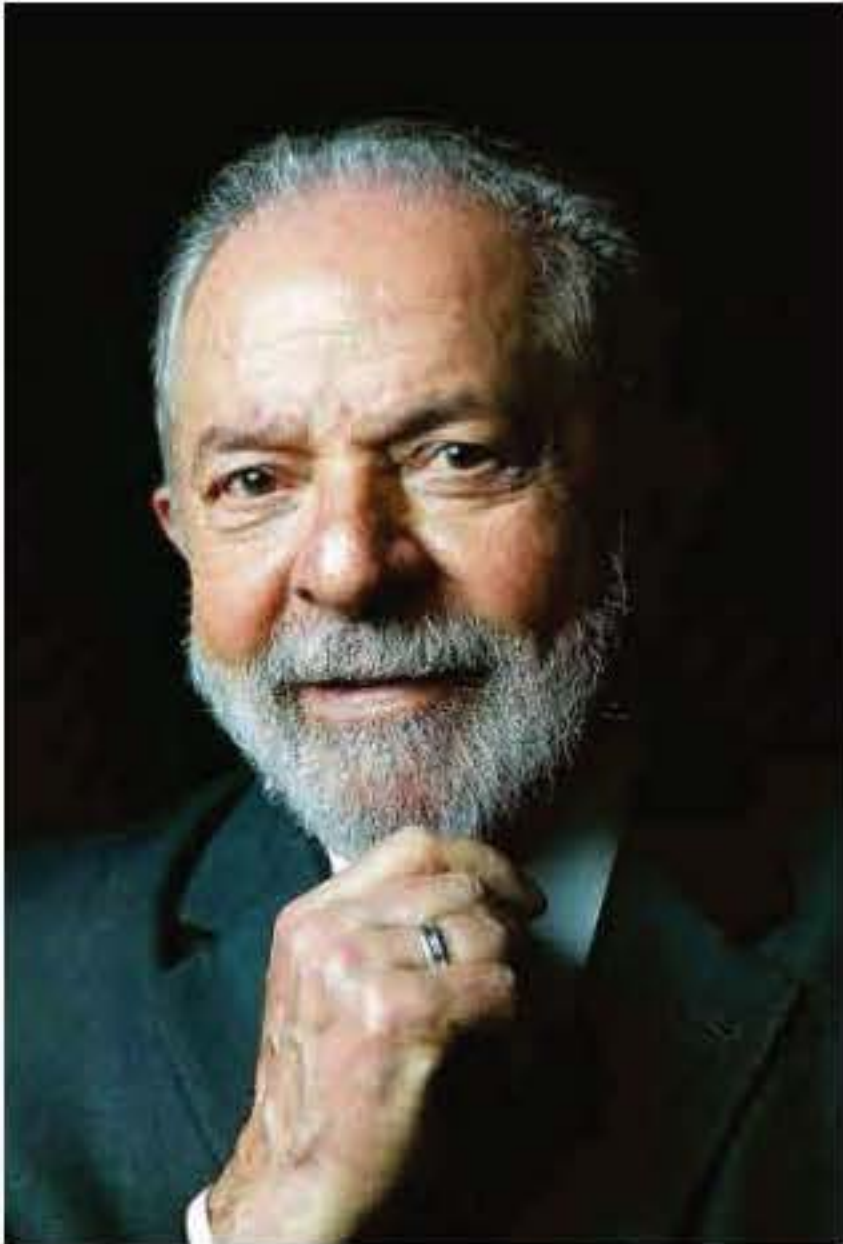
Para 2022, França não deverá contar com o mesmo arco de alianças que formou em 2018, quando a sua coligação teve 15 partidos. Por isso, o apoio do PT é tido como vital para a sustentação do seu projeto político.

O xadrez também é complexo no Rio Grande do Sul, onde o PSB tem como principal líder o ex-deputado federal Beto Albuquerque, pré-candidato a governador. No estado, o partido faz parte da base aliada do governador Eduardo Leite (PSDB), mas quer o apoio do PT na sua coligação.

Beto Albuquerque era visto como contrário à aliança com o PT dentro do PSB, mas a cúpula da sigla sinaliza que o impasse está superado por parte do ex-parlamentar.

Ele fez diversas críticas ao PT nos últimos anos, inclusive na campanha eleitoral de 2014, quando foi candidato a vice-presidente na chapa de Marina Silva.

Até o momento, o PT mantém a pré-candidatura do deputado estadual Edegar Pretto, um dos principais opositores de Leite.

Cientes de que a decisão final deverá ser do diretório nacional do partido, sob influência de Lula, os petistas gaúchos temem que uma aliança com o PSB cause espanto na sua base eleitoral, contrária ao governo do PSDB, do qual os socialistas são aliados no território gaúcho.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pré-candidato à Presidência em 2022 pelo PT Amanda Perobelli -17.dez.21/Reuters

Nas federações, estamos juntando forças políticas progressistas num único bloco que vai também atuar juntamente no Parlamento

Carlos Siqueira
presidente do PSB

Em Pernambuco, o prefeito do Recife, João Campos (PSB), era uma das principais barreiras a uma retomada da aliança com o PT.

Isso porque, em 2020, ele usou a estratégia do antipetismo na propaganda eleitoral para vencer a prima de segundo grau, a deputada federal Marília Arraes (PT), no segundo turno do pleito municipal.

Após uma reunião com Lula no início de outubro em São Paulo, João Campos não tem mais sinalizado a aliados divergências com a possibilidade iminente de o PSB integrar o palanque do ex-presidente e fazer uma federação partidária com o PT.

As federações partidárias são um novo elemento para as eleições de 2022 no Brasil.

Elas permitem que os partidos se unam nas disputas proporcionais nos 26 estados e no Distrito Federal e atuem de forma conjunta durante quatro anos no Legislativo, seja na Câmara dos Deputados ou nas Assembleias Legislativas.

O modelo difere das extintas coligações, que liberavam alianças nas campanhas eleitorais, mas os pactos eram desfeitos logo após o resultado das urnas.

O presidente nacional do PSB se mostra favorável a uma federação com outros partidos de esquerda. "Nas federações, estamos juntando forças políticas progressistas num único bloco que vai também atuar juntamente no Parlamento."

"O eleitor não será enganado, vota no PSB, mas pode eleger [um deputado] do PT, do PC do B, mas são forças políticas muito mais próximas do que eram com as coligações, então o eleitor não será enganado."

O deputado federal Júlio Delgado (PSB-MG), um dos ainda resistentes à aliança com o PT, tem posição diferente da de Carlos Siqueira. Para ele, a federação e o apoio a Lula podem suscitar suspeitas de incoerência sobre ações anteriores do partido.

"Se estamos indo fazer federação com o PT, foi um equívoco o PSB ter apoiado o impeachment de Dilma em 2016."

"Apoiamos a Lava Jato, fomos todos para essa apuração, e agora reconhecer que temos que voltar para o campo que a gente estava é um atestado daquilo que a gente estava equivocado e que nada disso [de errado] aconteceu", afirma Delgado, entusiasta do lançamento do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD), para o Planalto.

A expectativa do PSB é que, com uma federação com PT e PC do B e talvez PSOL, PV e Rede, a sua bancada possa ser ampliada dos atuais 30 para pelo menos 40 deputados federais em 2022.

O objetivo é ter maior poder de influência perante um eventual governo Lula e lançar potenciais candidatos a prefeito nas capitais em 2024.

"É um pragmatismo muito claro. O PSB perdeu suas resistências para salvar a sua pele na federação. Em vários estados, o partido sequer teria chapa para montar, então a gente teria um risco muito grande de derretimento da atual bancada, que gira em torno de 30 deputados federais, e define fundo eleitoral e tempo de televisão", diz Júlio Delgado.

Além de Júlio Delgado, ainda há outras pontuais divergências no PSB sobre uma aliança com o PT. É o caso do prefeito de Maceió, João Henrique Caldas, que não é entusiasta da aliança com Lula.

JHC, como é conhecido, tem uma peculiaridade local. Interlocutores do prefeito de Maceió lembram que uma eventual vitória de Lula ao Palácio do Planalto pode fortalecer o senador Renan Calheiros (MDB-AL) no estado e no Congresso Nacional.

Caldas, por sua vez, é opositor de Renan e do seu filho, Renan Filho, que é governador de Alagoas.

Nas eleições de 2022, o prefeito da capital de Alagoas deverá apoiar o senador Rodrigo Cunha (PSDB), aliado de João Doria, para o governo do estado, e o vice-prefeito de Maceió, Ronaldo Lessa (PDT), aliado de Ciro Gomes, para o Senado.

Comprova encerra sua 4ª fase com publicação de 187 verificações

SÃO PAULO O projeto Comprova, coalizão de veículos de comunicação da qual a **Folha** faz parte e que investiga colaborativamente conteúdos suspeitos que viralizam nas redes, encerrou a quarta fase, iniciada em abril de 2021, com 187 verificações publicadas.

Dessas, apenas três foram consideradas verdadeiras; as demais receberam rótulos de enganosas ou falsas.

A quarta fase foi dominada por temas relacionados ao coronavírus. Foram 119 verificações de conteúdos suspeitos que obtiveram grande alcance, sobretudo relacionados a vacinas e tratamentos sem eficácia comprovada contra a Covid.

Os jornalistas do Comprova também investigaram 34 postagens que envolviam políticas públicas relacionadas ao governo federal, tema que está no escopo do projeto desde 2019, e outras 34 já sobre as eleições presidenciais de 2022.

O Comprova é um projeto colaborativo, criado por iniciativa da First Draft, do qual participam 33 organizações de mídia e estudantes de jornalismo da Faap.

É liderado pela Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) e, em 2021, foi financiado por Meta Journalism Project e Google News Initiative e recebeu apoio do WhatsApp.

A etapa encerrada agora também foi marcada pelo lançamento de um número de WhatsApp para atendimento das sugestões de verificação enviadas pelo público e recebeu, para um período de residência, nove jornalistas selecionados entre os concluintes do curso de monitoramento e investigação de conteúdos digitais promovido pela Abraji.

O projeto tem acompanhado a dinâmica da produção da desinformação no Brasil, sobretudo em um ambiente no qual há convicções formadas ao longo do tempo por conteúdos enganosos.

O projeto teve a colaboração de 53 repórteres nessa fase. Eles trabalharam em grupos de três jornalistas, em média, fazendo apurações que depois eram validadas por três ou mais jornalistas de veículos que não participaram da verificação. Esse cross-checking é parte da metodologia do projeto e visa reduzir riscos de erros.

Lado esquerdo com asfalto e direito sem asfalto em obra de pavimentação inacabada na comunidade de Cangandu, em Arapiraca (AL) Fotos Zanone Fraissat/Folhapress

Cidade campeã de emendas em 2021 é peça-chave em sucessão de Alagoas

Arapiraca recebeu R$ 69 milhões em recursos de relator; prefeito é cortejado por Lira e Renan

João Pedro Pitombo e Mateus Vargas

ARAPIRACA (AL) E BRASÍLIA Segundo maior colégio eleitoral de Alagoas, a cidade de Arapiraca deu um salto como destino de emendas de relator entre 2020 e 2021. Em 2020, a prefeitura recebeu R$ 1,9 milhão desse tipo de emenda, número que saltou para R$ 69,9 milhões até novembro de 2021.

De um ano para o outro, mudou o ocupante da cadeira de prefeito da cidade e a importância que este terá na sucessão em Alagoas em 2022.

No comando da cidade desde janeiro de 2021, Luciano Barbosa (MDB) se tornou uma espécie de noiva cortejada pelos dois principais clãs políticos do estado, liderados pelo senador Renan Calheiros (MDB) e pelo presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP).

Vice-governador de Alagoas na chapa liderada pelo governador Renan Filho em 2014 e 2018, Barbosa surpreendeu o meio político alagoano em 2020 ao romper com o governador e renunciar ao cargo para concorrer à Prefeitura de Arapiraca —onde já havia sido prefeito de 2005 a 2012.

Eleito para o comando da maior cidade do interior de Alagoas, com cerca de 215 mil habitantes, virou peça-chave da sucessão de 2022.

"Luciano Barbosa mudou todo o xadrez político de Alagoas quando se elegeu prefeito de Arapiraca. É um movimento que acaba com os planos dos Calheiros de fazer o sucessor", diz o deputado estadual Davi Maia (DEM), da oposição a Renan Filho.

Com o cacife político em alta, Barbosa reaproximou-se do governador Renan Filho ao longo de 2021 e, ao mesmo tempo, estreitou pontes com um antigo adversário local —o deputado federal Arthur Lira.

A aproximação não foi por acaso. Desde que assumiu o comando da Câmara dos Deputados, Lira tornou-se homem forte na definição do destino das chamadas emendas de relator, dispositivo usado pelo governo Jair Bolsonaro (PL) e seus aliados para privilegiar aliados políticos e ampliar a base de apoio.

O mecanismo é questionado pela falta de transparência: não há dados públicos sobre deputados e senadores que indicaram o destino dessas emendas, que em 2021 atingiram a cifra de R$ 16,8 bilhões.

A eleição de Lira para o comando da Câmara impulsionou o volume de recursos para Alagoas. Em 2020, foram empenhados R$ 285 milhões para o estado em emendas de relator e R$ 449 milhões em 2021 —número que deve ter crescido até o fim do ano.

Trecho de obra que liga o bairro Canafístula ao povoado de Cangandu, formado por agricultores

- **População no último Censo (2010)**
  214.006
- **População estimada (2021)**
  234.309
- **Densidade demográfica**
  600,83 hab/km²
- **PIB per capita (2019)**
  R$ 21.468,19
- **Principais atividades econômicas**
  Fumicultura, fruticultura e cultivo de hortaliças e mandioca
- **Prefeito**
  Luciano Barbosa (MDB)

Fontes: IBGE e Prefeitura de Arapiraca

Arapiraca liderou os repasses e recebeu mais que o dobro do valor destinado a Maceió, capital alagoana que tem uma população quatro vezes maior, mas é governada pelo prefeito João Henrique Caldas (PSB), que corre em raia própria em oposição aos Calheiros e aos Lira.

Dos R$ 69 milhões em emendas de relator para Arapiraca, 90% são recursos repassados pela Codevasf, órgão federal ligado ao Ministério do Desenvolvimento Regional cuja superintendência em Alagoas é comandada por Joãozinho Pereira, primo de Arthur Lira.

A assessoria de Arthur Lira diz que "todos os recursos de emendas são indicados pelos deputados da bancada alagoana, com indicação de deputados de várias legendas, inclusive de oposição". Deputados de oposição a Bolsonaro, contudo, dizem não ter influência no destino das emendas.

A Codevasf diz que encaminhamentos relacionados à responsabilidade por indicações de recursos destinados ao órgão são externos a ele.

Os recursos repassados pela Codevasf foram 100% destinados à pavimentação de vias com asfalto ou com paralelepípedos. A maior parte foi destinada aos bairros Verdes Campos, Guaribas e São Luís.

Um dos contratos, no valor de R$ 2,3 milhões, foi destinado a pavimentar estrada de terra de seis quilômetros que liga o bairro Canafístula ao povoado Cangandu, que fica na zona rural da cidade. A **Folha** percorreu o trecho na primeira semana de dezembro e as obras estavam paradas.

"Só fizeram um pedaço da pista. Do jeito que vai, só terminam na época da eleição", diz o agricultor Jose Valdemir de Souza, 54, que trabalha com a cultura do fumo e mora na região desde que nasceu.

O casal de aposentados Pedro Severiano, 77, e Maria Gomes, 70, caiu de moto ao derrapar na piçarra jogada sobre a estrada de terra, que permaneceu inconclusa: "Só jogaram essas britinhas aí e depois pararam a obra", diz Severiano.

O povoado Cangandu abriga famílias de baixa renda que vivem da agricultura, mas a estrada que liga o povoado à zona urbana da cidade abriga dezenas de chácaras, haras e fazendas, incluindo um parque de vaquejadas —uma das paixões de Arthur Lira.

Os convênios para a pavimentação da via foram assinados em agosto, em cerimônia em Cangandu com a participação de Lira. Foram firmados convênios para obras em 13 bairros na área urbana da cidade e dois na zona rural.

Na ocasião, o prefeito Luciano Barbosa fez uma deferência ao antigo adversário e hoje presidente da Câmara dos Deputados: "Quero agradecer mais uma vez ao deputado federal Arthur Lira pelo apoio na execução de tantas obras".

Lira foi só elogios. Chamou Barbosa de gestor visionário, disse que será reeleito em 2024 e fez afagos ao filho do prefeito, Daniel Barbosa, que vem sendo cortejado para concorrer a uma vaga de deputado federal em 2022 pelo PP.

"Leva, Daniel, esse nome de Arapiraca para Brasília, se Deus quiser. E venha com força para reforçar o nosso time", disse Lira em evento de assinatura de convênio para obras no bairro São Luís. Na primeira quarta-feira de dezembro, só duas máquinas trabalhavam na terraplanagem de ruas do bairro.

Ao mesmo tempo que flerta com Lira, Barbosa refaz as pontes com o governador Renan Filho, de quem também tem conquistado recursos adicionais e obras para a cidade.

Os dois superaram as rusgas de um ano atrás, quando o MDB chegou a expulsar Barbosa do partido e lhe retirar a legenda para concorrer à Prefeitura de Arapiraca.

O plano do grupo político de Renan Filho era que Barbosa assumisse um mandato tampão em 2022, quando o governador renunciaria ao cargo para concorrer ao Senado após um ciclo de dois mandatos.

Ao sentir que não seria escolhido sucessor de Renan Filho, Barbosa deixou o cargo para ser candidato a prefeito e o governador ficou sem vice.

A situação gerou um dilema para o filho de Renan Calheiros, que ainda não definiu se renuncia em abril para concorrer ao Senado ou permanece na cadeira de governador até o fim do mandato.

Em caso de renúncia, a escolha do governador tampão caberia à Assembleia, onde Renan não tem maioria sólida. A eleição seria conduzida pelo presidente da Casa, deputado Marcelo Victor (Solidariedade), outro que transita entre os Calheiros e os Lira.

Um dos nomes cotados para assumir o governo e concorrer à sucessão é o deputado estadual Paulo Dantas (MDB), que migraria para a União Brasil e seria uma espécie de candidato de consenso, unindo os Calheiros e os Lira.

Dantas lançou em 16 de dezembro o primeiro vídeo de sua pré-campanha com o slogan "100% Alagoas", se posicionando como candidato capaz de unir os principais grupos políticos do estado.

"O problema é que ele tem que combinar com os russos. Arthur Lira tem sede de influenciar o próximo governo. Renan Filho também tem o mesmo desejo. Me pergunto até que ponto é possível a essas duas forças se compatibilizarem", avalia o deputado federal Paulão (PT-AL).

Caso a candidatura se concretize, Paulo Dantas deve enfrentar nas urnas o senador Rodrigo Cunha (PSDB). Ele vai à disputa com o apoio do prefeito de Maceió, João Henrique Caldas (PSB), hoje principal nome da oposição aos Calheiros.

Como funcionam as emendas parlamentares

Governo tem que enviar ao Congresso anualmente, até o fim de agosto, um projeto de lei com a proposta do Orçamento Federal para o ano seguinte. Ao receber o projeto, congressistas têm o direito de direcionar parte da verba para obras e investimentos de seu interesse. Isso se dá por meio das emendas parlamentares, que se dividem em:

- **Emendas individuais**: apresentadas pelos 594 congressistas. Cada um deles pode apresentar até 25 emendas no valor de R$ 16,3 milhões por parlamentar (Orçamento de 2021). Ao menos metade desse dinheiro tem que ir para a Saúde
- **Emendas coletivas**: subdivididas em emendas de bancadas estaduais e de comissões permanentes (da Câmara, do Senado e mistas, do Congresso), sem teto de valor definido
- **Emendas do relator-geral do Orçamento**: sob comando do relator, de código RP9, são divididas entre parlamentares alinhados ao comando do Congresso e ao governo

CRONOLOGIA

Antes de 2015 Execução das emendas era uma decisão política do governo, que poderia ignorar a destinação apresentada pelos parlamentares

2015 Por meio de emenda constitucional, estabeleceu-se a execução obrigatória das emendas individuais, o chamado orçamento impositivo, com algumas regras como: execução obrigatória até o limite de 1,2% da receita corrente líquida realizada no exercício anterior e metade do valor das emendas destinado para a Saúde. Emendas coletivas continuaram com execução não obrigatória

2019 Congresso amplia orçamento impositivo ao aprovar emenda constitucional que torna obrigatórias também as emendas de bancadas estaduais. Metade do valor tem que ir para obras. Congresso emplaca ainda R$ 30 bilhões às emendas feitas pelo relator-geral do Orçamento. Bolsonaro veta a medida e o Congresso só não derruba o veto mediante acordo que manteve R$ 20 bilhões nas mãos do relator

2021 Valores totais para cada tipo de emenda parlamentar:
- emendas individuais (obrigatórias): R$ 9,7 bilhões
- emendas de bancadas (obrigatórias): R$ 7,3 bilhões
- emendas de comissão permanente: R$ 0
- emendas do relator-geral do Orçamento (código RP9): R$ 16,8 bilhões

poder

Juliana Freire

Markun revisitou o Lava-jatismo

O reitor Cancellier tornou-se o desencanto da Lava Jato

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Está nas livrarias "Recurso Final" do repórter Paulo Markun. Conta a vida e a morte de Luiz Carlos Cancellier, o reitor da Universidade Federal de Santa Catarina que foi preso em setembro de 2017 pela Operação Ouvidos Moucos, da Polícia Federal.

Nunca fora ouvido e tinha domicílio certo e sabido. Passou dois dias na cadeia, foi algemado e colocado numa espécie de jaula. Libertado, foi proibido de entrar na universidade.

Semanas depois, matou-se, aos 58 anos, pulando do sétimo andar de um shopping. No bolso, deixou um bilhete: "A minha morte foi decretada quando fui banido da universidade."

Quando Cancellier foi publicamente humilhado, a operação Lava Jato estava no seu esplendor. Passados quatro anos, "lava-jatismo" tornou-se um neologismo da língua portuguesa (ele originou-se há poucas semanas, quando a Polícia Federal cancelou uma entrevista coletiva que daria moldura espetaculosa a uma operação contra os irmãos Ciro e Cid Gomes, no Ceará).

Cancellier e seis outros professores da UFSC foram presos sob a suspeita trombeteada de terem desviado R$ 80 milhões de um programa de ensino a distância (as trombetas tocavam de ouvido, porque nas partituras documentais essa cifra nunca existiu).

Markun ouviu dezenas de pessoas e atravessou uma papelada de mais de 20 mil páginas. Seu livro tem três histórias, a da vida de Cancellier, a da futrica acadêmica que levou à sua prisão e a da ruína a que o professor foi submetido.

Nessa parte, esteve a lição dos presos da penitenciária para onde os professores foram levados. Eles anunciaram a todos os encarcerados: "Salve, barraco 18, 19, 20 não é pra mexer. Tudo professor da UFSC!" Como se sabe, o "salve" designa as mensagens das facções criminosas.

Naquela noite de setembro de 2017 o crime estava com a cabeça no lugar. Já a ação do Estado era definida por Cancellier, com roupa de preso: "As pessoas estão ficando loucas".

Markun ficou nas quatro linhas do caso e mostrou como futricas acadêmicas anabolizadas por uma denúncia anônima produziram o que seria um escândalo, matou um professor e acabou como começou, em futricas acadêmicas.

As irregularidades apuradas ao longo de quatro anos pouco ou nada tinham a ver com Cancellier e muito menos justificavam o circo montado para demonizar os professores. Coisa parecida já havia sido feita no Paraná e no Rio Grande do Sul. Era o clima da época e o valor da "Recurso Final" está na sua exposição.

Todos os personagens desse drama eram servidores públicos conceituados. Além do caso em si, havia o clima instalado no país. Hoje, ninguém acusa Cancellier. As trombetas de setembro de 2017 guardam silêncio. Por essa razão nenhum deles foi citado nominalmente neste texto. Que vivam em paz.

Em tempo: O juiz Sergio Moro, detonador do lava-jatismo, nada teve a ver funcionalmente com o episódio.

Cesar Asfor ensina

Há dias o advogado Cesar Asfor Rocha, ex-ministro do Superior Tribunal de Justiça, escreveu um artigo intitulado "A investigação Contra Luiz Carlos Cancellier: Um Caso Para Não Esquecer". Nele, ensinou:

"A espetacularização da investigação, nesses alienados tempos do devido processo legal midiático, enseja o surgimento desses juristas de arrebiques que, movidos por uma loucura furiosa, expõem o investigado à mídia e à execração pública, transformando-o em réu antes da abertura do devido processo, antecipando o julgamento e punindo e condenando com frieza e crueldade típicas dos regimes de exceção.

Sob o pretexto de fazer justiça, fazem justiçamento, ou justiça com as próprias mãos. Desconstroem um dos principais pilares da democracia, que é a garantia dos direitos individuais. Como a observância das fases do processo legal foi desrespeitada, prevaleceu uma equivocada visão particular e subjetiva de um grupo de agentes públicos.

Essa tragédia precisa ser permanentemente relembrada por oferecer uma valiosa e triste oportunidade de refletirmos sobre o desespero de um inocente que veio a pôr cobro à sua própria vida, depois de sofrer a desgraça de ter a sua honra aguda e injustamente destroçada, revelando o que pode acontecer a uma pessoa quando a democracia e seus freios deixam de existir para ela. (...)

Caiu sobre o reitor —sendo ele uma autoridade em um país onde é grande a percepção de impunidade— um tipo de vingança não declarada, não assumida, travestida de 'rigorosa defesa da lei, doa a quem doer', como se o cumprimento da lei fosse um gesto de heroísmo.

O público —entre aturdido, uns, e anestesiados, outros— postado e prostrado diante da TV, é incapaz de perceber que a tragédia da morte é capaz de mostrar o tamanho do equívoco que acontece, inevitavelmente, quando a democracia é trocada por uma covarde valentia, quando o processo legal é substituído por uma cega paixão.

A justiça tardou e falhou para Cancellier."

Guimarães Rosa disse que "as pessoas não morrem, ficam encantadas". Desde 2017 sabia-se que Cancellier ficaria encantado no desencanto do lava-jatismo.

Dr. Strangelove

Quem gostou de "Não Olhe Para Cima" tem à sua disposição uma de suas fontes de inspiração. É o filme "Dr. Strangelove" ("Doutor Fantástico" em português. Coisa fina, do diretor Stanley Kubrick, com Peter Sellers numa possível premonição do que viria a ser o professor Henry Kissinger como grão-duque da diplomacia americana.)

O filme é de 1964 e seu general maluco guarda até semelhança física com coronel de "Não Olhe Para Cima", encarregado de explodir o cometa.

Quando "Dr. Strangelove" foi para as telas, era pura ficção. Era, mas hoje se sabe que anos antes, o presidente John Kennedy visitou o comando aéreo americano e fizeram-lhe uma exposição, mostrando os alvos para um ataque nuclear. Kennedy estranhou que tivessem incluído cidades da China. Perguntou a razão para aquilo, visto que a guerra seria com a União Soviética.

O general explicou que os alvos estavam lá porque esse era o plano. Kennedy mandou refazer o plano.

Urucubaca

Jair Bolsonaro decidiu passear de jet ski pelas praias de Santa Catarina enquanto cidades da Bahia estavam alagadas, com milhares de desabrigados e dezenas de mortos.

Em 2010 as chuvas destruíram diversas localidades no litoral sul do estado do Rio e na Ilha Grande.

Sérgio Cabral estava em sua casa de Mangaratiba e lá ficou: "Eu não faço demagogia".

Boa notícia

Este será um ano de solavancos e nele valerá a pena seguir o conselho do senador Tasso Jereissati: "As instituições precisarão ser fortes, trincar os dentes".

A boa notícia é que seis candidatos à Presidência, entre eles Ciro Gomes, João Doria, Sergio Moro e Simone Tebet, prometem batalhar pelo fim da reeleição.

Lula e Bolsonaro também prometiam, mas mudaram de ideia. De qualquer forma, a promessa de um fim para essa praga política já é alguma coisa.

Bolsonaro distorce dados e omite fatos na TV

Durante seis minutos, presidente ainda critica governadores e volta a se posicionar contra a vacinação de crianças

Washington Luiz e Thiago Resende

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) omitiu fatos e distorceu informações relacionadas ao combate à pandemia e às ações do governo nos últimos anos no pronunciamento de seis minutos que foi ao ar em rede nacional de rádio e TV na noite desta sexta-feira (31).

A fala foi acompanhada por panelaços pelo país.

Em sua fala, numa tentativa de justificar o atraso da imunização contra a Covid, que começou em janeiro do ano passado apenas em grupos prioritários, Bolsonaro afirmou que em 2020 "não existia vacina disponível no mercado".

Ele não comentou, no entanto, a decisão do governo brasileiro de rejeitar, naquele ano, proposta da farmacêutica Pfizer que previa 70 milhões de doses de vacinas a serem distribuídas ao longo de 2021.

Bolsonaro em pronunciamento na TV Reprodução

A oferta estipulava o início de imunização em dezembro de 2020, com 1,5 milhão de doses e mais 3 milhões no primeiro trimestre de 2021. O Ministério da Saúde só firmou acordo com o laboratório em março de 2021, quando adquiriu 100 milhões de doses.

Somente no fim do pronunciamento, Bolsonaro falou sobre a situação da Bahia e do norte de Minas Gerais, locais afetados pelas fortes chuvas.

"Lembro agora dos nossos irmãos da Bahia e do norte de Minas Gerais, que neste momento estão sofrendo os efeitos das fortes chuvas na região."

Ao longo da semana, o chefe do Executivo foi criticado por manter o descanso em Santa Catarina e fazer ostentação de seu lazer nas praias no momento em que os baianos enfrentam os prejuízos provocado pela tragédia.

No pronunciamento, ainda no contexto da pandemia, o presidente destacou como um dos feitos a criação do auxílio emergencial, mas não citou as mudanças feitas pelo Congresso na iniciativa, que ampliaram o valor do benefício.

No início da crise provocada pelo coronavírus, em março de 2020, a equipe econômica pretendia distribuir R$ 200 aos trabalhadores informais. Somente após críticas, Bolsonaro começou a defender o valor de R$ 600, que foi aprovado pelos parlamentares.

Na fala em cadeia de rádio e TV, ele ainda voltou a criticar o passaporte da vacina e a imunização de crianças de 5 a 11 anos de idade, ambos recomendados pela Anvisa (Agência de Vigilância Sanitária).

"Não apoiamos o passaporte vacinal nem qualquer restrição àqueles que não desejam se vacinar."

"Também, como anunciado pelo ministro da Saúde, defendemos que as vacinas para as crianças entre 5 e 11 anos sejam aplicadas somente com o consentimento dos pais e prescrição médica. A liberdade tem que ser respeitada", disse.

A postura do presidente sobre esses assuntos tem sido considerada inadequada por especialistas, que avaliam que a Anvisa já forneceu todas as informações técnicas para justificar as medidas.

Bolsonaro também repetiu o ataque aos governadores e prefeitos pelas restrições adotadas durante a pandemia com o objetivo de conter a disseminação do vírus.

Nos outros trechos do pronunciamento, o presidente citou ações realizadas pela gestão desde 2019 e disse que completa "três anos de governo sem corrupção".

A realidade, porém, é outra. O combate à corrupção, enaltecido por Bolsonaro, é tratado de maneira pouco enfática no governo. Sempre que confrontado com suspeitas envolvendo aliados, amigos e familiares, o presidente critica imprensa, Ministério Público e Judiciário, enquanto alvos são mantidos nos cargos.

No pronunciamento, ao comentar sobre a saída de ministros do governo, Bolsonaro afirmou que "alguns nos deixaram por livre e espontânea vontade. Outros foram substituídos por não se adequarem aos propósitos da maioria que me elegeu".

Ele omitiu, porém, o caso do ex-ministro Sergio Moro, que pediu demissão do Ministério da Justiça, em abril de 2020, não por esses motivos, mas por alegar interferência do presidente na Polícia Federal.

Bolsonaro também afirmou que levou "tranquilidade ao campo" e citou as medidas de flexibilização de posse e porte de arma de fogo no Brasil.

Dados preliminares da CPT (Comissão Pastoral da Terra), braço da Igreja Católica que atua junto a minorias em zonais rurais, mostram que até o início de dezembro foram registrados 103 óbitos por conflitos no campo em 2021.

Em relação à economia, Bolsonaro apresentou dados imprecisos ao afirmar que o Brasil termina 2021 com "um saldo de 3 milhões de novos empregos". De janeiro a novembro, foram abertas 2,99 milhões de novas vagas. Porém, o resultado de dezembro ainda não foi divulgado. Os números do último mês do ano costumam ser negativos e devem reduzir esse saldo.

Reunião na sala do Conselho de Segurança da ONU, no prédio das Nações Unidas em Nova York; o Brasil volta ao colegiado neste começo de 2022 Eskinder Debebe - 9.nov.21/Divulgação ONU/Xinhua

Brasil focará África e latinos no Conselho de Segurança

País volta ao colegiado da ONU mantendo pleito de reforma da instituição

Rafael Balago

NOVA YORK O ano de 2022 começou com a volta do Brasil ao Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU). Com sete metas em foco, o país toma posse para um mandato de dois anos como membro não permanente da instituição em uma cerimônia na terça (4) —o biênio começou formalmente neste sábado (1º).

Segundo disse à **Folha** o embaixador Ronaldo Costa Filho, chefe da missão brasileira na ONU em Nova York, o país planeja usar o assento para debater questões relacionadas à América Latina, com foco em Haiti e Colômbia, e se dedicar à frente de trabalho envolvendo conflitos na África, "em busca de soluções ágeis e que ouçam todos os lados".

Em paralelo, o diplomata prevê manter o pleito de reforma do órgão —que há tempos é alvo de questionamentos sobre sua capacidade concreta de ação para manter a paz.

Costa Filho avalia que cerca de 70% do trabalho do Conselho de Segurança hoje já seja dedicado a países africanos. Com a estratégia brasileira, a tendência é de uma aproximação maior a essa região.

O Itamaraty tem embaixadas em ao menos 33 nações na África. Na Presidência de Luiz Inácio Lula da Silva (PT, 2003-2010), a diplomacia brasileira buscou reforçar laços com o chamado Sul global, em um movimento que incluiu a abertura de representações diplomáticas no continente.

Sob Jair Bolsonaro (PL), porém, a prioridade foram as relações com os EUA —em busca de aliança com o então presidente Donald Trump, que não conseguiu se reeleger— e com países comandados por líderes conservadores, como a Hungria de Viktor Orbán e a Polônia de Andrzej Duda.

Um revés recente da diplomacia na atual gestão, aliás, envolveu justamente uma nação africana: o governo retirou a indicação de Marcelo Crivella para ser embaixador na África do Sul. A recusa na resposta à solicitação do agrément se deu em meio a uma crise da Igreja Universal (da qual o ex-prefeito do Rio é bispo licenciado) no continente.

Entre os conflitos africanos que podem chegar ao Conselho de Segurança estão o confronto entre governo e opositores na Etiópia, ataques de um grupo armado na República Democrática do Congo, as consequências de golpes militares no Mali e a reconstrução da Líbia, devastada por uma guerra civil que começou após uma intervenção estrangeira autorizada pela ONU —à época, o Brasil também tinha mandato no órgão e se opôs à ação, mas foi voto vencido.

O Conselho de Segurança é a instância das Nações Unidas com mais poder para agir. Sua principal missão é tentar impedir e encerrar conflitos e evitar que países ameacem uns aos outros. Para isso, pode ordenar operações militares, aplicar sanções e criar missões de paz, para tentar reorganizar territórios após conflitos ou catástrofes.

O Brasil chefiou uma dessas missões, no Haiti, de 2004 a 2017. Mesmo depois dela o país caribenho continua com problemas graves, que vão da pobreza extrema à violência de gangues, passando por catástrofes e a instabilidade política —que atingiu seu auge em julho, quando o presidente Jovenel Moïse foi assassinado.

Já a Colômbia, outra prioridade do Brasil na América Latina, é vista como melhor exemplo, devido ao acordo de paz com as Farc, que levou guerrilheiros a deixarem o conflito armado —embora ainda haja questões a resolver.

Uma das maiores críticas ao Conselho de Segurança é a seu modelo considerado engessado, que dificulta a adoção de ações mais firmes, especialmente em casos envolvendo grandes potências.

Os membros permanentes —EUA, China, Rússia, Reino Unido e França— podem vetar qualquer medida que os desagrade. Assim, Moscou, por exemplo, consegue impedir punições contra si em relação a suas ações militares envolvendo a Ucrânia.

"O Conselho tem se provado completamente ineficaz em conter conflitos, especialmente se envolvem um membro permanente", diz Dalibor Rohac, especialista em política externa e defesa do think tank American Enterprise Institute. Para ele, a crise entre Moscou e Kiev, em andamento desde a anexação da Crimeia, em 2014, foi uma violação aos compromissos internacionais da própria Rússia.

"Embora haja valor em ter um fórum no qual grandes potências podem fazer barganhas entre si, trata-se de uma instituição ossificada e cada vez mais irrelevante. Essa realidade não mudaria com mais membros temporários."

O colegiado tem 15 assentos, sendo 5 fixos e 10 rotativos. O Brasil ocupará uma das vagas não permanentes, ao lado de Albânia, Emirados Árabes Unidos, Gabão e Gana. Os outros cinco temporários, cujos mandatos vão até o fim de 2022, são Índia, Irlanda, México, Noruega e Quênia.

Há décadas, o Brasil defende que a saída para melhorar a atuação do Conselho é uma reforma que amplie o número de assentos. Mas as chances de mudança a curto prazo são pequenas, pois integrantes fixos não querem ter o poder diluído; a reforma precisa ser aprovada na Assembleia-Geral, onde votam todos os 193 países-membros da ONU.

Com isso, há temores de que a reforma possa fortalecer rivalidades regionais —o Paquistão, por exemplo, não ficaria feliz se a rival Índia obtivesse vaga fixa. Uma saída em debate, para reduzir a resistência à reforma, é a de que novos membros permanentes não tenham poder de veto.

No Conselho, as reuniões ocorrem de duas formas. Há um encontro geral, em que todos os membros discursam, sem debates diretos, e outros fechados, em que diplomatas discutem as questões abertamente e negociam acordos.

> Cada assunto abordado [no Conselho de Segurança] é uma oportunidade para o Brasil mostrar que pode ajudar a resolver aquele problema e que poderia estar ali fazendo isso de modo permanente
>
> **Daniel Rio Tinto**
> professor de relações internacionais da FGV

> Embora haja valor em ter um fórum no qual grandes potências podem fazer barganhas entre si, trata-se de uma instituição ossificada e cada vez mais irrelevante
>
> **Dalibor Rohac**
> especialista em política externa e defesa do think tank American Enterprise Institute

"Esse debate reservado permite liberdade maior na expressão de posições, mas gera uma insatisfação de outros países [de fora do Conselho], que falam em falta de transparência. Me parece, porém, o equilíbrio possível", analisa Costa Filho. "Muitas vezes, a essência da diplomacia é ter um pouco de reserva. Não se negocia pela imprensa."

Para Daniel Rio Tinto, professor de relações internacionais da FGV, voltar ao colegiado, mesmo sem os privilégios de um assento fixo, será algo positivo para o Brasil.

"A posição de membro não permanente abre espaço para que um país possa exercer influência, participar de conversas de alto nível sobre segurança e outros temas caros", diz. "Cada assunto abordado é uma oportunidade para o Brasil mostrar que pode ajudar a resolver aquele problema e que poderia estar ali fazendo isso de modo permanente."

Costa Filho afirma que o governo brasileiro também deve se engajar em ampliar o papel das mulheres e reforçar estratégias para prevenir abusos contra elas em meio a conflitos. "A proposta é, cada vez, mais, inserir as mulheres em todas as etapas do processo, tanto em operações no terreno quanto na mediação e na negociação de soluções."

O Brasil também se comprometeu a avançar na defesa dos direitos humanos, a ampliar a articulação com entidades regionais —como OEA (Organização dos Estados Americanos) e CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa)— e a reforçar ações para estabilizar nações que saíram de conflitos.

O país defende ainda que temas como a crise climática e o pós-Covid fiquem de fora da pauta do Conselho de Segurança e sejam debatidos pela Assembleia-Geral.

"A mudança climática tem todo um processo negociador próprio, que inclui cúpulas do clima. Esse é o processo correto, em que todos podem ter o interesse refletido e considerado", diz Costa Filho.

O Brasil já fez parte do Conselho de Segurança da ONU por dez mandatos, o último entre 2010 e 2011. Em março de 2018, na Presidência de Michel Temer (MDB), costurou-se um acordo com Honduras por uma vaga neste biênio —sem ele, uma espécie de descuido na proposta de candidaturas faria com que o país só voltasse ao colegiado em 2033.

O Conselho de Segurança da ONU

Membros permanentes
- China
- EUA
- França
- Reino Unido
- Rússia

Membros temporários

2021-2022
- Índia
- Irlanda
- México
- Noruega
- Quênia

2022-2023
- Albânia
- Brasil
- Emirados Árabes Unidos
- Gabão
- Gana

O QUE FAZ

É a mais alta instância das Nações Unidas e a com mais poder para agir. Sua principal missão é tentar impedir e encerrar conflitos e evitar que países ameacem uns aos outros. Para isso, pode **ordenar operações militares internacionais, aplicar sanções e criar missões de paz**, para tentar reorganizar territórios após conflitos ou catástrofes. Os membros permanentes têm poder de veto sobre qualquer resolução do colegiado

O BRASIL NO CONSELHO

O país já integrou o colegiado por dez mandatos desde 1946. A última vez foi no biênio 2010-2011

Agora, a diplomacia brasileira reassume uma vaga no Conselho de Segurança tendo entre suas prioridades:
- América Latina (em especial a situação de Haiti e Colômbia)
- África
- reforma do colegiado
- ampliar papel das mulheres
- avançar na defesa dos direitos humanos
- ampliar articulação com entidades regionais

Multidão aglomerada na Times Square na chegada de 2022; festa voltou após ser cancelada no ano passado por causa da pandemia David Dee Delgado/Getty Images/AFP

Com filas e pizza de R$ 195, Times Square volta a celebrar

Réveillon em NY tem cercadinho e passaporte de vacina, mas máscaras são raras

Rafael Balago

NOVA YORK O novo ano começou na Times Square ao som de "New York, New York", de Frank Sinatra, com pedaços de papel laminado voando pelo ar e a bola de luzes coloridas no alto de um prédio se apagando, como de costume. Apesar dos rituais tradicionais, a virada de 2022 foi diferente das anteriores na praça mais conhecida de Nova York.

No primeiro Réveillon com público na cidade desde o começo da pandemia, o número de pessoas foi limitado a 15 mil, frente a mais de 60 mil antes da crise. Era preciso mostrar identidade e comprovante de vacinação na entrada.

Para tentar garantir o distanciamento social, a plateia foi dividida em espaços separados por gradis, como currais.

Cada espaço desses, no entanto, não tinha estrutura alguma. Era apenas um pedaço de asfalto —sem assentos, banheiros, água ou comida por perto. O acesso a cada um deles era fechado quando determinada quantidade era atingida, e quem saísse era avisado que teria de pegar a fila de novo, desde o início, na volta.

Sete horas antes da virada, às 17h, havia uma fila para entrar que se estendia por cinco quadras. Quem a vencia conseguia acesso a áreas já distantes —a quase dez quarteirões— do epicentro da festa. Os setores perto dos palcos e da bola lotaram pouco após a abertura dos portões, às 15h.

A americana Alicia, 22, que não quis dar o sobrenome, conseguiu um espaço mais à frente, mas acabou tendo de ir para o fundo depois de precisar sair para ir ao banheiro. Em vez de pegar a fila de novo, acabou pulando a grade, enquanto a polícia não via.

"Vim para cá porque queria viajar. E não gosto de festas onde as pessoas enchem a cara", conta ela, que mora na Virgínia. Um amigo a encontraria na Times Square, mas teve a viagem cancelada, um reflexo do vertiginoso avanço da pandemia nas últimas semanas —a OMS classificou o quadro no mundo como um "tsunami" de casos, associados à circulação conjunta das variantes delta e ômicron.

Na hora da virada, algumas pessoas pularam as barreiras de metal, em busca de lugares melhores para tirar fotos dos breves fogos de artifício.

Em cada cercadinho, havia espaço de sobra para que todos ficassem sem se aglomerar. Mas, como em qualquer show, a maioria das pessoas preferia se juntar na grade com melhor vista do palco, e o resto do espaço ficava vazio, com alguns sentados no chão.

O uso de máscaras também era exigido, mas muitas pessoas as baixavam para o queixo logo depois de entrar, e não havia fiscalização. Vários policiais, inclusive, não estavam com o item de proteção; o agente que controlava o acesso ao espaço em que a Folha estava era um deles: ficou meia hora conversando com frequentadores que também tinham o rosto desprotegido.

O público da festa era variado. Havia jovens casais, grupos de amigos, famílias com crianças, senhoras sozinhas. As conversas aconteciam em muitos idiomas e sotaques —todos entenderam, porém, quando um homem, perto das 19h, surgiu do lado de fora da grade gritando "pizza".

O vendedor, que não trazia credenciais, apoiou na grade sete caixas com pizzas de queijo e oferecia cada uma por US$ 35 (R$ 195). É comum achar fatias por US$ 2 (R$ 11) na região —mas, em dez minutos, todas foram vendidas.

Raros vendedores apareceram depois, oferecendo pizzas e hambúrgueres a preços igualmente salgados. Uma banca de jornal, de modo discreto, funcionava entreaberta.

No controle, cada agente parecia agir de uma forma. Questionado sobre banheiros, um deles sugeriu: "Tente ver se algum hotel deixa você usar".

Vários hotéis e restaurantes promoviam festas de fim de ano na região. Quem tinha convite podia acessar a área restrita sem pegar filas e circular pelos corredores entre as grades. Assim, muitos saíam para tirar fotos e logo voltavam. O custo para isso poderia chegar, no caso da festa do Marriot Marquis, a pelo menos US$ 1.000 (R$ 5.500).

Nas áreas mais afastadas do palco, o clima era mais de espera do que de festa, porque o som chegava baixo —telões em alta definição mostravam quem estava se apresentando.

A noite teve números musicais de Mariah Carey, Journey, KT Tunstall, Ja Rule e Ashanti. Três nomes que haviam sido anunciados —Carol G, LL Cool J (que pegou Covid) e Chloe— não se apresentaram.

Na rua, para passar o tempo, casais ensaiavam passos de dança. Outros comiam lanches que trouxeram de casa. E quase todos mexiam no celular, a maioria para tirar fotos, fazer chamadas de vídeo e compartilhar que estavam ali.

"Vim porque sempre quis conhecer essa festa, por ser considerado o maior Ano-Novo do mundo", comentou Thrupthi, jovem de origem indiana que se mudou para os EUA para estudar (e também não quis dar o sobrenome).

A cada hora, havia uma contagem regressiva e uma pequena explosão de fogos de artifício, como esquenta para a hora da virada. Quando a meia-noite se aproximou, a aglomeração aumentou bastante. A contagem regressiva começou, todos os celulares subiram e mal dava para ver o telão. Mas os fogos, a chuva de papel colorido e o clima da virada fizeram valer a pena as várias horas de espera.

A multidão começou a ir embora minutos depois, ao som de "What a Wonderful World", de Louis Armstrong. Muitos tentaram parar para tirar mais fotos, mas a polícia mandou que todos circulassem. Perto de 0h30, o metrô levava muitas pessoas ainda vestidas com óculos em formato de "2022" e chapéus que desejavam "Happy New Year".

No Ano-Novo, província no Canadá volta a impor toque de recolher

TORONTO | AFP Um toque de recolher noturno anunciado na véspera do Ano-Novo, que inclui a proibição de festas privadas, gerou uma reação de políticos de oposição na província canadense de Québec, com um popular ideólogo conservador pregando desobediência civil.

Na quinta (30), o governo local impôs restrições à circulação das 22h até as 5h para tentar conter a disparada de casos de Covid-19 na região. Festas privadas foram proibidas e restaurantes, obrigados a fechar.

Quem violar a proibição está sujeito a uma multa de até 6.000 dólares canadenses (R$ 26 mil). A segunda maior cidade do país, Montreal, fica na província.

O governador François Legault disse que o confinamento é necessário para evitar que o pico de contágios leve hospitais ao colapso. "Uma medida extrema para uma situação extrema."

Legault relatou que o número de hospitalizações dobrou e que cresceu o número de profissionais de saúde que têm sintomas gripais ou confirmação de Covid-19 e precisam faltar.

Os partidos de oposição criticaram a decisão, argumentando que se trata de uma falha do governo em se preparar. O influenciador Jordan Peterson, que tem mais de 2 milhões de seguidores no Twitter, escreveu: "Reuniões privadas proibidas. A cura é muito pior que a doença. É tempo de desobediência civil".

Esse é o segundo toque de recolher da pandemia em Québec. Em janeiro de 2021, ele durou cinco meses.

A província registrou 16.461 novos casos de Covid-19 e 13 mortes na sexta. O Canadá relatou um recorde de diagnósticos nos últimos dias, que dobraram em uma semana, chegando a 30 mil diários na quinta.

Na Europa, o avanço da variante ômicron fez com que Paris entrasse em 2022 sem eventos na avenida Champs-Élysées. A França registrou 219.126 novos casos de Covid neste sábado (1º), quarto dia seguido com mais de 200 mil infecções.

Na Inglaterra, onde houve 162.572 novos casos, o governo pediu ao setor público que trabalhasse em um plano de contingência considerando 25% de ausência de trabalhadores, considerando a alta de infecções e a necessidade de isolamento.

Guglielmo Mangiapane/Reuters

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER É INSULTO A DEUS, AFIRMA PAPA

Em sua mensagem de Ano-Novo neste sábado (1º), o papa fez um de seus mais fortes apelos pelo fim da violência contra a mulher, afirmando que isso configura um insulto a Deus. Francisco, 85, celebrou a missa e aparentou boa forma, após especulações sobre um possível incidente na véspera do Ano-Novo —quando compareceu ao serviço religioso, mas no último minuto não o presidiu. "Visto que as mães dão vida e as mulheres mantêm o mundo [unido], vamos fazer mais esforço para promover as mães e proteger as mulheres", pregou. 'Chega! Machucar uma mulher é insultar a Deus, que de uma mulher assumiu nossa humanidade."

A mulher de Aliou Candé, Hava, com os filhos que teve com ele na Guiné-Bissau antes de o jovem tentar migrar para a Europa Rico Shryock/The Outlaw Ocean Project

Morte de migrante expõe crueza de centros de detenção na Líbia

Última parte de especial conta como guineense morreu em prisão, enterrando sonhos da família

Ian Urbina

TRÍPOLI (LÍBIA) | THE OUTLAW OCEAN PROJECT Aliou Candé, jovem de 28 anos da área rural da Guiné-Bissau, tinha o sonho de trabalhar e fazer dinheiro na Europa. Secas prolongadas e chuvas fortes, causadas provavelmente por mudanças climáticas, atrapalhavam as safras que plantava na terra natal, e as vacas, cada vez mais magras, mal tinham leite. Mesmo com a esposa grávida de oito meses, a família de Candé o encorajou a ir para a Europa, para onde dois irmãos haviam imigrado com sucesso.

Em fevereiro de 2021, Candé foi capturado pela Guarda Costeira da Líbia enquanto cruzava o mar Mediterrâneo. Ele estava sendo mantido preso havia dois meses em uma das mais brutais prisões de migrantes da Líbia, Al Mabani, e, enquanto tentava evitar problemas, se agarrou ao boato de que os guardas da prisão libertariam os migrantes da sua cela, de número 4, em honra ao período do Ramadã.

Enquanto Candé esperava por esse dia, ele e Tokam Martin Luther, camaronês mais velho que dormia na esteira ao lado, passavam o tempo jogando dominó. No período, Luther escreveu em seu diário sobre um protesto de mulheres presas: "Elas estão usando apenas roupas íntimas e sentadas no chão porque também exigem ser liberadas".

Ele e Candé desenvolveram apelidos para os guardas. Um era conhecido como Khamsa Khamsa, árabe para "cinco, cinco", que ele gritava nas refeições para lembrar aos migrantes que cinco pessoas deveriam dividir cada tigela. Outro, chamado Gamis, ou "sente-se", garantia que ninguém se levantasse. O guarda "Calados" policiava a tagarelice.

A certa altura, Candé e Luther cuidaram de um migrante que parecia estar tendo um episódio psicótico. "Estava tão louco que tivemos de contê-lo para que pudéssemos dormir em paz," escreveu Luther. Por fim, os guardas levaram o homem para um hospital, mas, três dias depois, ele voltou, mais perturbado do que antes.

Perto do final de março, os guardas disseram que ninguém seria libertado durante o Ramadã. Em seu diário, Luther escreveu: "Assim é a vida na Líbia. Ainda teremos que ser pacientes para desfrutar de nossa liberdade". Mas Candé ficou arrasado.

Quando ele foi detido, a Guarda Costeira de alguma forma havia falhado em confiscar seu celular. Ele o manteve escondido, preocupado e temendo ser severamente punido se fosse pego. No final de março, porém, mandou mensagem de voz para os irmãos pelo WhatsApp: "Não dá para ficar muito tempo com o telefone aqui. Estávamos tentando chegar à Itália por água. Eles nos pegaram e nos trouxeram de volta. Agora estamos trancados na prisão."

Ele implorou: "Encontre uma maneira de ligar para o nosso pai". Então aguardou, com a esperança de que a família juntasse dinheiro para pagar por sua libertação.

Poucos dias depois, às 2h do dia 8 de abril, Candé acordou com um barulho: detentos sudaneses tentavam abrir a porta da cela 4 e escapar. Preocupado que todos ali fossem punidos, ele acordou Mohamed David Soumahoro, que havia tentado atravessar o Mediterrâneo junto com ele quando o barco deles foi capturado.

Soumahoro foi com uma dúzia de outros enfrentar os sudaneses. "Já tentamos escapar", afirmou a eles. "Nunca funcionou. Nós só fomos espancados." Os sudaneses não quiseram ouvir, e Soumahoro disse a outro detido para alertar os guardas, que encostaram um caminhão de areia na porta da cela como bloqueio.

Os sudaneses, se sentindo traídos, arrancaram canos de ferro da parede do banheiro e começaram a brandi-los contra quem tinha intervindo. Um migrante foi atingido no olho; outro caiu no chão, o sangue jorrando da cabeça. Os grupos começaram a arremessar sapatos, baldes, frascos de xampu e pedaços de reboco. Candé não queria participar e procurou se esconder.

Ele disse a Soumahoro: "Eu não vou lutar. Eu sou a esperança de toda a minha família". A briga durou três horas e meia. Alguns gritaram por ajuda, berrando: "Abram a porta!" Em vez disso, os guardas riam e aplaudiam, filmando a luta com seus telefones. "Continuem lutando", disse um deles, passando garrafas de água pela grade para mantê-los hidratados. "Se puderem matar alguém, façam isso."

Foto enviada por Candé para a família quando chegou à Líbia Pierre Kattar/The Outlaw Ocean Project

Al Mabani é uma das dezenas de centros de detenção de migrantes que a Líbia criou como parte de um esforço para deter africanos antes que eles cheguem à Europa. Esforço financiado pela União Europeia que, há anos, envolve a Guarda Costeira da Líbia.

A Guarda Costeira, com barcos, equipamento e autoridade legal reforçada pela Europa, havia capturado Candé, Soumahoro e cerca de cem outros migrantes em fevereiro.

Por razões que ninguém sabe, os guardas de Al Mabani mudaram de ideia naquela madrugada. Às 5h30, saíram e voltaram com rifles semiautomáticos. Sem aviso, atiraram dentro da cela pela janela do banheiro por dez minutos. "Parecia um campo de batalha", disse Soumahoro.

Dois adolescentes da Guiné-Conacri foram atingidos na perna. Candé, que havia se escondido no chuveiro na briga, foi atingido no pescoço. Ele cambaleou pela parede, espalhando sangue, e caiu no chão. Soumahoro tentou estancar o sangramento com um pedaço de pano. Candé morreu minutos depois.

"Os sudaneses finalmente se acalmaram. Nós também nos acalmamos. Todos ficaram chocados", contou Soumahoro.

Quando o responsável pela prisão, Noureddine al-Ghreetly, chegou, horas depois, gritou com os guardas: "O que vocês fizeram? Vocês podem fazer qualquer coisa com eles, só não podem matá-los!" Os migrantes se recusaram a entregar o corpo de Candé, a menos que fossem libertados, e os guardas em pânico convocaram Mohamed Soumah, um colaborador, para negociar.

Por fim, a milícia concordou com os termos. "Eu, Soumah, vou abrir a porta e vocês vão sair", disse. "Estarei à frente, correndo com vocês até a saída." Pouco antes das 9h, os guardas tomaram posição com as armas. Soumah abriu a porta da cela e disse aos 300 migrantes que o seguissem para fora da prisão, em fila indiana, sem falar nada.

Quem estava a caminho do trabalho diminuiu a velocidade para olhar espantado para o fluxo de migrantes que deixava o complexo e se dispersava pelas ruas de Trípoli.

Depois de os detidos da cela 4 terem sido liberados, a notícia da morte de Candé se espalhou rapidamente, chegando a um líder comunitário entre os migrantes. O homem (que pediu anonimato por medo de retaliações) foi com Demba Balde, tio-avô de Candé, até a delegacia, onde receberam uma cópia da autópsia. O relatório dizia que o nome de Candé era desconhecido e afirmava, erroneamente, que ele era da Guiné.

As autoridades sugeriam que ele havia morrido em uma briga, o que irritou o líder comunitário. "Não foi uma briga", ele me disse. "Foi uma bala." Mais tarde, os dois foram ao hospital local para identificar o corpo de Candé; ele foi trazido em uma maca de metal, envolto em um pano branco translúcido. Nos dias seguintes, percorreram Trípoli pagando as dívidas de Candé, todas contraídas após sua morte: 850 dinares (R$ 1.070) para o hospital, 85 dinares (R$ 110) para a mortalha branca e roupas para o funeral, 1.064 dinares (R$ 1.340) para o enterro que iria acontecer.

A família de Candé soube de sua morte dois dias depois. Samba, seu pai, me disse que mal conseguia dormir ou comer: "A tristeza pesa muito sobre mim." Hava tinha dado à luz uma filha chamada Cadjato, que já tem dois anos, e me disse que não se casaria novamente antes de terminar o luto: "Meu coração está partido".

Jacaria tinha poucas esperanças de que a polícia prendesse os assassinos de seu irmão. "Ele se foi. Se foi em todos os sentidos." As condições na fazenda pioraram, com mais enchentes e um trabalhador a menos. Como resultado, Bobo, o irmão mais novo, provavelmente tentará fazer a viagem para a Europa. "O que mais posso fazer?".

O assassinato de Candé havia encerrado a tentativa de um migrante de encontrar vida nova na Europa. Mas a história dele não é a única. A ONU e várias organizações humanitárias há anos documentam o terrível custo humano do trabalho que a Líbia faz em nome da Europa para parar migrantes. Estupro, tortura, trabalho forçado, extorsão, morte — os investigadores e pesquisadores já registraram de tudo e viram poucas mudanças.

Ghreetly foi suspenso de Al Mabani após a morte de Candé, mas foi reintegrado semanas depois. Por quase três meses, os Médicos Sem Fronteiras recusaram-se a entrar lá. Beatrice Lau, a chefe de missão na Líbia à época, escreveu: "O padrão persistente de incidentes violentos e sérios danos a refugiados e migrantes, bem como o risco para a segurança de nossa equipe, atingiu um nível que não somos mais capazes de aceitar".

A MSF retomou suas atividades após receber garantias de que não haveria mais violência. Mas, em outubro, as autoridades líbias, incluindo a milícia que controla Al Mabani, prenderam 5.000 migrantes em Gargaresh e enviaram milhares para a prisão. Dias depois, os guardas abriram fogo contra prisioneiros que tentavam escapar, matando seis.

Após a morte de Candé, Jose Sabadell, embaixador da UE na Líbia, pediu uma investigação formal, que parece nunca ter acontecido. Um porta-voz de Sabadell disse: "As garantias das autoridades líbias de que esses eventos serão investigados e que as ações judiciais cabíveis serão executadas precisam ser traduzidas na prática. Os agressores devem ser responsabilizados. Não pode haver impunidade".

Mesmo assim, o compromisso da Europa com seus programas antimigrantes na Líbia permanece inabalável. Em 2020, a Itália renovou seu Memorando de Entendimento com a Líbia e, desde março, gastou mais US$ 4 milhões (R$ 22,8 milhões) com a Guarda Costeira do país. A Comissão Europeia comprometeu-se recentemente a construir um centro de comando marítimo "novo e melhorado" e a comprar mais três navios.

Demba Balde, um alfaiate de 40 anos que vivia sem documentos na Líbia, havia tentado convencer o sobrinho-neto Candé a abandonar seu plano de cruzar o Mediterrâneo. "Essa é a rota da morte."

No dia 12 de abril, pouco depois das orações das 17h, Balde e cerca de 20 homens se reuniram no cemitério de Bir al-Osta Milad para o funeral de Candé. O lugar ocupa um terreno de oito acres entre uma subestação elétrica e dois armazéns. A maioria dos migrantes mortos na Líbia está enterrada lá, e agora há cerca de 10 mil túmulos, muitos deles sem identificação.

Os homens oraram em voz alta enquanto o corpo de Candé era baixado para um buraco cavado na areia, com não mais do que 30 centímetros de profundidade. Eles o cobriram com seis pedras retangulares e colocaram uma camada de concreto. Alguém perguntou se alguém tinha dinheiro de Candé para dar à família, mas ninguém respondeu. Após uma pausa, os homens disseram, em uníssono: "Deus é grande". Então, um deles, usando um pedaço de pau, rabiscou o nome de Candé no concreto molhado.

Entenda a série

Este é o último texto de uma série produzida por The Outlaw Ocean Project, cujo diretor é Ian Urbina, em parceria com a **Folha**. O especial examina a colaboração da UE com a Líbia na captura e detenção de migrantes. O Outlaw Ocean Project, organização jornalística sem fins lucrativos, tem como foco problemas ambientais e de direitos humanos em alto-mar.

mercado

O agrônomo Murilo Ricardo, 32, que após faculdade voltou a Anaurilândia (MS) para gerir fazenda da família Rubens Cardia/Folhapress

Emprego reage mais rápido no agronegócio e atrai jovens

Setor lidera alta de postos e tem recorde de trabalhadores que iniciaram graduação

Douglas Gavras e Leonardo Vieceli

CURITIBA RIO DE JANEIRO Filho de produtores de soja, Murilo Ricardo, 32, não se imagina morando longe do campo. Ele, que saiu da pequena Anaurilândia (a 368 km de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul) para estudar agronomia, voltou para o interior. Agora, dedica-se a cuidar da propriedade da família.

"As melhores oportunidades de trabalho para mim estão aqui, e os avanços tecnológicos pesaram na decisão de voltar. Em pouco tempo, já consegui implementar na propriedade parte do que aprendi na cidade e estudando no exterior, como o uso de tecnologia para fazer medições. Não me imagino longe do campo."

Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sinalizam que a trajetória de Ricardo não é isolada e que as atividades ligadas ao campo já superaram o nível de empregos do pré-pandemia, levando em consideração vagas formais e informais.

No terceiro trimestre de 2021, a população ocupada na agricultura, na pecuária, na produção florestal, na pesca e na aquicultura chegou a 9 milhões — o número representa um avanço de 574 mil postos ante o terceiro trimestre de 2019 (8,5 milhões), antes do início da crise sanitária.

Em termos percentuais, o crescimento no período foi de 6,8%. É o maior na lista de dez atividades analisadas pelo IBGE. Os dados integram a Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua).

Fora as atividades relacionadas ao campo, apenas o setor de construção e o ramo de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas tiveram aumento da população ocupada no mesmo período. As altas foram de 2,5% e 2,9%, respectivamente — resultados inferiores aos registrados no campo.

Além de liderar o ritmo de geração de empregos, o agronegócio também está ficando mais jovem e escolarizado, de acordo com levantamento exclusivo da consultoria IDados, também a partir da Pnad Contínua: o total de trabalhadores rurais com até 29 anos é o mais alto desde 2015. No terceiro trimestre de 2021, eles eram 2,2 milhões.

Em número de trabalhadores, o grupo ainda é menor do que o das demais faixas etárias, mas foi o que mais cresceu na comparação com antes da pandemia, com aumento de 16% em relação ao início de 2019.

Apesar de ainda serem minoria, os trabalhadores rurais com ensino superior incompleto ou mais dobraram nos últimos nove anos, em patamar recorde. Eles eram 189,8 mil no terceiro trimestre de 2012. No mesmo período de 2021, já somavam 389,8 mil, ainda de acordo com os dados do IBGE.

Em busca de qualidade de vida e redução de despesas, o veterinário Thomaz Coelho, 31, trocou o Rio de Janeiro pela mineira Palmópolis, de menos de 7.000 habitantes.

"Tinha um emprego no Rio, mas estava insatisfeito com a rotina da cidade. Prestei um concurso e hoje atuo em fazendas de Minas", conta.

Em sua avaliação, muitos jovens de maior formação acabam se mudando para o interior também para fugir da violência e dos problemas das grandes cidades e a pandemia deve reforçar esse movimento.

Para o pesquisador Felippe Serigati, do centro de estudos FGV Agro, a criação de vagas no campo reflete um conjunto de fatores. Um dos principais é o fato de atividades como agricultura e pecuária não terem parado de operar durante a pandemia.

Restrições adotadas para frear o coronavírus atingiram mais setores, como comércio e serviços, com grande peso em centros urbanos e dependentes da circulação de pessoas.

Além disso, a demanda por alimentos ficou aquecida durante a crise sanitária, incentivando contratações de trabalhadores no campo, diz o pesquisador.

"Em 2021, o Brasil teve seca e geadas e, com isso, houve quebra de safra. Mas o investimento já estava feito. A mão de obra já havia sido contratada", afirma.

A pesquisadora Nicole Rennó, do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), tem opinião semelhante. Segundo ela, a demanda aquecida e os preços em alta por produtos da agropecuária colaboraram para o aumento da população ocupada na pandemia.

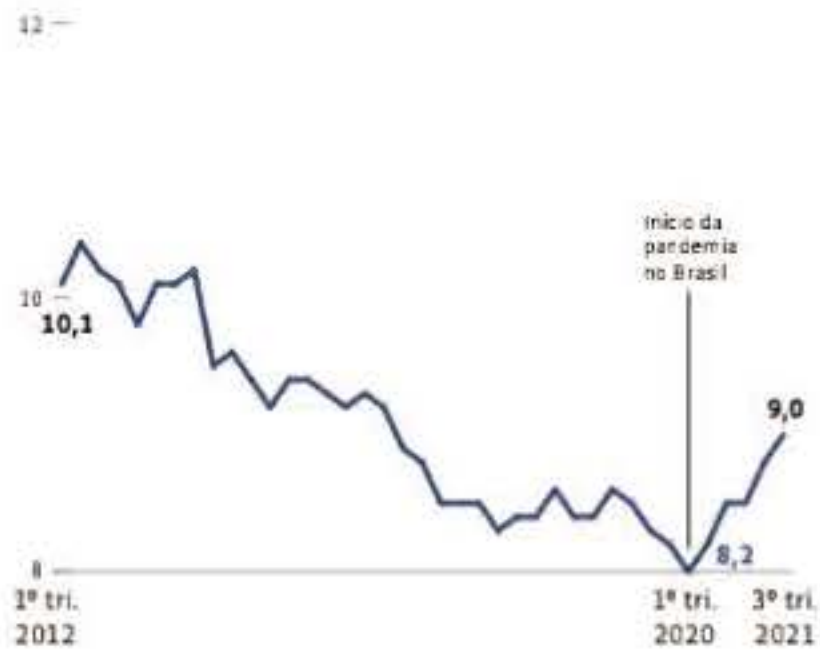
"Os preços altos, que são o principal elemento da conjuntura, favorecem os empregos. O avanço superou o que era necessário para uma recuperação", afirma.

Sobre o aumento do número de empregados rurais com ensino superior, o pesquisador da IDados e também da FGV Bruno Ottoni diz que não é possível medir se isso se deve pela atração de universitários ao campo ou pelo aumento da escolaridade dos moradores dessas regiões. Mas é provável que os dois movimentos estejam ocorrendo.

"É importante observar que o campo é um dos setores que mais perderam mão de obra ao longo da história, por causa do processo de mecanização, que vai se acentuar. As novas gerações de trabalhadores rurais terão de ser mais treinadas para essa realidade também."

> "Tinha um emprego no Rio, mas estava insatisfeito com a rotina da cidade. Prestei um concurso e hoje atuo em fazendas de Minas
>
> **Thomaz Coelho**
> veterinário

Trabalhadores ocupados no campo no Brasil

Grupo inclui as atividades de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura, em milhões

Trabalhadores ocupados por atividades no Brasil

Setor de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura já recuperou nível pré-pandemia

94,7 milhões era o total de trabalhadores ocupados em 2019

Hoje, esse número caiu para **93**

Número de trabalhadores no campo, por idade e formação

Por idade no 3º tri de cada ano
Em milhões

Por formação no 3º tri de cada ano
Em milhões

Fontes: Pnad (IBGE), com elaboração da Idados

Desoneração é sancionada, e governo afirma que não é necessária compensação

Planalto diz que segue orientação do TCU; benefício para 17 setores vale até o fim de 2023, com renúncia fiscal de R$ 9 bilhões por ano

Thiago Resende e Mateus Vargas

BRASÍLIA A lei que prorroga a desoneração da folha de pagamentos de 17 setores da economia até o fim de 2023 foi sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) no fim da noite de sexta (31) sem a previsão de medida que compense a perda de receita no Orçamento.

De acordo com o Palácio do Planalto, uma orientação do TCU (Tribunal de Contas da União) viabilizou que a desoneração fosse estendida sem a necessidade de uma compensação.

A desoneração da folha, adotada há dez anos, permite que empresas possam contribuir com um percentual que varia de 1% a 4,5% sobre o faturamento bruto, em vez de 20% sobre a remuneração dos funcionários para a Previdência Social (contribuição patronal).

Isso representa uma diminuição no custo de contratação de mão de obra. Por outro lado, significa menos dinheiro nos cofres públicos.

Atualmente, a medida beneficia companhias de call center, o ramo da informática, com desenvolvimento de sistemas, processamento de dados e criação de jogos eletrônicos, além de empresas de comunicação, companhias que atuam no transporte rodoviário coletivo de passageiros e empresas de construção civil e de obras de infraestrutura.

O fim da desoneração estava previsto para sexta, mas o benefício foi prorrogado após sanção —sem vetos— de projeto de iniciativa do Congresso Nacional.

"O projeto sancionado tem capacidade de oferecer estímulos aos setores beneficiados à necessária retomada da economia, principalmente, em face da diminuição de encargos fiscais a cargo dos empregadores", afirmou, em nota, a Secretaria-Geral da Presidência da República.

A política gera uma renúncia de receitas de cerca de R$ 9 bilhões ao ano.

O governo discutiu nos últimos dias como compensar a desoneração da folha. Mas, ao sancionar o projeto, não editou novas medidas que neutralizassem seu efeito.

Segundo a nota do Palácio do Planalto, o TCU entende que, por ser uma prorrogação de um benefício fiscal já existente, não é necessária uma compensação.

O presidente Jair Bolsonaro em Brasília Ueslei Marcelino - 1º.jun.21/Reuters

+ OS 17 SETORES DA DESONERAÇÃO

- Calçados
- Call center
- Comunicação
- Confecção e vestuário
- Construção civil
- Empresas de construção e obras de infraestrutura
- Couro
- Fabricação de veículos e carrocerias
- Máquinas e equipamentos
- Proteína animal
- Têxtil
- Tecnologia da informação
- Tecnologia de comunicação
- Projeto de circuitos integrados
- Transporte metroferroviário de passageiros
- Transporte rodoviário coletivo
- Transporte rodoviário de cargas

Além disso, foi publicada uma MP (medida provisória) mudando a forma de cálculo da desoneração nas contas da Previdência Social —as empresas beneficiadas por essa medida de estímulo ao emprego pagam menos tributos à Previdência Social.

"Com a correção na metodologia antiga, não haverá criação de nova despesa orçamentária, o que tornou possível sancionar a prorrogação da desoneração com os recursos já existentes no Orçamento", afirmou a Secretaria-Geral da Presidência da República.

O projeto sancionado também prorroga até o fim de 2023 o aumento na alíquota da Cofins aplicada na importação de produtos dos setores desonerados. O objetivo, segundo o governo, é proteger o fabricante nacional.

Isenção de IPI para taxista e pessoa com deficiência é renovada

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) sancionou, em edição extra do Diário Oficial da União de 31 de dezembro, uma lei para renovar a isenção de IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) na aquisição de automóveis para taxistas e pessoas com deficiência.

"A medida aquece a indústria automobilística e faz justiça com os taxistas e as pessoas com deficiência", escreveu o presidente, por meio de seu perfil em rede social.

Segundo a Secretaria-Geral da Presidência, a nova lei prorroga a isenção de IPI na compra de veículos novos até 31 de dezembro de 2026 e beneficia motoristas profissionais, taxistas, pessoas com deficiência física, visual, auditiva e mental severa ou profunda e pessoas com transtorno do espectro autista.

Dentre as novidades, de acordo com o governo, está a inclusão das pessoas com deficiência auditiva, as quais não eram previstas na legislação anterior.

Pela lei sancionada, passa a ser de R$ 200 mil, incluídos os tributos incidentes, o preço máximo do automóvel que poderá ser adquirido com isenção do IPI pela pessoa com deficiência. O limite anterior era de R$ 140 mil.

O presidente vetou dispositivo que ampliava a isenção para incluir na isenção os acessórios dos carros que não fossem de fábrica. O Planalto argumentou que não havia cálculo do impacto financeiro e medidas compensatórias.

Bolsonaro também sancionou lei complementar que cria o MEI (microempreendedor individual) Caminhoneiro.

Pelo texto, transportadores autônomos de carga podem atuar como microempreendedores individuais mesmo com teto de faturamento de até R$ 251,6 mil. Para as demais categorias, o limite de ganho por ano aceito na inscrição como MEI é menor, de R$ 81 mil.

O projeto do MEI Caminhoneiro foi apresentado pelo senador Jorginho Mello (PL-SC), aliado de Bolsonaro. O presidente tem feito acenos à categoria que o ajudou a se eleger em 2018 e exerce pressão constante sobre o governo.

Bolsonaro extingue benefícios da indústria petroquímica para reduzir imposto de avião

BRASÍLIA E CURITIBA Em ato publicado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) na noite de sexta (31), o governo acabou com incentivos fiscais a empresas do setor petroquímico.

O fim do Reiq (Regime Especial da Indústria Química) foi feito por meio de uma MP (medida provisória), que tem efeito imediato, mas precisa do aval do Congresso após 120 dias —esse prazo só é contado após a retomada dos trabalhos no Legislativo.

O encerramento dos benefícios ao setor petroquímico foi adotado como forma de compensar outra medida do governo: a redução do IRRF (Imposto de Renda Retido na Fonte) sobre arrendamento mercantil de aeronaves. Essa era uma demanda do setor aéreo, mas desagradou ao setor químico.

[O fim do Regime Especial da Indústria Química] É uma paulada no setor

André Cordeiro
diretor da da Abiquim (Associação Brasileira da Indústria Química)

Segundo André Passos Cordeiro, diretor de Relações Institucionais da Abiquim (Associação Brasileira da Indústria Química), a decisão do governo pegou o setor de surpresa e, se mantida, deve levar a queda na produção nacional.

Com a medida, também é esperada a redução de R$ 3,2 bilhões de arrecadação anual e a eliminação 85 mil empregos diretos e indiretos, segundo cálculos da FGV.

"É uma paulada grande no setor, dado que essa discussão já havia acontecido no início de 2021. O fim imediato do Reiq já havia sido avaliado pelo Congresso e eles prorrogaram até 2025, entendendo que o regime especial não deveria ser usado para fazer compensações."

Cordeiro acrescenta que, embora a redução de imposto sobre arrendamento mercantil de aeronaves seja legítima, o uso do Reiq para alcançar essa medida só traz desgaste para o setor petroquímico e amplia a insegurança jurídica.

"A gente não consegue se planejar nem a curtíssimo prazo. Vamos voltar a conversar com os parlamentares para que isso seja revisto."

Thiago Resende, Mateus Vargas e Douglas Gavras

PAINEL S.A. | **Joana Cunha**
painelsa@grupofolha.com.br

Catherine Petit

Ficou difícil acertar previsão de vendas de espumante na pandemia

SÃO PAULO A vinícola Chandon do Brasil chegou às festas de fim de ano em 2021 com um crescimento em torno de 15% na comparação com 2019, ano que apontava retomada após o biênio anterior de queda no faturamento.

A trajetória foi interrompida em 2020, quando a Covid-19 chegou. Além de obstruir parte importante dos canais de vendas das bebidas em bares e restaurantes, a pandemia pegou a Chandon em um momento importante: os preparativos para troca de identidade de marca, com novas garrafas e rótulos.

Catherine Petit, diretora da Moët Hennessy do Brasil e da vinícola Chandon no país, diz que foi preciso adaptar o processo, com a suspensão das viagens da equipe para treinamento nas novas máquinas na Itália e a redução dos eventos de lançamento.

Mas o projeto foi providencial, porque o planejamento prévio ajudou a empresa a driblar a quebra na cadeia de fornecimento, que atingiu materiais como garrafas e rolhas. No horizonte de 2022, a inflação é prevista como o novo desafio.

*

Como atravessaram 2021, ainda sob pandemia? Foi um ano histórico para a Chandon, porque lançamos a nossa nova identidade de marca no mundo inteiro e no Brasil, com um novo rótulo. Então, tivemos desafios. Para fazer esse novo rótulo, começa com a cadeia de produção, troca de máquinas. Tivemos de fazer tudo isso no meio da pandemia.

Os times tiveram de se organizar para receber as máquinas da Itália, instalar. O plano era todo o mundo ir lá para ser treinado. Tivemos que repensar tudo, fazer sozinhos lá no Sul, nos comunicando com os times da Itália. Deu certo, tivemos dedicação de todos.

O segundo desafio foi planejar o lançamento da troca da garrafa. No mercado, queríamos acertar direitinho para não ter estoque demais, para não conviver com garrafa velha e nova. Só que a previsão de vendas ficou difícil de acertar na pandemia. Acho que tivemos sorte.

Escolhemos postergar um pouquinho para abril ou maio e conseguimos fazer uma boa substituição. Aos poucos as garrafas começaram a aparecer nas prateleiras entre junho e julho, que foi mais ou menos quando as pessoas recomeçaram a sair. Aí conseguimos expor as garrafas em restaurantes e bares.

Ainda nas dificuldades da pandemia, o setor enfrentou problemas com a quebra na cadeia de fornecimento. Faltou rolha e vidro na indústria para atender aos fabricantes de bebidas. Isso os atrapalhou? Como nós tínhamos essa troca, tudo isso estava planejado havia dois anos. Como a gente veio com todo o material pedido antes, conseguimos lançar sem ter a ruptura. Para o lançamento não tivemos problemas.

E agora? Acho que 2022 vai ser outra história porque já estamos com ruptura. Foi difícil fechar o ano. Mas isso é mais devido ao sucesso que tivemos. Mas o lançamento foi sucesso desse ponto de vista porque já estava tudo planejado.

Como foi este fim de ano, após a vacinação, se comparado a 2020? Quando fizemos nosso evento em outubro, optamos por receber pequenos grupos. Já imaginávamos que não ia ser tão simples. Não é porque as pessoas estão vacinadas que elas ficam à vontade ou estão 100% protegidas. Então, fomos zelando para não assustar ninguém.

Olhando para os nossos clientes, acho que também foram com cautela. Tem eventos. Nós tivemos vendas. Todo mundo quer comemorar, mas acho que com mais cautela. Acho que tem grupos com quantidade limitada de pessoas, pequenas comemorações em casa.

Quais são os números de crescimento de 2021? Na comparação com 2019, estamos em quase 15% acima em termos de vendas. É muito bom sinal porque significa que recuperamos e ultrapassamos.

Considerando que estamos vivendo um momento econômico sensível e inflação, essa ultrapassagem em relação a 2019 é atribuída a quê? No caso da Chandon, estava em um processo de retomada porque quando teve a crise e os problemas econômicos e políticos do Brasil nos anos de 2017 e 2018, caiu bastante o faturamento da Chandon. Em 2019, estava em um processo de retomada.

Hoje, eu acho que tem problema e inflação, mas o consumidor brasileiro, sobretudo na pandemia, optou por comprar menos, porém, escolhendo um produto de qualidade que o inspira. E acho que a marca combina com o brasileiro, que fala: merecemos, queremos comemorar bem, nos mimar um pouco. Depois desses momentos difíceis, acho que estamos nos beneficiando disso.

Como a operação da marca no Brasil sofre a pressão do câmbio? A produção é local. Temos alguns produtos secos que são importados, mas poucos. Então, por enquanto, não sentimos muito. O problema é que inflação não é câmbio. Ano que vem vai ser outra história.

Tem uma conversa crescendo no setor, que é a sustentabilidade. O que tem de novo nisso? Isso é algo que fazemos há muitos anos. Justamente por isso, com essa nova identidade de marca, quisemos trazer muito esses conceitos. Tem uma parte que cuida dos nossos solos e das pessoas. São iniciativas para cortar o uso de herbicidas, restaurar a biodiversidade, redução de consumo de água, e ter certificação sustentável.

Raio-X
Nascida em Toulouse, na França, Catherine Petit se formou em administração de empresas na Ecole Supérieure de Commerce de Paris. Atua desde 2007 na Moët Hennessy, ramo de bebidas do grupo LVMH. Em 2020, assumiu a direção-geral da Moët Hennessy do Brasil e a direção da vinícola Chandon Brasil

Micropix chega a cultos e missas para doações e até dízimo

Transferência de pequenos valores se populariza entre fiéis e também conquista comerciantes ambulantes

Suzana Petropouleas e Marcelo Azevedo

SÃO PAULO E SALVADOR O uso do sistema de pagamentos instantâneo Pix tem se popularizado em locais inusitados. Agora, avança pelas igrejas pelo país — em contribuições para dízimo durante as celebrações até a coleta de doações para compra de cestas básicas.

Pode-se dizer que o sistema é ecumênico. Foi adotado por igrejas católicas e evangélicas. As instituições religiosas atribuem a escolha do sistema à praticidade, à agilidade, à ausência de taxas e à possibilidade de doações remotas. Pesa a favor também a facilidade para realizar transferências de valores menores, formato de transação que recebeu o apelido de "micropix".

O método de pagamento, que bateu recorde com 50,3 milhões de transações em um dia em dezembro, já é o responsável por uma em cada três transações para ofertas religiosas, dízimos e contribuições para eventos de igrejas, segundo dados da InChurch, empresa de aplicativo de gestão financeira destinado ao setor, que possui cerca de 30 mil igrejas em seu portfólio.

Na Igreja Batista Memorial de Alphaville, em Barueri (SP), as cestinhas de vime ou sacolas de tecido que comumente circulam pelas fileiras de bancos de igrejas durante a coleta do dízimo, em meio a cultos e missas, têm sido substituídas pelo celular dos fiéis.

Com o aparelho em punho, eles realizam as transações rapidamente, ao som de um hino musical sobre gratidão selecionado para o momento da celebração litúrgica destinado às doações.

Segundo o pastor Reinaldo Rodrigues, que participa do conselho de administração da igreja, a adoção de meios de pagamento digitais facilitou a gestão de recursos e aumentou a transparência das contas da comunidade. O uso do método de pagamento também agilizou e descentralizou as contribuições.

"O Pix e outros meios eletrônicos agilizaram os fluxos da contribuição. Quando o fiel, dentro do seu orçamento, tem a disponibilidade do recurso, ele já transfere. Não precisa aguardar ir fisicamente à igreja, no final de semana."

Na Paróquia Santa Teresinha, em Santana (zona norte de SP), o Pix foi adotado pouco depois de ser lançado, em novembro de 2020. Quando a paróquia reabriu, a chave Pix com o CNPJ da instituição e um QR Code para ser lido com o celular foram colados nos bancos de madeira da igreja, para evitar o contato entre os fiéis causado pela circulação das cestinhas de dízimo, e facilitar as transações em meio às missas.

Banners na entrada também anunciavam a novidade, com a qual os fiéis que frequentam a igreja agora já se acostumaram, diz Rodrigo Novembrini, coordenador financeiro da instituição.

Até o início da pandemia, as doações eram feitas exclusivamente em espécie durante as visitas à igreja ou via correio, em envelopes enviados para a casa dos fiéis e entregues na secretaria da paróquia. Meios eletrônicos de pagamento eram estudados, mas sua adoção foi agilizada pelo distanciamento social a partir de março de 2020. Os pagamentos online foram vitais para a sobrevivência da paróquia durante os períodos mais restritos do isolamento, diz Novembrini.

Em novembro, o Pix foi usado por 130 fiéis para doações durante as missas. O método de pagamento é mais utilizado pelos mais jovens, diz o coordenador. Mas a digitalização da igreja já permitiu reduzir em 40% os custos com correio e, no futuro, a paróquia espera eliminar completamente o uso de dinheiro em espécie.

Hoje as doações, ingressos de eventos e pagamento de batizados e casamentos podem ser feitos via cartão, Pix e boleto, através da plataforma de cobranças Asaas.

"Não mexer mais com dinheiro será sensacional, tanto pela segurança de não ter que ir ao banco com os recursos em espécie quanto pela praticidade dos relatórios. Agora está tudo no computador."

Novembrini atuava em multinacionais antes de se dedicar à paróquia e diz que as instituições religiosas estão se abrindo para as inovações do mercado de tecnologia. "Agora estamos sempre de olho nas novidades e no que pode ser bom para a comunidade, pesando os ônus e bônus das inovações."

Sistema conquista vendedor de pipoca e cachorro-quente

No comércio de rua, o uso do Pix para transações de baixo valor também tem se popularizado. Foi adotado pelo comerciante Ademilson de Oliveira Lima, 43, que há 23 anos trabalha nas ruas de São Paulo.

Em 2021, ele passou a oferecer a opção para clientes de seu carrinho de cocada e amendoim, que costuma estacionar em um cruzamento movimentado da zona sul, próximo à rua Domingos de Moraes. "Não há restrição de valor: os pagamentos podem ser feitos mesmo para as menores compras, na casa de centavos", diz ele.

Para Ademilson, a novidade favoreceu pequenos comerciantes como ele, que ganharam uma opção para além do dinheiro físico e das taxas de transação nas operações com cartões de crédito e débito, que estão em média em 2,02% e 1,03%, respectivamente, segundo a Abecs (Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços).

O Pix, por sua vez, não tem taxa para transações feitas por pessoas físicas. As jurídicas estão sujeitas a cobranças que variam a depender do banco. A maioria isenta pequenos empresários e empreendedores enquadrados na categoria de microempreendedores individuais (MEI).

"As coisas estão difíceis, o movimento ainda não voltou ao que era antes da pandemia, e a gente já não ganha lá essas coisas, então achei bem melhor o Pix. Os clientes pedem bastante", diz Ademilson, que ressalta que o uso do serviço intensificou a dependência dos comerciantes de um bom plano de internet móvel enquanto trabalham na rua.

Perto dali, em esquina movimentada em frente ao shopping Metrô Santa Cruz, a baiana Bruna de Oliveira, 24, diz que o método de pagamento tem sido uma boa alternativa para os transeuntes que são atraídos pelos donuts coloridos exibidos através de um vidro no carrinho em que trabalha como vendedora. "É uma alternativa que ajuda bastante, mas sempre pedimos que nos mandem o comprovante por mensagem no celular para confirmar a transação."

O receio de fraudes ou falsas confirmações de pagamento é compartilhado por Marlene Pimentel da Silva, 47, que há 20 anos vende cachorro-quente em frente à praia do Porto da Barra, em Salvador.

A comerciante conta que, um dia, vendeu lanches a um grupo de jovens que disseram ter enviado o valor por Pix. Mas o dinheiro nunca entrou na conta — ela acredita que os clientes tenham mostrado o comprovante de agendamento, mas cancelaram a operação em seguida. "Nós queremos uma segurança, porque conheço muitos que já passaram por isso. As pessoas passam, falam uma coisa, mas o dinheiro não chega."

A vendedora tornou-se adepta do meio de pagamento, implementado no negócio por sua filha há três meses, graças à praticidade para reposição de itens e compra com fornecedores. "Às vezes estou aqui e acaba o pão, aí posso ligar para alguém e comprar direto. Se não, têm que vir aqui para pegar o dinheiro, gastar gasolina, e voltar."

Próximo aos cachorros-quentes de Marlene, Jailson de Jesus Bezerra, 30, vende pipoca em frente ao Farol da Barra e passou a aceitar Pix há cinco meses. "As pessoas queriam, acabava perdendo vendas, aí precisei aderir", diz.

Segundo o Banco Central, o método de pagamento já foi utilizado pelo menos uma vez por 106,8 milhões de brasileiros desde sua implantação, em novembro de 2020. Seis em cada dez brasileiros fazem parte do grupo, segundo a autoridade monetária.

"No lançamento não fiz, mas depois de alguns meses passei a aceitar porque a gente tem que se modernizar no meio turístico. Hoje, é 50% dinheiro e 50% Pix. O que está sumindo é cartão", diz Paulo Roberto de Jesus Souza, 43, conhecido como Paciência, que trabalha como ambulante no largo do Pelourinho há 21 anos.

Paciência adotou o Pix também pela facilidade em economizar o que recebe. "Com dinheiro é bom e não é, porque você gasta logo. Pega aqui, gasta ali. Com o Pix, pegou, caiu na conta, mas você deixa lá. Só vai gastar se precisar." O método de pagamento é solicitado principalmente por turistas que frequentam o Pelourinho. "A maioria paga por Pix. A galera que vem de avião é Pix."

Rodrigo Novembrini, coordenador financeiro de paróquia em Santana, na zona norte de SP, com adesivos que têm chave Pix e QR Code, que foram colados nos bancos Eduardo Knapp/Folhapress

A vendedora Bruna de Oliveira, que aceita o Pix na barraquinha de donuts em que trabalha em frente ao shopping Metrô Santa Cruz, na zona sul de São Paulo Jardiel Carvalho/Folhapress

Ademilson Lima, que vende cocada e amendoim e aderiu à opção de pagamento em 2021; ele diz que não há valor mínimo para as compras com Pix Jardiel Carvalho/Folhapress

Vinicius Torres Freire

O colunista está em férias

Bento Albuquerque

Nunca ocorreu crise de energia, só escassez hídrica

Ministro de Minas e Energia afirma que governo vai manter de forma permanente programa de incentivo à redução de consumo das empresas

ENTREVISTA

Julio Wiziack

BRASÍLIA Para o ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, a crise de energia nunca ocorreu. Diante da escassez hídrica, o governo preferiu evitar o racionamento e acelerou o ritmo de leilões (de energia, capacidade e de linhas de transmissão). Essa decisão levou o país a acionar o parque de usinas térmicas a mais de R$ 2.000 o MWh (megawatt-hora), encarecendo as contas de luz e elevando a inflação.

Segundo ele, os leilões geraram R$ 680 bilhões em investimentos contratados, considerando ainda as ofertas de óleo, gás e mineração.

"Dá para terminar o ano com autoestima elevada e recompensado pelo trabalho, que não é meu, é de todos", disse Albuquerque em entrevista à **Folha**.

Mesmo assim, o governo vai manter permanentemente o programa de incentivo à redução de consumo das empresas.

Albuquerque disse ainda que não houve intenção eleitoreira de Bolsonaro, que disputará a reeleição em 2022, no represamento de reajustes tarifários deste ano para os próximos, e que uma de suas missões [como o represamento das tarifas e repasse de custos da energia] foi conter a inflação, já que o insumo passou a representar o item que mais pesa no IPCA.

Pedro Ladeira/Folhapress

Bento Albuquerque, 62
Ministro de Minas e Energia, ingressou na Marinha em 1973 e formou-se pelo Colégio Naval. Chegou ao topo da carreira, como almirante de esquadra. Foi observador militar de Forças de Paz da ONU, assumiu a Secretaria de Ciência e Tecnologia e Inovação da Marinha, em 2006, e, posteriormente, a Diretoria-Geral de Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico. Participou do programa do submarino nuclear brasileiro

*

As empresas e as pessoas instalaram luzes de Natal. A crise energética acabou? A crise de energia, a meu ver, nunca ocorreu. Passamos por um período de escassez hídrica que resultou no aumento do custo da geração de energia e isso abala o orçamento de todos nós. As luzes de Natal e a retomada das empresas mostram simplesmente a volta da atividade econômica.

Durante esse período, da maior escassez hídrica que o país já passou, procuramos manter a segurança energética para toda atividade socioeconômica do país.

Qual o cenário hídrico para este ano? Vamos continuar com escassez? O que podemos afirmar é que terminamos dezembro em melhores condições [de chuvas] do que há um ano. E isso é muito bom. Agora não temos como prever a afluência. Nossas previsões são muito assertivas de forma quinzenal. De forma mensal perde um pouco de confiabilidade. Temos de aguardar.

Essa condição hídrica mais favorável levou o governo a afrouxar o programa de estímulo à redução do consumo residencial e de empresas? Não. O programa de resposta da demanda [empresas são pagas para não consumirem energia] foi muito importante, e pretendemos mantê-lo. A Aneel [Agência Nacional de Energia Elétrica] está trabalhando nisso com as diretrizes do ministério e acreditamos que no início do próximo ano teremos esse programa permanente. Sempre que necessário e oportuno para as empresas, poderá ser utilizado.

Agora, gostaria de frisar que, mesmo com a pandemia e todas as restrições, tivemos um aumento na geração de energia de 16% nos últimos três anos, entre janeiro de 2019 e dezembro de 2021, e um aumento de 17% na transmissão. A produção de petróleo aumentou 16%, e a exportação de óleo cresceu 22%.

Realizamos 20 leilões de energia elétrica, sete de petróleo e gás, oito de mineração. Foram R$ 680 bilhões em investimentos contratados, o que representou 81% da carteira de infraestrutura do PPI [Programa de Parceria de Investimentos].

Fizemos leilões bem-sucedidos. Tivemos ágios maravilhosos, uma média de 250% [em um deles]. Havia a expectativa de recebermos R$ 140 bilhões pela comercialização do óleo da União. Com o ágio, receberemos R$ 320 bilhões.

Realizamos o primeiro leilão de capacidade de reserva com 50 GW [gigawatt] de projetos pré-aprovados de termelétricas a gás. Isso mostra que não só nossa matriz energética está crescendo mas também está havendo uma retomada da atividade econômica por maior demanda de energia.

Dá para terminar o ano com autoestima elevada e recompensado pelo trabalho, que não é meu e de todos.

Tivemos uma pandemia, 2022 será o ano de eleição, Bolsonaro é pré-candidato e vem tentando ganhar a simpatia do eleitor com medidas de impacto positivo. Ele pediu o represamento de tarifas e preços de energia ao sr. ou para a Aneel? Isso eu escuto dele desde de 2019 [primeiro dia do governo], para tomarmos medidas [relacionadas à tarifa] que não impeçam a atividade socioeconômica. Isso é permanente. Para 2022, vamos fazer a mesma coisa que fizemos nos anos anteriores.

Mas na pandemia o governo e a Aneel postergaram o pagamento de encargos setoriais e faturas como forma de dar fôlego à população e às empresas. Muito desse passivo será diluído para reajustes tarifários nos próximos anos. Existiu uma conotação política nesse movimento mirando as eleições de 2022? Não existe nenhuma conotação política. O que existe é uma preocupação muito grande com a inflação, que pode limitar a retomada da atividade econômica.

> Neste governo não haverá privatização da Petrobras. Não existe nenhum estudo do ministério nesse sentido, e isso já foi dito até pelo presidente Bolsonaro
>
> **Bento Albuquerque**
> ministro de Minas e Energia

O custo da energia é o que mais vem pesando na inflação. Quanto, afinal, o governo e a Aneel vão represar em reajustes deste ano para os próximos anos? Não sabemos. Isso está sendo calculado pelos técnicos da Aneel e do ministério. Por isso, aliás, ainda não apresentamos números nessa última MP [medida provisória, que definiu uma segunda rodada de socorro às distribuidoras].

Desde 2019 temos adotado ações para que os impactos nas tarifas não sejam significativos tanto para o consumidor, quanto para as empresas.

[Na pandemia] Tivemos aumento de custo por causa de geração termelétrica e a importação de energia, e isso impactou diretamente a tarifa. Mas tomamos medidas que vão reduzir esse aumento, como a própria expansão de geração e das linhas de transmissão.

As fontes de energia hoje estão apresentando valores [por megawatt-hora] cada vez menores nos leilões.

Uma das críticas à gestão da crise foi a queda do preço da energia no mercado quando o país estava acionando as térmicas a mais de R$ 2.000 o MWh. Como o senhor explica essa situação? Isso é a distorção que existe na garantia física [quantidade potencial que uma usina se compromete a comercializar energia], principalmente nas hidrelétricas da Eletrobras, que têm uma participação muito grande na geração do país. Na capitalização [da estatal], essa garantia será revista.

Essa foi uma reclamação dos grandes consumidores e um questionamento relevante do TCU. Essas distorções serão mesmo corrigidas antes da capitalização? Já estão sendo revistas. Tem uma comissão tratando disso e está em curso. E isso começou em 2020, por uma necessidade do setor. Estamos pagando esse custo [elevado] por causa da garantia física daquelas usinas da Eletrobras que têm prejuízo muito grande.

Isso reduzirá o valor da Eletrobras na capitalização? As usinas deixarão de gerar por cotas [pré-definidas], como no passado, e poderão vender a energia que for produzida e não o que, em tese, teria disponível. Isso, de certa forma, elimina a questão da garantia física.

Diante de tantos questionamentos do TCU, será possível realizar a capitalização neste ano? O ministro Vital do Rego pediu vista do processo [julgamento ficou paralisado], mas o TCU teve uma preocupação de manter o cronograma. Acredito que em janeiro, quando houver a próxima plenária do TCU, tenhamos todas as condições de prestar os esclarecimentos demandados e esse processo vai seguir seu curso normal para termos a capitalização em abril.

A Petrobras será privatizada neste governo? Neste governo não haverá a privatização da Petrobras. Não existe nenhum estudo do ministério nesse sentido e isso já foi dito até pelo presidente Bolsonaro.

O presidente sempre sinaliza que interfere nos preços da Petrobras. Há poucas semanas, ele disse que a estatal reduziria os preços. Depois de um desmentido, a companhia de fato baixou preços. O sr. ou o presidente interferem na Petrobras? Nem se quiséssemos. O estatuto da companhia impede ingerências na precificação dos combustíveis. Além disso, cerca de 20% dos combustíveis consumidos hoje no país não são produzidos pela Petrobras. São de concorrentes ou importados. [Para reduzir o preço do mercado] teríamos de mexer no mercado como um todo. O que precisamos é ter mais agentes e políticas públicas que evitem a volatilidade dos preços.

Qual política pública o sr. defende nesse caso? Existe uma discussão no Congresso sobre a criação do fundo de estabilização de preços, algo que poderia ser utilizado para compensar eventuais perdas de arrecadação dos estados.

Qual sua opinião sobre o fundo? O fundo é importante, mas não haverá recursos necessários de forma imediata. Se for ver, a arrecadação cresceu muito nos últimos anos. Poderia trabalhar a questão tributária, não para reduzir a arrecadação, mas que, com aumento do custo do combustível, pudesse reduzir a margem dos tributos para ter estabilidade maior. Acredito que seria um colchão tributário. Esse é o caminho mais rápido para evitar a volatilidade.

Esse mecanismo também foi discutido com a Petrobras para garantir reajustes quinzenais pela estatal, por exemplo? Com a Petrobras, não. Esqueça. Estamos trabalhando junto ao Congresso. A Câmara fez a apreciação em relação ao ICMS que agora está no Senado. A meu ver é a forma mais rápida de evitar a volatilidade dos preços sem alterar a perspectiva de arrecadação dos estados.

Acabou o monopólio da Petrobras no gás e, agora, grupos privados tentam criar monopólios locais. O governo vai reagir? A abertura está ocorrendo. Em 2021, apenas uma empresa [a Petrobras] atuava. Em 2022, teremos oito empresas, sendo quatro nacionais. O mercado está sendo aberto, mas isso não é da noite pro dia.

No que diz respeito ao monopólio, um dos princípios foi retirar a Petrobras do mercado com os desinvestimentos [venda de empresas] que seguem monitorados por um comitê dentro do CNPE [Conselho Nacional de Política Energética] e pelo Cade [Conselho Administrativo de Defesa Econômica] para evitar que se transfira um monopólio estatal para outro privado.

A agência reguladora de São Paulo entrou em choque com uma decisão da ANP (Agência Nacional do Petróleo), e isso pode abrir espaço para um monopólio privado no estado. Como se pacificam situações similares que podem comprometer a abertura? Se não se chegar a um consenso, temos o Judiciário para arbitrar. Esse é o caminho natural de qualquer divergência em termos de competências e atribuições.

Quando ficaremos imunes às crises hídricas? O ano de inflexão será 2026. Não é uma opinião. É baseado na expansão da nossa matriz energética, não só pela diversificação [novas fontes geradoras] mas pela entrada em operação dessas usinas a gás que leiloamos. Dentro do nosso planejamento, a partir de 2026, vamos passar por eventuais crises hídricas com maior governança e sem sobressalto.

Até lá, o preço do gás para mover essas usinas estará baixo ou continuaremos a pagar mais de R$ 2.000 por MWh? Estará mais baixo, com certeza. A rota [de transporte] do gás produzido no pré-sal entrará em operação no início deste ano e todo o gás terá condições de ser escoado para o continente. Temos novos investimentos, como o da Equinor, para trazer esses gás. Daqui quatro anos teremos esse gás chegando e até 2030 nossa produção vai crescer duas vezes e meia.

O sr. será o ministro até 2026? (Risos). Até quando o presidente Bolsonaro quiser.

Edmar Bacha, a passagem do tempo

Sem aprendizados, não teríamos construído o Plano Real

Samuel Pessôa
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Edmar Bacha é um dos principais economistas brasileiros, dos primeiros com doutorado nos EUA, professor, pesquisador com larga publicação no Brasil e no exterior, além de formulador de política econômica, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras. Publicou recentemente "No País dos Contrastes - Memórias da Infância até o Plano Real", pela História Real, selo da editora Intrínseca.

Não se trata de memória detalhada de uma vida. O livro é curto e apresenta os momentos que, aos olhos do Bacha de hoje, aos 79 anos, são os mais marcantes.

Li com grande prazer. Dei muita risada. Há de tudo, mas principalmente a exposição de momentos importantes de nossa história por quem estava lá fazendo.

Três são os trechos para mim mais marcantes. Primeiro, as cartas que escreveu para sua mãe, Maria de Jesus Lisboa Bacha, quando estava cursando o mestrado e doutorado em Yale. Segundo, a sua passagem como presidente do IBGE no governo Sarney e os aprendizados com o Plano Cruzado. E, em terceiro, a descrição de sua evolução intelectual. Há ainda a sua participação no Plano Real e um capítulo final com a apresentação resumida de sua contribuição científica.

Nas cartas de Yale, o jovem Bacha aparece como ótimo observador. Nota, no início dos anos 1960, que o racismo lá não é tão diferente do de cá. Não entra na esparrela, tão comum à época, de que as relações familiares por lá são mais frias. E, discordando do mestre Furtado, que passou um período em Yale, já enxergava em 1965 a recuperação cíclica da economia brasileira.

Em maio de 1985, assume a presidência do IBGE e participa do Plano Cruzado. De sua passagem pelo IBGE ficou marcada a enorme pressão política para o preenchimento de cargos, principalmente os delegados do IBGE nos estados. Para atender as demandas, se necessário, criou a regra de que somente seriam indicados técnicos de carreira. A impressão com que ficamos é que, aos trancos e barrancos, dos anos 1980 até hoje aumentou a profissionalização do Estado.

Quanto ao Plano Cruzado, aparece o melhor lado de Bacha. A arte da passagem do tempo. De estar atento e aberto. Bacha aprende com a vida. Não é comum. Sem aprendizados, não teríamos construído o Plano Real.

Houve muito aprendizado de Bacha. Primeiro, "não se pode misturar plano de estabilização com distribuição de renda". A própria estabilização, com o fim do imposto inflacionário, é o ganho de renda do trabalhador. Em segundo, que, apesar de a inércia ser o maior problema em estabilização de inflação de muitos dígitos, não se pode descuidar da política macroeconômica, fiscal e monetária. "Passei a ter uma consciência clara dos limites da intervenção do governo na economia", escreveu.

A passagem no governo também fez Bacha rever o desenvolvimentismo. "Constatei que dele derivavam os males do estatismo, do protecionismo e do inflacionismo. Vi na prática tratar-se não de desenvolvimento econômico, mas de defesa de interesses corporativos."

Apresenta seu distanciamento teórico de um programa de pesquisa exclusivamente latino-americano. Lembra a dificuldade para a academia, principalmente na América Latina em tempos de inúmeras ditaduras militares de direita, da absorção da contribuição de Milton Friedman.

A macroeconomia moderna, aquela dos anos 1990 em diante, com seus mercados imperfeitos, moeda endógena, preços viscosos etc., "deu guarida a temas relevantes para meu modo de pensar a macroeconomia".

Leitura deliciosa para um verão e imprescindível para qualquer estudante de economia. No período de formação, é uma experiência única acompanhar a vida profissional de um dos líderes da profissão.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Fusões e aquisições movimentam recorde de US$ 5,8 tri em 2021

BANGALURU | REUTERS O mercado de fusões e aquisições deve manter ritmo efervescente no próximo ano, após um 2021 histórico, devido em grande parte à disponibilidade de dinheiro barato e mercados de ações em alta.

O volume envolvido na compra e na venda de participações de empresas atingiu US$ 5,8 trilhões em 2021 (o equivalente a US$ 32 bilhões), um aumento de 64% em relação a 2020 e acima do recorde anterior de US$ 4,55 trilhões de 2007, mostraram os dados da Dealogic.

Grandes fundos de private equity, empresas e financistas fecharam 62.193 negócios em 2021, aumento de 24%.

Os banqueiros de investimento disseram que esperam que o frenesi de negociações continue bem no próximo ano, apesar do aumento das taxas de juros.

Taxas de juros mais altas aumentam os custos de empréstimos, o que pode desacelerar a atividade. Mas consultores de negócios ainda esperam uma enxurrada de grandes fusões em 2022.

Os Estados Unidos lideraram o mercado, respondendo por quase metade dos volumes globais —o valor das fusões e aquisições quase dobrou para US$ 2,5 trilhões em 2021, apesar de um ambiente antitruste mais difícil sob a administração do democrata Joe Biden.

Os maiores acordos do ano incluíram o negócio da AT&T US$ 43 bilhões para fundir seus negócios de mídia com a Discovery; a compra alavancada de US$ 34 bilhões da Medline Industries; a aquisição, por US$ 31 bilhões, da Kansas City Southern pela Canadian Pacific Railway; e as cisões das gigantes General Electric e Johnson & Johnson.

De acordo com uma pesquisa da Grant Thornton, o volume de negócios deve crescerá apesar dos desafios impostos pelas regulamentações e pela pandemia.

Negócios em setores como tecnologia, financeiro, industrial e energia e energia responderam pela maior parte dos volumes de fusões. As aquisições apoiadas por empresas de private equity mais do que dobraram neste ano, ultrapassando a marca de US$ 1 trilhão pela primeira vez, segundo a Refinitiv.

Apesar de uma desaceleração na atividade no segundo semestre, a negociação envolvendo empresas de aquisição de propósito específico impulsionou ainda mais os volumes de fusões em 2021. Os negócios de SPAC representaram cerca de 10% dos volumes globais.

Mirante do Último Adeus, na parte baixa do Parque Nacional do Itatiaia, cuja reforma foi prometida, mas não cumprida, pela nova concessionária Mathilde Missioneiro/Folhapress

Parque do Itatiaia ainda não ganhou melhorias dois anos após concessão

Empresa vencedora da licitação diz ter dificuldades financeiras devido à pandemia de Covid-19

Mariana Zylberkan
Mathilde Missioneiro

ITAMONTE Assinado em fevereiro de 2019, o contrato de concessão à iniciativa privada do Parque Nacional do Itatiaia, na serra da Manthiqueira, na divisa dos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, vem sendo descumprido após a empresa vencedora do certame entrar em recuperação judicial.

A unidade de conservação foi a terceira a ser concedida à iniciativa privada após aprovação da lei federal que flexibilizou a legislação para a concessão de serviços nas unidades de conservação, em 2018.

O contrato assinado entre o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Preservação da Biodiversidade) e a empresa Hope Recursos Humanos, vencedora da licitação, previa uma série de melhorias durante os dois primeiros anos de concessão, mas quase nada foi feito até agora.

A assinatura do acordo, que prevê investimentos de R$ 17 milhões por 25 anos, foi marcada por cerimônia com a presença do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, no parque nacional, acompanhado do presidente do ICMBio, Adalberto Eberhard.

Cerca de dois anos após vencer a licitação, segundo o ICMBio, a empresa alegou dificuldades financeiras em decorrência da pandemia de Covid-19, que levou ao fechamento do parque, onde fica o Pico das Agulhas Negras, com 2.791 m de altitude.

Entre as obrigações previstas em contrato, estavam a reforma da entrada do parque, do mirante do Último Adeus e da ponte do lago Azul. Atualmente, a empresa negocia a cobrança contratual de cerca de R$ 3 milhões em multas.

Em 2020, no primeiro ano da pandemia, o Parque Nacional do Itatiaia teve 48,2 mil visitantes, quase três vezes menos do que em 2019, quando 127,4 mil pessoas passaram pelo local. A estimativa da administração é que o parque possa receber de 140 mil a 150 mil visitantes em 2022.

Os únicos benefícios implantados pela empresa, segundo o ICMBio, foram a atualização do site oficial, que passou a abrigar um sistema de venda de ingressos online, e a instalação parcial do projeto de sinalização.

Na época do processo licitatório, a escolha da empresa foi alvo de críticas, por ela não ter experiência na administração de parques. A Hope Recursos Humanos foi investigada pela 17ª fase da operação Lava Jato, após ter sido citada em delação premiada como beneficiária de um esquema de direcionamento de licitações da Petrobras.

A reportagem tentou contato com os responsáveis pela Hope Recursos Humanos, mas não teve retorno.

A **Folha** apurou que a empresa Parquetur é a principal interessada em assumir a administração do parque nacional e já enviou representantes para visitar as instalações. A reportagem também procurou a empresa, mas não houve resposta até a publicação desta reportagem.

De acordo com o diretor do parque, Luiz Gonzaga Barbosa Aragão, há risco de o contrato de concessão ser rescindido caso a concessionária não seja adquirida por outra empresa interessada no negócio.

"Se isso acontecer, vamos ter que esperar mais dois anos para outro contrato ser assinado e as melhorias serem de fato iniciadas", diz.

Entre as melhorias mais esperadas pelos visitantes e moradores do entorno, está a pavimentação da estrada da Garganta do Registro, que dá acesso à parte alta do parque. Os cerca de 20 quilômetros demoram quase uma hora para serem percorridos de carro por causa do mau estado de conservação do asfalto.

O contrato de concessão prevê ainda, a longo prazo, a instalação de atrações como tirolesa e a construção de um centro comercial na entrada no parque.

A única obra em andamento dentro do parque é realizada pela estatal Furnas, que tem um contrato de compensação ambiental por manter uma antena de transmissão de dados no topo de um morro no interior do parque.

Para compensar o impacto ambiental do equipamento, a estatal é obrigada a fazer melhorias no local, como a construção de um novo abrigo para os visitantes, cujas obras ainda estão em estágio inicial.

Lobo-guará 'rouba' comida, mochila, chave de carro e até drone no acampamento do parque

ITAMONTE E SÃO PAULO Logo na entrada do Parque Nacional do Itatiaia, localizada em Itamonte, em Minas Gerais, a 270 km de São Paulo, um papel fixado no mural de cortiça lista o nome e o telefone das "vítimas" dos lobos-guará que habitam o local.

Os animais adquiriram o hábito de abocanhar e carregar para a mata qualquer pertence de visitantes que veem pela frente: uma mochila de ataque, a chave de um carro Mitsubishi e uma carteira com documentos e cartões, por exemplo. Um círculo em caneta azul em volta da lista e a palavra "ok" é o sinal de que aqueles objetos já foram recuperados pelos guias do parque, que dão um jeito de mandá-los de volta aos donos.

Os lobos-guará circulam na parte alta, onde é possível visitar a principal atração do local, o pico das Agulhas Negras. Essa região do parque é acessada por uma estrada de terra de 20 quilômetros em mau estado de conservação. Pelas condições ruins, ela leva quase uma hora para ser percorrida de carro.

Os frequentadores contam que os ataques costumam ocorrer à noite — a espécie é conhecida pelos hábitos noturnos—, quando os turistas retornam para suas barracas no camping e começam a preparar o jantar.

As vítimas são unânimes em afirmar que o lobo-guará é dócil e sai correndo diante de movimentos mais bruscos, muitas vezes uma reação ao susto de se deparar no escuro com o animal de quase um metro de altura e com cerca de 30 quilos.

O guia Jonatas Rocha, 34, estima haver de seis a sete animais que frequentam a área de camping. "Não tem uma semana que eles não aprontam", afirma Rocha.

Ele conta que presenciou a busca desesperada de um turista que deixou sua mochila na entrada do banheiro e, quando voltou, o pertence tinha sumido. "Eu falei que o lobo pegou, mas ele ficou ainda mais nervoso e não acreditou, achou que eu estava brincando", lembra. Além dos pertences, a mochila tinha a comida para o visitante passar a noite.

A busca pela mochila roubada mobilizou os campistas até que um deles mirou a lanterna no meio do descampado e flagrou dois olhos no meio da escuridão. "Pegamos ele no flagra, com a cabeça enfiada dentro da mochila", conta o guia.

Lobos-guará são flagrados próximo ao abrigo Rebouças, no Parque do Itatiaia Divulgação/ICMBio

A atendente Carol Campos, 22, recorda que teve que contar com a solidariedade de outros frequentadores após um lobo-guará roubar a sacola onde estava toda a comida que ela e os amigos tinham levado para passar alguns dias acampados no parque. "Amarramos a sacola em cima da área de convivência, mas ele pegou mesmo assim."

Para evitar transtornos, os funcionários do parque pedem aos visitantes que não deixem comidas e outros pertences dentro de barracas porque não são raras as vezes em que o animal rasga a lona para saciar a curiosidade, ou a fome mesmo.

Há relatos ainda de um turista que teve o drone arrastado para dentro da mata pelo lobo-guará, e outro que perdeu uma garrafa de uísque, apesar de bebidas alcoólicas serem proibidas na área de preservação. Por isso, os frequentadores mais assíduos se habituaram a deixar mochilas e mantimentos dentro dos carros.

Nativo do cerrado, o lobo-guará é uma das espécies que tiveram o crescimento da população afetado pelo avanço das áreas urbanas em regiões preservadas. Outro fator de risco é a dispersão dos animais por estradas e rodovias que cortam seu habitat.

De acordo com o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), os atropelamentos são responsáveis pela morte de um terço dos filhotes por ano.

A maioria dos objetos levados pelos lobos é deixada na mata e acaba sendo encontrada por guias ou grupos que caminham pelas trilhas, mas nem sempre em boas condições. O drone roubado, por exemplo, foi recuperado depois em pedaços, assim como são encontradas as embalagens do que seria o jantar de algum campista.

Para evitar os ataques noturnos, o projeto de concessão do parque incluiu a instalação de caixas de ferro na área do camping para os visitantes poderem deixar seus pertences de forma segura. A melhoria, no entanto, ainda não está disponível, assim como grande parte das ações previstas.

O gestor do Parque Nacional do Itatiaia, Luiz Gonzaga Barbosa Aragão, demonstra preocupação com a proximidade do animal silvestre do convívio humano, o que pode trazer doenças às espécies.

Por isso, o recomendado é não interagir caso se depare com o lobo. "Nós que estamos na casa deles, é preciso respeitar", conclui Aragão. **MZ e MM**

Passageiros relatam falta de comida e limpeza em cruzeiros

Navios com surto de Covid tiveram as atividades suspensas em Salvador e Santos

Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO Passageiros de cruzeiros que tiveram as operações interrompidas nos últimos dias por surtos de Covid relatam nas redes sociais que têm recebido pouca assistência durante o isolamento. Eles narram problemas como pouca oferta de comida, falta de limpeza e dificuldade de obter atendimento médico.

O cruzeiro da MSC Splendida, que teria como destino o Rio de Janeiro, teve que atracar no porto de Santos na quarta-feira (29) após aumento de casos de Covid observados entre os tripulantes. No total, 51 tripulantes e 27 passageiros testaram positivo. Foram identificadas, ainda, 54 pessoas que tiveram contato com os infectados.

Em ofício enviado à Anvisa nesta sexta-feira (31), a empresa MSC Cruzeiros comunicou o encerramento das operações no cruzeiro. A agência disse, em nota, que os passageiros que testaram positivo deverão dar continuidade, em terra, ao isolamento iniciado na embarcação e que serão monitorados pelos Cievs (Centros de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde) das cidades de destino.

Todos os demais terão que passar por testes para a Covid-19 antes de desembarcar. Segundo a Anvisa, a duração da operação de desembarque está sujeita às necessidades operacionais e deve ser organizada pela empresa.

A MSC Cruzeiros diz que os hóspedes começaram a desembarcar de forma escalonada nesta sexta-feira (31) e que o processo de desembarque continuou no sábado (1º).

Na sexta (31), a passageira Viviane Cardoso escreveu nas redes sociais que, após três dias confinada no MSC Splendida com teste negativo para Covid, ainda não conseguia obter informações junto à empresa. Ela reclamou de não haver limpeza dentro das cabines durante o isolamento e disse que enfrenta dificuldades até para obter alimentos.

"A alimentação, se não for pedida (ramal sempre ocupado) não está chegando até nós. Quando chega está fria. Hoje pela manhã recebi este café da manhã. Não temos escolha. Ou comemos isso ou não comemos nada", escreveu.

A passageira Thalita Leme, que testou positivo no navio e já desembarcou, escreveu em um grupo no Facebook que sua sogra e sua cunhada, que tiveram o teste negativo, estão isoladas e "passando fome" há três dias.

Ela afirmou que os passageiros não estão recebendo atendimento médico adequado.

"O rapaz da cabine do lado queimando de febre, pediu uma dipirona, levou mais de cinco horas, só deram depois de muito escândalo, não tivemos observação de um médico sequer, não ligavam nem pra perguntar se estávamos bem, comíamos a hora que resolviam dar e o que resolviam dar, tudo frio, resto de coisa... Foi um pesadelo", escreveu.

> "A alimentação, se não for pedida (ramal sempre ocupado) não está chegando até nós. Quando chega está fria. Hoje pela manhã recebi este café da manhã. Não temos escolha. Ou comemos isso ou não comemos nada"
>
> **Viviane Cardoso**
> passageira de navio

Em nota, a empresa afirmou que o cancelamento do cruzeiro se deu devido ao impacto causado no roteiro programado, diante do retorno do navio para Santos. A MSC Cruzeiros também disse que "está dando suporte aos hóspedes, incluindo logística e hospedagem, conforme necessidade".

A empresa afirmou ainda que conta com "robusto protocolo de saúde e segurança", com obrigatoriedade de apresentação de comprovante de vacinação e testagem para embarque. Segundo a MSC Cruzeiros, os navios operam com 75% da capacidade de ocupação e o distanciamento social é obrigatório, assim como o uso de máscaras.

A companhia não esclareceu o que pode ter provocado o surto de Covid-19 na embarcação e disse que foi identificado "um número limitado de casos". A MSC Cruzeiros também não se manifestou a respeito das reclamações de negligência entre os passageiros.

Na última sexta (31), a Anvisa interrompeu as atividades em outro cruzeiro, o Costa Diadema, que ficou atracado no porto de Salvador.

A embarcação saiu com 3.836 viajantes e teria como destino Ilhéus (BA), mas terá que retornar ao porto de Santos após a confirmação de 68 casos de Covid-19 até o momento. Assim como no MSC Splendida, a maior parte das infecções ocorreu entre os tripulantes. Cinquenta e seis deles testaram positivo, e 12 entre os passageiros.

Foram autorizados a desembarcar em Salvador os viajantes com teste positivo, que ficarão em isolamento em hotéis já disponibilizados pela operadora do cruzeiro. Moradores da capital baiana também puderam sair do navio.

A embarcação poderá seguir, sob condição de restrições, para Santos. Todas as atividades não essenciais devem ser interrompidas. Ao desembarcarem em Santos, os viajantes terão que ser testados.

No grupo de Facebook Costa Diadema, o passageiro Milton José Silva afirmou que está passando por um "tratamento desumano" a bordo do navio, com dificuldade de acesso a atendimento médico.

Procurada, a companhia não respondeu o que pode ter motivado o surto, tampouco se manifestou a respeito das queixas de falta de assistência.

Moradores recolhem pertences nas casas destruídas pela enchente no distrito de Nova Alegria, no município de Itamaraju, sul baiano Manu Dias/GOVBA/Divulgação

'Parece cena de pós-guerra', diz voluntária sobre Bahia

Matheus Rocha

RIO DE JANEIRO Quando entrou no município de Dário Meira (a 323 km de Salvador), a advogada Laneyde Sampaio encontrou uma cidade destruída. Segundo ela, comércios, imóveis residenciais e edifícios públicos foram arrasados pelas chuvas, que já mataram 25 pessoas e deixaram 517 feridos na Bahia. Ao todo, 32.737 estão desabrigados e 57.531, desalojados.

"Parecia cena de pós-guerra. A cidade foi devastada. Duas mil famílias estão desabrigadas. Não tem um comércio funcionando, não tem funerária, medicamento. Nós estamos tendo que distribuir água nas ruas", diz Sampaio, que trabalha como voluntária em um grupo formado por vinte advogados. Juntos, eles distribuem quentinhas às vítimas dos temporais.

Segundo ela, um dos principais problemas que essas pessoas enfrentam é o desabastecimento de itens básicos. "Na segunda-feira, uma pessoa me pediu um copo d´água e um medicamento, porque estava sentindo dores", conta a advogada. "A cidade não tem água para beber nem onde comprar. Foi tudo destruído."

Com pouco mais de 10,3 mil habitantes, Dário Meira é um dos 153 municípios que declararam situação de emergência em razão dos temporais. Segundo o governo, mais de 661 mil pessoas foram afetadas de alguma forma pela tragédia em 165 cidades.

"É algo que a gente nunca imaginou ver. A gente assiste isso em filme, mas não perto da gente", diz a advogada.

Para amenizar a vulnerabilidade social das pessoas, ela afirma que a solidariedade é fundamental nesses tempos de calamidade.

"A gente não pode paralisar e esperar só o governo. O momento agora é de todo mundo se unir e de a sociedade civil se movimentar."

Foi isso o que decidiu fazer Alida Tiziane, que ajudou a criar a iniciativa SOS Sul da Bahia, que usa as redes sociais para jogar luz sobre a tragédia e colher donativos.

"Eu tenho 36 anos e nunca vi nada igual. Quando você vê uma coisa dessas e vivencia esse tipo de experiência, a primeira coisa que pensa é em como ajudar", diz ela, que mora do município de Ipiaú, um dos afetados pelas chuvas.

A advogada conta que o cenário que viu na segunda-feira (27) foi desolador e que muitas pessoas haviam perdido quase tudo em suas casas.

"Foi de cortar o coração. Muitos ribeirinhos não queriam sair de casa, mas ainda tinha o risco de o rio continuar subindo. É difícil ver essa situação e não se emocionar. É algo muito triste", diz ela.

No município de Gongogi, o clima também é de tristeza. Segundo Laira da Silva, que atua na Secretaria de Assistência Social da cidade, cerca de 128 famílias perderam tudo. Além disso, as estradas que dão acesso aos distritos da região foram destruídas, o que dificulta o resgate e assistência às vítimas.

"Ontem, de um distrito chegou uma senhora com muita fome. Quando a Defesa Civil finalmente conseguiu entrar com helicóptero, ela chegou aqui chorando de fome."

Outra questão, diz Laira da Silva, está ligada à saúde mental dos desabrigados. "Fisicamente, as famílias estão bem, mas estão abaladas e preocupadas com o fato de estarem sem nada de uma hora para a outra. Então, estamos fazendo o possível para atender essas pessoas."

+ Municípios com vítimas fatais:

Amargosa (2), Itaberaba (2), Itamaraju (4), Jucuruçu (3), Macarani (1), Prado (2), Ruy Barbosa (1), Itapetinga (1), Ilhéus (3), Aurelino Leal (1), Itabuna (2), São Félix do Coribe (2) e Ubaitaba (1)

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Cantor sertanejo, tinha o sonho de conquistar o Brasil

CARLOS HIAGO FRANCISCO PIEMONTE (1992-2021)

Victoria Damasceno

SÃO PAULO Com voz marcante e sorriso fácil, Yago descobriu o gosto pela música ainda quando criança. Cantando nos palcos do programa do apresentador Raul Gil, sonhava com a carreira artística. Anos depois, ao lado do irmão Santhiago, criou uma dupla sertaneja. Tinha fé que ainda conquistaria o coração do Brasil por meio de suas músicas.

Carlos Hiago Francisco Piemonte Silva nasceu em Caieiras, município no interior de São Paulo, mas se mudou para Curitiba há cerca de dez anos. Após começar a carreira nos programas de auditório, fez parte da segunda formação do Trem da Alegria, apadrinhado pela apresentadora Eliana.

Com bom humor e diversão, a dupla formada com o irmão se destacou quando começou a fazer imitações de cantores que eles admiravam em seu canal no YouTube. Yago era quem dava a voz a grandes nomes da música sertaneja, como César Menotti, Luan Santana, Zezé Di Camargo e Leonardo.

Mas os irmãos não ficavam apenas nas imitações. Frequentemente faziam covers e lançavam músicas autorais. Seu primeiro disco foi batizado de "Porre de Dor".

Durante a pandemia de Covid, Yago falava frequentemente da saudade que sentia dos palcos e do contato com o público. Ao lado do irmão, fez seu último show em novembro de 2021.

Quando as coisas iam mal, Yago era aquele que lembrava que tudo iria ficar bem. Era visto como um garoto alegre e brincalhão, que contagiava todos ao seu redor. Alguém que cuidava e se preocupava com amigos e familiares.

Cristão, também era conhecido pela sua fé. Agradecia a Deus todos os dias por sua vida e buscava na religião conforto para as dores. Usava a música como uma forma de expressar sua crença, compondo e cantando louvores.

Enquanto tratava um linfoma, tipo de câncer que se origina no sistema linfático, permanecia otimista e confiante que seria curado. A doença foi diagnosticada em 2018, quando sua carreira e a do irmão começava a despontar.

Yago morreu em 29 de dezembro de 2021, aos 29 anos, devido a um pneumotórax, uma complicação causada pelo câncer, que ocorre quando o ar que deveria estar no pulmão vaza para o tórax. Além do irmão, ele deixa a namorada, Luana, familiares, amigos e fãs.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Adams Carvalho

Falar 'feliz 2022' é desejar 'boa surra!'

Com o que vivemos na última década, não dá mais para confiar em ano novo

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

Não sei qual das crianças lançou a moda, mas agora as seis cavoucam o jardim com pás, paus e pedras atrás de minhocas: "é tipo slime, só que mexe!".

De manhã choveu, depois abriu. Desde ontem, uma leitoa de 10 kg vem marinando na geladeira. Vinho branco, alecrim, tomilho, manjericão, alho, cebola, sal, pimenta do reino, louro. De manhã, viramos o bicho. As cervejas e vinhos gelam no cooler e a voz de algum amigo chega da sala: "Quatro contra dois no Alaska, de Vladvostok". Nada mal pro atual estágio da civilização.

Queria desejar feliz 22 a todos, mas me sinto praticando um estelionato calendárial. Com o que a gente viveu na última década, não dá mais pra confiar em ano novo. Dois mil e vinte e dois vai tirar o couro da gente, aí lá no fim o inominável perde, daí as coisas talvez comecem a desorrorizar - o "despiorar" já tá fazendo água. Ao falar "feliz 22!" me sinto como a desejar "boa surra!", "tomara que não quebrem nenhum osso!".

"Aqui não tem minhoca! Vamos lá na pitangueira!", uma criança grita e vou lá com elas. Se o luto tem sete fases, o processo de "aceitação" de quem vive estes tempos auripodres tem 70. Hoje tô no estágio 56, que é semelhante ao 17 ou ao 42, a saber: "não falemos o nome do miserável pra não trazer à tona os gases pútridos que o acompanham". Não falarei.

Há quem ache um absurdo bater a marinada no liquidificador, mas não consigo ver razão pro impedimento. Um alecrim picado na faca é igual a um alecrim picado no liquidificador. O mesmo vale pros outros temperos. Quanto mais bem picados, aliás, maior a superfície de contato, maior o sabor. Não? Falo sem propriedade: aqui é empirismo, nariz e boca, amizade.

Você fecha o olho, sente o cheiro da mistura e entende que não vale citar o nome do outro - pensa até, com uma pequena alegria vingativa, que o outro nunca deve ter tido o prazer de sentir no nariz um maço de cheiro verde, de tomilho e alecrim, um refogado de cebola e alho. Tenebrosa criatura, que vive de não gostar.

Eu já fui cronista. Acendia vela pra Rubem Braga, Verissimo, Paulo Mendes Campos. Hoje trabalho no ramo do textão. No meio do incêndio, todo mundo é bombeiro, né? O problema é que o incêndio é infinito. Eu adoraria voltar à crônica. Escrever sobre War, porco, encontro, minhoca, alecrim.

As crianças não acharam minhoca, cobriram todo o corpo com lama e agora chegam correndo e gritando. A parentalidade em massa, que vivia bons momentos na varanda envolvendo cerveja, cenoura, pepino, pão, coalhada, João Donato e Jards Macalé, ergue-se como uma defesa de futebol americano para evitar que as bombinhas sujismundas atinjam qualquer móvel.

Há focos de choro em vários cantos. No meio da correria, perseguindo o meu filho enlameado pelo gramado, me dou conta de que ele tem toda razão. Férias é pra se enlamear mesmo. #FIGHTHEPOWER - eu e a Julia.

O cheiro do assado toma a casa. Logo mais, o cheiro de xampu Johnsons's também. Os vizinhos acenam de longe e nos chamam pras suas festas. Aceno de volta.

"Quem tá com as crianças?", "Tão todas tomando um banho coletivo no quarto do Joaquim". "Então tá". "Acha que já tá na hora de virar o porco?". "Tá perfeito, tira o alumínio pra pururucar". "Ganhei! Vinte e quatro territórios!". "Boa, vamos tirar esse líquido da travessa com uma concha, depois separar a gordura do resto."

Com o resto, fazemos o molho pro leitão. A gordura guardaremos pra refogar todas as farofas, legumes e molhos de 2022. Pronto. Já tenho onde me agarrar. Feliz 2022.

DOM. Antonio Prata | **SEG. Marcia Castro**, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Virada em Copacabana tem quatro pessoas esfaqueadas

Cenas de arrastões e correrias foram relatadas por quem esteve na praia

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO Pelo menos quatro pessoas foram esfaqueadas durante a festa de Réveillon em Copacabana, no Rio de Janeiro. Os feridos foram atendidos em postos da Secretaria Municipal de Saúde instalados na orla e dois deles precisaram ser encaminhados para hospitais da cidade.

Por causa da pandemia, a Prefeitura do Rio cancelou shows musicais, mas manteve a queima de fogos em pontos como a praia de Copacabana, na zona sul.

Os hospitais Souza Aguiar, no Centro, e Miguel Couto, no Leblon, receberam dois homens jovens que foram feridos com arma branca e que precisaram de mais cuidados. Eles já tiveram alta, informou neste sábado (1º) a Secretaria Municipal de Saúde.

Um público menor do que nos anos anteriores à pandemia acompanhou o espetáculo de 15 minutos de fogos em Copacabana, mas isso não impediu o registro de ocorrências policiais.

Várias pessoas relataram nas redes sociais terem presenciado tentativas de arrastão. Imagens divulgadas por turistas e cariocas mostraram correria entre os postos 3 e 4.

Segundo a Polícia Militar, um homem armado com uma pistola foi preso em flagrante, na altura do posto 4. Na mesma ação, um segundo suspeito também foi preso, e sete aparelhos celulares que teriam sido roubados pela dupla foram recuperados.

Pela primeira vez 160 policiais militares usaram câmeras corporais capazes de filmar as ações por até 12 horas. Além do uso da nova tecnologia, a fiscalização em torres de observação também fez parte do Plano Especial de Policiamento montado para o Réveillon.

A Secretaria Municipal de Ordem Pública e a Guarda Municipal do Rio registraram na noite de sexta (31) sete ocorrências de furtos e uma de roubo na praia de Copacabana. Cerca de 20 pessoas foram conduzidas para delegacias da região. Entre elas estavam quatro adolescentes. A maioria dos crimes foi de furto de telefones celulares, e houve ainda o furto de um cordão de ouro.

A secretaria acrescenta que, entre quarta-feira (29) e sexta, foram registradas dez ocorrências de prisão no bairro. Um dos casos envolveu um homem de 24 anos que usou um cutelo e uma faca para intimidar um casal e roubar seus pertences na madrugada de quinta (30) para sexta. Ele chegou a ferir uma das vítimas. Guardas impediram o linchamento do homem e o conduziram para a delegacia.

Das 17h30 de sexta-feira às 3h30 de sábado, 111 pessoas foram atendidas nos três postos médicos montados pela Secretaria Municipal de Saúde na orla de Copacabana. A maioria delas sofreu pequenos traumas, como pancadas e cortes, ou passou mal devido ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

Após ser atingido em cheio pela pandemia, o setor de turismo na cidade do Rio de Janeiro vive clima de otimismo.

A ocupação da rede hoteleira da cidade iniciou a semana na faixa de 92%, conforme balanço divulgado pelo HotéisRIO (Sindicato dos Meios de Hospedagem do Município do Rio de Janeiro).

Rio recolhe 320 toneladas de lixo após Réveillon

RIO DE JANEIRO O ano de 2022 começou com a retirada de lixo de praias e outros locais que receberam festas de Réveillon. Cidades como Rio de Janeiro e Balneário Camboriú (SC) montaram operações para recolher a sujeira.

No Rio, a Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) removeu 320 toneladas de resíduos nos pontos com festejos de Ano-Novo. Somente na praia de Copacabana, houve a coleta de 167 toneladas de lixo. A marca, segundo a prefeitura, é cerca de 50% menor do que a média histórica das viradas de ano na capital fluminense.

A prefeitura do Rio afirma que a limpeza da cidade pós-Réveillon contou com 4.372 garis. Em nota, a Comlurb afirmou que a limpeza "fluiu com muita tranquilidade" e avaliou que a instalação de caixas metálicas ajudou no descarte correto dos resíduos por parte do público.

Balneário Camboriú, no litoral catarinense, também teve operação de recolhimento de lixo neste sábado. Segundo a prefeitura, 300 profissionais atuaram na limpeza da faixa de areia da Praia Central.

Caminhões e tratores auxiliaram nos trabalhos.

Conforme a prefeitura, a operação foi encerrada por volta das 6h20 deste sábado. A quantidade de lixo recolhida não foi informada pela administração até a conclusão da reportagem.

A faixa de areia conta com 900 lixeiras, de acordo com a prefeitura. "A limpeza da Praia Central pelas equipes da Secretaria de Obras é o fechamento de toda uma operação exitosa. Agora pela manhã, a praia está limpa e perfeita para todos", disse o prefeito Fabrício Oliveira (Podemos).

Milhares de pessoas assistiram ao show pirotécnico da virada na cidade, que realizou recentemente uma grande obra de alargamento da faixa de areia. A largura da praia passou de 25 m para 75 m.

Foram mais de 20 minutos de fogos de artifício, lançados de oito balsas e dos molhes do Pontal Norte e da Barra Sul. Antes da queima, houve contagem regressiva com projeção em uma roda-gigante.

ambiente

Por filhos, famílias vão até a Justiça contra crise do clima

O nascimento das crianças traz um novo senso de urgência à situação crítica

Angela Pinho

SÃO PAULO Pensar em inundações, temperaturas extremas e aumento de doenças respiratórias, entre outros cenários alarmantes da atual crise climática, não traz tranquilidade a ninguém. Muito menos a quem acabou de dar à luz um filho e precisa garantir que o mundo continue a ser um lugar minimamente habitável.

Diante das evidências cada vez mais contundentes da emergência dos problemas ambientais, famílias com crianças e adolescentes têm tomado medidas diversas para reagir à situação. Elas vão de ações individuais a coletivas.

Durante a COP26, a Conferência da ONU sobre mudanças climáticas realizada em novembro, pais e mães de 44 países, incluindo o Brasil, assinaram uma carta pedindo urgência ao fim do financiamento de todas as novas explorações de combustíveis fósseis.

"Ao abraçarmos nossos filhos com força, tememos por sua saúde e bem-estar e, agora também pelo futuro que enfrentarão", diz trecho do documento. "As crianças são o futuro, e elas merecem ter um."

Quem representou o Brasil na iniciativa foi o grupo Famílias pelo Clima, que surgiu em 2019 e hoje reúne cerca de 40 pais e mães.

A arquiteta Débora Diniz trocou as fraldas descartáveis pelas de pano, optou por móbile de cipó e tem uma composteira para evitar desperdícios Zo Guimaraes/Folhapress

Também na semana passada eles entraram com ação contra o Governo de São Paulo para barrar medida do Programa IncentivAuto, que oferece subsídios ao setor automotivo.

Ações como essas são importantes para os pais mostrarem aos filhos que, embora a crise climática seja grave, há o que fazer para enfrentá-la, diz JP Amaral, coordenador do programa Criança e Natureza, do Instituto Alana.

Ele ressalta que muitas crianças têm demonstrado muita apreensão e ansiedade diante das informações sobre a situação e que é preciso acolhê-las com conversas e ações.

"Pais são eleitores e tomam diariamente decisões sobre consumo, e ao fazerem isso de forma consciente, eles mostram que há uma saída", diz.

É o que pensa a produtora Clara Ramos, 42, integrante e uma das fundadoras do Famílias pelo Clima.

"A crise traz uma angústia muito grande. Colocar-se de forma ativa te tira de um lugar paralisante", diz.

A postura ativa pode se dar tanto com a militância ambiental quanto com ações cotidianas.

Elas estão presentes em cada cômodo da casa da arquiteta Débora Diniz, 36, em Niterói (RJ).

Ela sempre foi atenta ao tema, por inspiração da mãe, mas a preocupação aumentou depois de ter uma bebê, hoje com um ano e sete meses.

A lembrancinha que Débora elaborou para o chá de fralda, uma sacola reutilizável, já trazia a mensagem de incentivo para que os adultos pudessem entregar um mundo melhor às crianças.

O móbile foi feito com cipó, e a primeira água dos banhos da recém-nascida era sempre reutilizada na máquina de lavar.

Quando a menina fez um ano, ganhou corpo um incômodo que Débora sentia com todas aquelas fraldas descartáveis. Trocou por reutilizáveis.

A medida se junta a uma série de adaptações que a arquiteta fez na casa para reduzir o desperdício: composteira, garrafa na caixa da descarga para reduzir o uso de água, balde no chuveiro para coletar a água do banho.

"Quando a gente tem filho, aumenta a preocupação [com o meio ambiente] porque a gente quer ser sempre um exemplo do melhor", diz. "Poder melhorar todo dia em razão de alguém que chegou é uma baita oportunidade."

Há quem veja de outra forma, é claro. Em todo o mundo, a crise do clima tem levado pessoas a desistir de ter filhos.

Pesquisa feita com jovens de dez países mostrou que os brasileiros entre 16 e 25 anos são os que mais hesitam em ter filhos por causa das mudanças climáticas — proporção corresponde a 48% dos entrevistados.

Para Amaral, do Instituto Alana, é uma decisão individual que deve ser respeitada, mas ele avalia que seria uma pena um mundo sem crianças, muitas delas hoje protagonistas da luta pelo combate às mudanças climáticas — basta lembrar da sueca Greta Thumberg, símbolo do ativismo ambiental.

E se ter filhos aumenta a apreensão de muitos pais em relação ao futuro do planeta, foi o que trouxe maior tranquilidade à empresária Alice Satin, 39.

Ela era advogada e morava na capital paulista quando engravidou do primeiro filho, em 2014, e começou a se preparar para o parto.

Alice conta que foi uma certa surpresa para ela, que trabalhava rodeada de planilhas, entender que seu corpo já sabia parir e, depois, nutrir o filho com a amamentação. Era mais simples do que a vida que levava até então fazia parecer.

"Lembro de pensar: sei elaborar todo tipo de contrato, mas se precisar fazer minha roupa ou minha comida eu não vou conseguir."

Uma semana depois de Francisco nascer, ela e o marido se mudaram para o interior, onde começaram a cultivar plantas medicinais em uma propriedade rural da família.

Em sociedade com outra mãe, ela abriu a empresa Soovack, que faz cosméticos naturais.

Ela diz que sua maior proximidade da natureza lhe deu mais tranquilidade para enfrentar a situação.

"É possível que meus filhos não possam viajar para a Europa porque o combustível não vai ser tão acessível, é possível que tenham acesso a menos bens de consumo e que passem por uma crise hídrica", reconhece.

"Mas hoje tenho menos medo porque sei limpar um rio, sei fazer um ecossistema mínimo para ter uma cultura de subsistência. A maternidade te abre um processo de autoconhecimento enorme. É potencializador."

Pequeno sertão, veredas secas

Cerrado perde mais 8.531 km² no desgraçado ano de 2021

Marcelo Leite

Jornalista de ciência e ambiente, autor de "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (ed. Fósforo)

O ano de 2021 terminou como começou: mau, péssimo, desgraçado. No último dia de dezembro o Governo Federal divulgou mais uma de suas façanhas, a destruição de novos 8.531 km² de cerrado.

Essa área corresponde a uma vez e meia a do Distrito Federal, onde milicianos e militares arquitetam a aniquilação do patrimônio natural, da saúde pública e do ensino — da civilização, enfim. Sob cumplicidade de um Congresso venal e vistas grossas de um Supremo pusilânime.

Assim é o Brasil de Jair Bolsonaro, completando três anos de notícias ruins para tudo que vive e viceja. Entrará para a história como o período mais degradante após a Constituição de 1988, rivalizando só com a ditadura torturante que a precedeu.

O grande sertão de Guimarães Rosa caminha para se acabar, enquanto a maioria dos que se preocupam com o ambiente só tem olhos para a Amazônia. Metade da savana brasileira já foi para o saco, e essa vitória de Pirro sobre a natureza é celebrada com bandeiras do Brasil em cada porteira de fazenda na região.

De agosto de 2020 a julho de 2021, o sistema Prodes Cerrado do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) flagrou os 8.531 km² de corte raso, que implicam um aumento de 7,9% sobre o período anterior — os satélites usados pelo Inpe tinham registrado 7.905 km².

O incremento nas derrubadas e queimadas preocupa porque reverte uma tendência de queda, mas é preciso reconhecer que a situação já foi pior. De 2001 a 2004, as taxas anuais eram da ordem de 25 mil a 30 mil km², o triplo da cadência atual.

O ritmo caiu pela metade entre 2005 e 2008, despencando em seguida para menos de 8.000 km²/ano. Isso até 2018, ano da eleição de Bolsonaro, quando o agronegócio, atiçado pelo frenesi ufanista e por um ministro sinistro, meteu motosserra e correntão para passar a boiada sobre os ambientes naturais.

Pior para a Amazônia, que viu o desmate voltar para o patamar de cinco dígitos, e para o cerrado, que se aproxima disso. Poucos atentam para a diferença crucial na situação dos dois ambientes, entretanto: o bioma ao norte tem o dobro do tamanho e 82,6% preservados, contra apenas 48,8% do cerrado.

Se a velocidade de devastação seguir aumentando, o cerrado poderá alcançar um ponto crítico em duas décadas. Ao perder 62% da cobertura original, o bioma veria ameaçada a "percolação", conectividade de corredores naturais pelos quais circula a fauna, cuja sobrevivência ficaria então ameaçada de modo sistêmico.

Nossa savana abriga mais de 20 mil espécies vegetais, entre elas 5.000 endêmicas — plantas que só existem ali. Delas dependem 263 mamíferos, 71 deles presentes apenas no bioma dominante do planalto Central.

O que seria do cerrado sem o imponente lobo-guará, sem os buritis que pontilham as veredas úmidas? Um sertão acanhado, diminuído, por certo.

Não faltam iniciativas e soluções, porém, como mostrou a série de reportagens Foco no Cerrado, desta Folha. Falta é decência. Humanidade. Governo.

Nossa geração foi a que mais fez para destruir biodiversidade, mas também foi capaz de erigi-la à condição de um valor em si. Não por outra razão o maior biólogo da virada do século, Edward O. Wilson, defendeu em seus últimos anos que cada bioma da Terra tivesse metade de sua área preservada.

Wilson morreu neste final desgraçado de 2021. Thomas Lovejoy, seu companheiro na defesa do mundo natural, também se foi. Cerrado e floresta amazônica cambaleiam.

A fome voltou. Os números da Covid apodreceram. Crianças ficam sem vacina. Ômicron e H3N2 levantam um tsunami sem tamanho. Pobres baianos e mineiros sucumbem afogados e soterrados.

Com tanta morte, só Bolsonaro se diverte. Está em seu elemento.

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | QUA. Atila Iamarino, **Esper Kallás**

Copinha volta a ser esperança depois de edição cancelada

Competição da categoria de base começa hoje com 128 clubes e 3.800 atletas

Luciano Trindade

SÃO PAULO Medo, ansiedade e frustração. Os jovens aspirantes a jogadores profissionais de futebol convivem com uma mistura de sentimentos desde novembro de 2020, quando a Federação Paulista de Futebol anunciou o cancelamento da edição 2021 da Copinha, por causa do avanço da Covid-19 no país.

Mais tradicional torneio de base do Brasil, desde 1969 a Copa São Paulo é a principal esperança de milhares de garotos de conseguir um contrato profissional. A não realização em 2021 soou para muitos com o fim do sonho.

"Foi um momento de muitas especulações, nada era certeza. Não tinha como planejar o futuro porque o problema que estávamos vivendo era cada vez maior e foi gerando uma certa angústia", afirma o volante Kelvi Chiesa Gomes, 19, do Juventude.

Quando começar a edição de 2022, neste domingo (2), exatos 708 dias vão ter se passado desde a disputa da final em que o Internacional superou o Grêmio nos pênaltis (3 a 1), em 25 de janeiro de 2020, no Pacaembu.

De lá para cá, os atletas puderam retomar suas carreiras, interrompidas por quase quatro meses durante o auge da pandemia. Porém a ansiedade para voltar a disputar o torneio persiste.

"Foi um período muito difícil, todo atleta quer jogar, quer treinar, infelizmente a gente não podia fazer naquele momento", diz o atacante Pedro Bahia, 19, do Goiás. "Graças a Deus, a vacina chegou."

Em 2022, 128 clubes vão disputar o campeonato, divididos em 32 grupos. Serão mais de 3.800 jogadores, que em sua maioria sabem que a competição vale muito mais do que a taça. Para eles, é a visibilidade da competição o que mais os atrai.

"Eu sou de 2002, então este ano será o meu último. Como não teve a Copinha, a gente sente muito. Ela ocorre num momento que não tem torneio do profissional, então tem muita visibilidade. Uma boa competição faz com que a gente seja olhado com bons olhos pelo profissional", destaca o volante Wendell, 20, do Botafogo.

Para não prejudicar os atletas que, em 2021, teriam seu último ano na Copinha, a Federação determinou que, nesta edição, o torneio sub-20 aceitará nascidos em 2001, que completarão 21 anos.

Wendell lembra que, durante o período em que todas as atividades esportivas foram suspensas no Rio, inclusive os treinos de futebol, o Botafogo passou a enviar atividades por vídeo para que os jogadores pudessem manter a forma. "Isso foi bom para a gente não ficar parado. Não é a mesma coisa, mas era uma preparação que ajudou no momento em que as coisas voltaram", diz o volante.

Esse tipo de suporte aos atletas também foi oferecido em clubes do Nordeste, como o Fortaleza. O goleiro Hugo, 20, por exemplo, lembra que Rogério Ceni ainda estava no comando do clube no começo da pandemia e teve uma preocupação especial de falar com os atletas da base.

"Nós tivemos muitas conversas com ele, mas também com toda a comissão técnica do profissional, eles tranquilizaram a gente sobre tudo isso", afirma o jogador.

O estado com mais títulos da Copinha é São Paulo, com 30 troféus, sendo 10 deles do Corinthians, o maior campeão da competição de base. Para especialistas, porém, o torneio não deve ser encarado somente pelo troféu, mas principalmente pela oportunidade de dar experiência.

"A Copa São Paulo tem de ser o encerramento do ciclo do sub-20. Na Copinha, os clubes vão ter mais uma oportunidade de avaliar jogadores que estão estourando a idade. Nem todo clube tem a oportunidade de colocar esses jogadores nos estaduais", diz Júnior Chávare, ex-coordenador da base do Atlético-MG.

Juca Kfouri
O colunista está em férias

2022 tem Copa, Olimpíadas de Inverno e Mundiais que foram adiados

SÃO PAULO Uma agenda mais próxima da normalidade, mesmo ainda inchada por competições adiadas em razão da Covid-19. É como se desenha o calendário esportivo em 2022.

No futebol, o primeiro grande evento será o pendente Mundial de Clubes da temporada passada, novamente com a presença do Palmeiras.

Mas a atração mais aguardada é a Copa do Mundo. E a espera será longa, pois o torneio foi deslocado para o fim do ano —não por causa da pandemia, mas pelas condições climáticas no Qatar. Brasil e mais 12 países já garantiram vagas, e as outras 19 serão decididas até março.

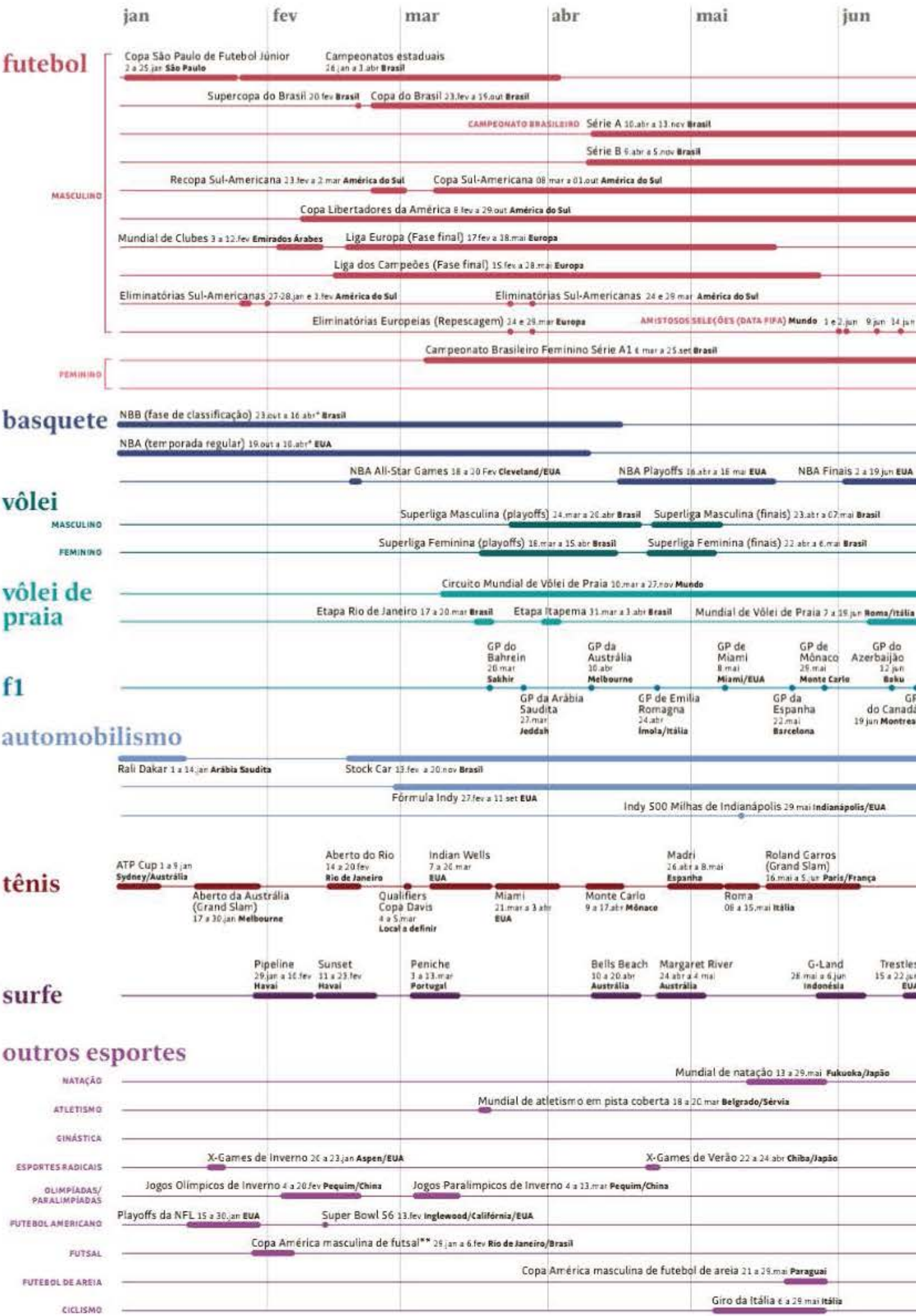
Até lá, os holofotes estarão voltados para a repescagem europeia. O novo formato, com semifinais e finais em duelos únicos, promete mais emoção. Cristiano Ronaldo, Lewandowski e outras estrelas estão na berlinda.

No Brasil, a CBF manteve os campeonatos estaduais em 16 datas, até o início de abril. Com o cronograma ainda mais apertado por conta do Mundial, as competições nacionais e continentais terminarão um pouco antes do normal: os vencedores da Copa do Brasil, da Sul-Americana e da Libertadores serão conhecidos ainda em outubro.

A programação também está repleta nas modalidades olímpicas, pois o ano concentrará campeonatos mundiais previstos —como os de vôlei e de basquete feminino— e outros remarcados durante a pandemia —casos da natação, do atletismo e do vôlei de praia.

Outro destaque são as Olimpíadas de Inverno. De forma inédita, Pequim se tornará a primeira cidade a receber as duas versões da competição, após ter sediado os Jogos de Verão em 2008. A escolha, porém, gerou uma crise entre países e levou ao boicote diplomático de países como Estados Unidos, Reino Unido e Austrália. O Brasil estará representado em ao menos duas provas: esqui cross country e esqui alpino.

No mais, a previsão é que a maioria das competições seja realizada nos moldes pré-pandêmicos. Os circuitos mundiais de tênis, surfe e Fórmula 1, por exemplo, divulgaram agendas cheias. A principal categoria do automobilismo prevê a maior temporada de sua história, com 23 corridas.

Apesar da expectativa pela normalidade, a pandemia ainda pode voltar a causar adiamentos ou transferências. A realização da Copa América de futsal está sendo debatida.

Enxergar o que não é claro

Bons treinadores de fora são bem-vindos, mas há brasileiros bem preparados

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Em Minas Gerais, Atlético e Cruzeiro estão sem técnico. Cuca não quis ficar, e Luxemburgo foi demitido, junto com a comissão técnica, por causa dos altos custos para um time da Série B. Além disso, a média de aproveitamento de Luxemburgo (58%) foi boa, mas não suficiente para o Cruzeiro voltar à Série A. Não vi também, em nenhum momento, um ótimo desempenho coletivo da equipe que criasse grandes esperanças.

Será difícil para o Cruzeiro contratar um técnico bom, barato, estudioso e com chance de evoluir com a equipe, de preferência jovem, embora existam alguns treinadores mais experientes e com ideias modernas. O que não se deve é trazer treinadores ultrapassados, apenas repetidores do que um dia deu certo. O futebol e o mundo mudaram.

O Cruzeiro precisa olhar com carinho para as categorias de base. Diferentemente de outros clubes, como Fluminense, Santos, Palmeiras e Flamengo, o Cruzeiro, há muito tempo, não forma jogadores de grande destaque nacional, para melhorar a equipe e/ou para ser negociados por enormes quantias.

O Atlético continua negociando com Jorge Jesus. Os valores, dizem, são astronômicos. Poderemos ter, em fevereiro, pela Supercopa, Atlético e Flamengo dirigidos por dois técnicos portugueses, Jorge Jesus e Paulo Sousa. Se o Flamengo vencer, Jorge Jesus será exorcizado. Se perder, os torcedores rubro-negros, como diria Nelson Rodrigues, vão chorar lágrimas de esguicho na calçada. Se o Galo perder, os atleticanos dirão que bom mesmo é Cuca.

Paulo Sousa pagou a multa rescisória, rompeu o contrato com a federação polonesa e foi contratado pelo Flamengo. Os poloneses o chamam de traidor, desertor e irresponsável e ameaçam denunciar o Flamengo à Fifa por assédio a um profissional contratado.

O esperto filósofo Luxemburgo disse, várias vezes, que contratos existem para ser rompidos, desde que se respeitem as regras contratuais. Em todas as atividades, profissionais mudam de trabalho. É legal, mas, em certos momentos, é antiético, como deixar uma seleção na hora de decidir uma sonhada vaga na Copa do Mundo.

No Brasil, um país em que a corrupção é tolerada, atitudes antiéticas são frequentemente ignoradas, até elogiadas, pela esperteza profissional.

Poderemos ter três treinadores portugueses nas três principais equipes brasileiras, Atlético, Flamengo e Palmeiras. As comparações e estatísticas já começaram, fora de hora e inadequadas, sem levar em conta inúmeros fatores importantes, como a qualidade dos elencos, o tempo de trabalho, o desempenho, o fascínio das equipes e tantos outros motivos programados ou ocasionais. Esses detalhes ocorrem com frequência em outras comparações.

O Inter também contratou um técnico estrangeiro, o uruguaio "Cacique" Medina. É uma moda ou os técnicos estrangeiros chegam para preencher a falta de qualidade dos técnicos brasileiros? Acho que não é uma coisa nem outra. Os bons treinadores de fora são bem-vindos, pois ajudam na evolução de nosso futebol, mas há vários jovens treinadores brasileiros muito bem preparados, com chances de evoluir, que deveriam ser mais utilizados.

A ciência é fundamental, base da evolução do futebol e da vida. Porém conhecimento não é só isso, vai além das estratégias, das informações e das estatísticas. Precisamos enxergar o que não está claro. "As coisas não têm explicação, têm existência" (Fernando Pessoa). Os poetas não deveriam ser lidos ao pé da letra.

DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, **Paulo Vinicius Coelho** | TER. Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

jul | ago | set | out | nov | dez

AMISTOSOS SELEÇÕES (DATA FIFA) **Mundo** 21, 22, 25 e 27.set

COPA DO MUNDO 21.nov a 18.dez **Qatar**

Copa América Feminina 8.jul a 30.jul **Colômbia**

Copa Libertadores da América Feminina 13.out a 28.out **Equador**

Copa América masculina 2 a 11.set **Brasil**

Mundial feminino 22.set a 01.out **Austrália**

Liga das Nações Masculina (finais) 20 a 24.jul **Mundo**

Mundial de Vôlei Masculino 26.ago a 11.set **Rússia**

Mundial de Clubes 05 a 18.dez **Local a definir**

Liga das Nações Feminina (finais) 13 a 17.jul **Mundo**

Mundial de Vôlei Feminino 23.set a 15.out **Holanda e Polônia**

GP da Grã-Bretanha 3.jul **Silverstone/Inglaterra**

GP da Áustria 10.jul **Spielberg**

GP da França 24.jul **Le Castellet**

GP da Hungria 31.jul **Budapeste**

GP da Bélgica 28.ago **Spa-Francorchamps**

GP da Holanda 4.set **Zandvoort**

GP da Itália 11.set **Monza**

GP da Rússia 25.set **Sochi**

GP de Singapura 2.out **Singapura**

GP do Japão 9.out **Suzuka**

GP dos Estados Unidos 23.out **Austin**

GP do México 30.out **Cidade do México**

GP do Brasil 13.nov **São Paulo**

GP de Abu Dhabi 20.nov **Abu Dhabi/Emirados Árabes Unidos**

Wimbledon (Grand Slam) 27.jun a 10.jul **Londres/Inglaterra**

Aberto dos Estados Unidos (Grand Slam) 29.ago a 11.set **Nova York/EUA**

Finais da WTA 31.out a 06.nov **Shenzhen/China**

Finais da Billie Jean King Cup (FedCup) 8 a 13.nov **Local a definir**

Finais da ATP 13 a 20.nov **Turim/Itália**

Saquarema 27.jun a 4.jul **Brasil**

Jeffreys Bay 9 a 18.jul **África do Sul**

Teahupo'o 11 a 21.ago **Taiti**

Finais da WSL 7 a 16.set **a definir**

Mundial de atletismo em pista aberta 15 a 24.jul **Oregon/EUA**

Mundial de ginástica 29.out a 6.nov **Liverpool/Inglaterra**

Tour da França 1 a 24.jul **França**

Volta da Espanha 19.ago a 11.set **Espanha**

*Em andamento **CBF pediu à Conmebol o cancelamento do evento devido à Covid-19

COPA DO MUNDO QATAR
Classificada antes do fim das Eliminatórias, a seleção brasileira jogará pelo hexacampeonato no primeiro Mundial no Oriente Médio

MUNDIAL DE CLUBES
Vencedor da Copa Libertadores de 2021, o Palmeiras terá duas partidas pela frente para conquistar o título mundial

SURFE
O tricampeão do mundo Gabriel Medina continua em busca de boas ondas até as finais da Liga Mundial de Surfe, em setembro

FÓRMULA 1
Após a frustração de perder o título para Max Verstappen na volta final do último GP de 2021, Lewis Hamilton está atrás do octacampeonato

SKATE
Prata em Tóquio-2020 e campeã de duas etapas seguidas da Liga de Skate neste ano, Rayssa Leal busca mais títulos rumo a Paris-2024

Detalhe da obra-instalação 'Gravitação Magnética' (1987), do artista plástico Tunga
Eduardo Knapp/Folhapress

Magnificência erótica

[RESUMO] Curador de exposição de Tunga no Itaú Cultural analisa como a ideia obsessiva do corpo nu marcou toda a obra do artista, numa busca por reinstaurar o corpo na escultura impondo sua poética de elementos estranhos e incongruentes

Por ***Paulo Venancio Filho***
Curador, crítico de arte e professor titular de história da arte da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Autor, entre outros livros, de "A Presença da Arte" e "Primos entre Si: Temas em Proust e Machado de Assis". É curador da mostra "Tunga: Conjunções Magnéticas", em cartaz no Itaú Cultural até 10 de abril de 2022

A obra toda de Tunga se desdobra em torno do corpo nu. Tal ideia, que perseguiu e da qual nunca se desvinculou, estava já expressa em texto de 1976, intitulado "Prática de Claridade sobre o Nu"; lançar uma nova luz sobre um corpo e explorá-lo até a sua reaparição reinventada; reinstaurar o corpo na escultura —o corpo é a escultura e vice-versa.

Toda a obra busca a ideia obsessiva do nu, desdobrando-se a cada momento, a cada trabalho. Trata-se da cena erótica primordial, resumida na frase de Georges Bataille: "A ação decisiva é o desnudamento".

Seus primeiros desenhos, abstratos e intimistas, intrigantes figuras, recordam, por afinidade, a noiva da cena erótica de "O Grande Vidro" —ou "A Noiva Desnudada por Seus Celibatários, Mesmo"— de Marcel Duchamp, tão admirada por Tunga.

É para aí que se sentia atraído, para o "outro" Duchamp, aquele da "imagérie" erótica não literal, insinuada por figuras desprovidas de um apelo sensual senso comum —"cosa mentale", poderia se dizer, e que, naquele início, indicava uma afinidade eletiva que se reuniria a outras companhias ao longo de toda a obra, prática constante, intensa, obsessiva, que vai prosseguir e determinar toda ela do começo ao fim.

O Duchamp, desenhista eventual, André Masson e Henri Michaux: em tais nomes percebe-se a escolha e valor que Tunga atribuía a uma certa lateralidade artística, distante da centralidade das influências daqueles anos 1970 e que é uma marca das admirações de Tunga. Tais escolhas, improváveis combinações especialíssimas, se encontram nos indícios primeiros que influenciaram a formação do jovem, ainda adolescente, artista.

Transcorria nesses mesmos anos a transição e mesmo a superposição entre a pop art e a arte conceitual da qual, estranhamente ou deliberadamente, não participava. Sua ligação transversal e idiossincrática com as margens do surrealismo estruturava a poética que caracterizaria seu trabalho dali em diante.

Portanto, não foi o Duchamp conceitual tão evidente na arte contemporânea que o atraiu, e sim aqueles trabalhos que constituem a "mitologia" duchampiana: os objetos menores, um tanto excêntricos, enigmáticos, plenos de possíveis descobertas reveladoras do mundo do erotismo polimórfico que, de agora em diante, vai se manifestar na criteriosa escolha e no uso dos materiais.

Uma ansiedade ambiciosa já se encontrava mesmo nas menores obras, aquelas tridimensionais que Tunga denominou "Objetos do Conhecimento Infantil"; uma grandiosidade íntima que em alguns momentos, mais tarde, atingiria a suntuosidade —o grande e o pequeno são variações homotéticas indistintas em sua obra.

Na seleção criteriosa dos materiais, brutos e refinados, na esmerada e meticulosa execução, se acentuava um programa deliberado que daria à obra uma autoridade, relevância material e o desejo de restaurar certa magnificência à arte contemporânea. Daí a recusa, por um lado, à unilateralidade conceitual e à banalidade decorrentes muitas vezes do "ready-made" e, por outro, a busca de um mitologia afim da vasta e intrincada narrativa duchampiana.

Se a diversidade de seus interesses o levava para áreas remotas, divergentes, incongruentes —ciência, filosofia, literatura, ocultismo, religião—, todas eram reconduzidas como fontes de energia que se unificavam no trabalho e nele se metabolizavam. Essa erudição produtiva, fluída, inclassificável, se expandia e se fixava em cada ideia a cada momento da transmutação plástica, imersa no fluxo de obra a obra.

Esse domínio refinado de interesses deu à sua obra esse ar inconfundível de preciosidade longamente elaborada, destinada a durar e permanecer. Faltasse esse refinamento específico seria falsa, inconsequente, artificial, insuficiente, sem a densidade do efeito que busca provocar.

Suas primeiras esculturas já indicavam uma prática divergente, heterodoxa. Articulando a matéria mole do feltro a esquemas geométricos "duros", Tunga realizou suas primeiras esculturas, os "Albinos", corpos recortados no feltro e remontados por meio de parafusos e cordões em diversas variações.

Neles, a oposição entre a geometria estruturada das formas e a matéria flexível do feltro sugeria uma possível reação do inanimado em se reivindicar como coisa viva —fenômeno semelhante aos "Bichos", de Lygia Clark. Não é também sugestivo que o branco do feltro recordasse os nus das esculturas clássicas gregas?

Aí se iniciava uma profunda ligação de Tunga com a matéria, ou as matérias. Serão muitas aquelas que vão identificar, de agora em diante e à primeira vista, um trabalho seu.

Logo, certas obsessões peculiares vão estabelecer uma família de fetiches: cabelos, por exemplo, são um dos mais notáveis. Em torná-los matéria escultórica —o que em certa medida já são—, o trabalho entrelaça, como sempre, corpo e escultura.

Portanto, suas famosas "Xifópagas Capilares entre Nós" só poderiam estar unidas pelos cabelos, sendo os fios os condutores da "energia" que envolve as adolescentes em uma atmosfera lírica, musical, encantatória tal uma mesma melodia repetida e repetida —uma ode à puberdade, pois se supõe que só nessa idade os cabelos manifestam sua pura sensualidade nascente.

Ambas encontram-se envoltas num halo de liberdade e fraternidade que só a elas é dado e só elas conhecem e vivenciam —seria a revisitação da infância que as fantasiaria unidas pelos cabelos, sua mãe e tia, irmãs gêmeas? Estaria Tunga aí resinificando na sua imaginação, num mito pessoal ou fábula imemorial?

Essa dualidade estranha, heterodoxa, não familiar, vai percorrer toda a obra, assumindo formas variadas em seus fascinantes amálgamas heteróclitos. Os cabelos vão perseguir o imaginário com a força e a insistência do fetiche.

Tal processo intrincado de comunicação entre as coisas, o trabalho apresenta literalmente muitas vezes e, em primeiro lugar, como trança. Entrelaçamento que se repete de tranças em tranças, de dimensões e formatos diferentes, tal como a variação dos penteados, estes também —e por que não—, esculturas.

Tranças que supõem um escalpo, o corte violento do objeto fetiche; escultura metálica, mas flexível, sinuosa, muitas vezes amarrada —um toque final—, com um irônico, gracioso e perverso laço de seda colorido.

Logo mais, ocorre a "descoberta" do ímã, a matéria por excelência da prática de Tunga. Nenhum outro material resume tão bem o fundamento do trabalho: unir, conectar, ligar, transmitir, conjugar etc. O ímã como a matéria última, o próprio pensamento materializado, a pedra filosofal da sua prática artística.

Continua na pág. B9

Detalhe da obra-instalação de Tunga Eduardo Knapp/Folhapress

Continuação da pág. B8

Deve-se conceder a Tunga o título de "inventor" do ímã na escultura contemporânea —pela descoberta, pela constância e intensidade do uso. Só esse material "avesso" à escultura poderia chamar a sua atenção, magnetizá-lo; a matéria "ready-made" que "in-corpora" à sua prática.

Com ele, torna-se desnecessário qualquer elemento que ligue as partes. O ímã já é a parte e o todo, ele próprio a "cola" que dispensa qualquer intermediário. É o elemento material daquilo que Tunga chamava de energia de conjunção ou cola poética —o ímã como metáfora, assim poderíamos chamar o processo escultórico de Tunga. É esse fenômeno magnético que vai dar "corpo" à escultura e tudo colar.

A presença dos ímãs como elemento da "energia de conjunção" expressa fisicamente o equivalente processo mental de aproximar realidades distantes, físicas e imaginárias, e amalgamá-las na matéria e na substância dos trabalhos.

Uma matéria que manifesta a "energia", como o ímã, teria que ter uma vida longa na obra e, como tal, é entendido como uma manifestação poética da natureza, uma dádiva a ele concedida e em troca constante, dando e recebendo. Tal é o espírito daquilo da "energia de conjunção", Eros, em outras palavras.

Para ele, assim como escreveu Bataille, "o sentido último do erotismo é a fusão, a supressão dos limites".

Os elementos da escultura —uma categoria um tanto limitada para definir sua obra— eram já entendidos como relíquias, troféus, fetiches. Dentes, ossos, cabelos são elevados ao grau mais alto da preciosidade, o de verdadeiras joias.

Daí tranças, a parte do corpo feminino ostensivamente nua, que só o pudor implícito na trança pode dissimular. As tranças trazem rememorações do conhecimento infantil, contêm sua possível reinstauração imaginária e ocorrem em diversos formatos e tamanhos. Nelas, as qualidades metálicas são exploradas como nenhuma outra.

É como se fizessem ressurgir a potência de uma matéria única na sua dureza, brilho, peso, maleabilidade, volume, formas. A sinuosidade plástica do metal pode deslizar para uma tradução e extensão biológica em "Vanguarda Viperina", nada menos que uma escultura viva, que não é senão a simulação da cópula ofídica, o abraço sensual de duas cobras, uma refletida na outra como verdadeiras gêmeas.

Em "Ão", o trabalho já clássico de Tunga, experimentamos uma viagem por dentro de uma escultura —uma escultura "nua". Fita de Moebius topológica, "Ão" é a infindável diuturna circulação dentro de um túnel e de uma canção, "Night and Day", onde não se sabe se é dia ou noite, movimento incessante que parece levar a algum lugar e leva a lugar nenhum.

Voltas e voltas, incalculáveis, inumeráveis, mesméricas, intoxicantes. Percurso estranhamente monótono e excitante.

Nesse experimento fílmico, delirante, só a película que circula pela galeria dá a dimensão da realidade. Somos lançados no interior de um carrossel fantástico vindo de um laboratório de outros tempos. "Ão" é um palíndromo espaço/visual, sem letras, palavras, vazio, nu —o toro despido. Um "outro" "Nu Descendo uma Escada", de Duchamp, vertido em um processador topológico.

A aspiração à monumentalidade, a uma expansão da escala que não é só física, insiste também na construção de uma mitologia, uma narrativa que se desenvolve como o movimento de uma espiral envolvendo elementos anteriores, etapas autofágicas da obra que se desdobram.

Trabalhos anteriores são resgatados em outro plano, rearticulados e ampliados, conectando-se um ao outro, formando um todo do que antes estava separado, desmembrado, e que se volta a reunir em observação à seletividade intrínseca da obra. A cada etapa, o corpo (o corpo é escultura e escultura é corpo) retorna como uma unidade final e provisória, à espera de uma nova realização adiante.

Diríamos que o verbo "imantar" é aquele que designa e simboliza a junção dos elementos dispersos, o processo da energia agregadora do qual o ímã é apenas a matéria física, uma das partes. A outra é a "cola poética" da livre imaginação.

Uma se enreda na outra, penetrando, desdobrando-se na outra, obedecendo à lógica da magnetização, que, como exemplo, faz da escultura um complexo sustentado por placas metálicas verticais fixadas por ímãs e atravessadas por fios, lembrando um gigantesco e anacrônico arcaico gerador de energia ou, combinação tão frequente, a plena nudez de uma monstruosa máquina erótica.

Assim é "Gravitação Magnética", exibida na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987. Como em um único gesto, o desenho de fios metálicos se eleva, desce do teto do edifício e se esparrama pelo chão. A monstruosa cabeleira termina na cabeça decepada do artista —novamente o "corte" reaparece— e se une a um corpo desenhado por ímãs no chão.

Totem imprevisto, surpreendente, "Gravitação Magnética" impunha ao ambiente sua presença imponente, intimidante, quase ameaçadora.

A trajetória da escultura metálica se encerra em um "grand finale" em "À la Lumiére des Deux Mondes". Exibida sob a pirâmide do Museu do Louvre em 2005, é como o retorno antropofágico do nativo ao seu lócus de admiração, o provocante totem da reverência e da emancipação, regresso audacioso do filho pródigo.

Tal efeito só poderia ser consequente na França, em Paris, no Louvre, nada menos que no primeiro grande museu da cultura do Ocidente. Toda a arte ali acumulada estava presente, revirada e reposta naquele magnificado objeto originário da escravidão colonial (o balagandã) e no tipiti e na rede indígenas.

Tal como antes, em "Gravitação Magnética", a obra surge como um monumento estranho, irônico e lúgubre, majestoso e decadente, contemporâneo e anacrônico, luminoso e subterrâneo. Todas as antípodas que essa obra unifica são, por assim dizer, a "summa" e o cadáver da escultura em metal de Tunga.

É notável como a palavra "poética" aparece tão frequente e insistente na ideação, descrição e qualificação que Tunga faz de seus trabalhos, o exercício da "cola poética" como prática artística. É a colagem moderna elevada a outro plano plástico, discursivo, espacial e simbólico.

Tudo, a princípio, pode ser "colado". Em tudo, há "cola", e a "poesia" é o agente universal dessa "cola". Nota-se, então, novamente uma atitude anticonceitual, antiminimalista, mais próxima das articulações da arte "povera", mas de um requinte e refinamento peculiares, retornando e ampliando as intenções plurais do surrealismo —tudo que determina, como poucas, a prática heterodoxa de Tunga no ambiente artístico contemporâneo.

Já na série "From la Voie Humide", uma das últimas que Tunga realizou, voltam a se revelar as tonalidades dos primeiros desenhos —azuis, verdes, laranjas—, cores que engendram uma delicada ordenação espacial, quase em suspensão, obras no ar, líricas, luminosas, totens contemporâneos.

Neles, o tripé sugere o trípode oracular da antiguidade pagã, consagrando não mais aos deuses, mas aos olhos contemporâneos ávidos e carentes, uma beleza autêntica e verdadeira. Variante vertical e gigante dos balagandãs, de materiais e formas e cores diferentes, onde o tripé é o sustentáculo dos elementos conectados a ele, suporte e ligação —a "brutalidade" do ímã dá lugar a uma delicada justaposição das partes.

São corpos abertos com seus diversos órgãos à mostra, ou ainda órgãos sem corpo; restos de um massacre, esquartejamento; o exemplo último de uma escultura por "conjunção"; nenhuma outra antes continha tamanha variedade de elementos na sua ficha técnica —um mix de cerâmica, resina, metal, cristais, pérolas... a "conjunção" na sua maior extensão.

A transversalidade de referências e materiais na obra de Tunga manifesta esse contágio metamórfico. Toda matéria contém uma simbologia, toda simbologia se manifesta nas matérias. Nenhum material se esgota nele mesmo, no seu silêncio e na imobilidade. Cada um deles é evocado para outro plano e se revela, renovado e ampliado, a cada trabalho.

Tal é a natureza deslizante da obra, do desenho para o objeto, do objeto para a escultura, da escultura para as instalações, das instalações para as instaurações, das instaurações para o desenho, sem qualquer tipo de hierarquia. Nada menos que fazer da arte uma rigorosa e delirante "mathesis universalis" poética.

Ao final, toda a obra são "tranças", "magnéticas", "palíndromos", "xifópagas" —palavras-título de seus trabalhos—, imantadas pela "energia de conjunção", o "ímã" universal da obra que tudo atrai, reúne e articula.

É a energia que faz a conjunção do estranho, do incongruente, do improvável, e os reverte para uni-los no trabalho, o qual Tunga reivindicava chamar, legitimamente, de poesia. ←

Ao final, toda a obra são "tranças", "magnéticas", "palíndromos", "xifópagas", imantadas pela "energia de conjunção", o "ímã" universal que tudo atrai, reúne e articula

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Mônica Calazans

Quero sempre fazer bonito para a minha raça

[RESUMO] Primeira pessoa vacinada contra a Covid-19 no Brasil, enfermeira rememora seu último ano após projeção nacional, conta que soube pela coluna que seria imunizada, revela que fará participação em série da Netflix e pede aos brasileiros que se vacinem contra o vírus: 'Não tem chazinho, remedinho'

Por ***Bianka Vieira***

A enfermeira Mônica Calazans posa em sua casa, em Itaquera, na zona leste de São Paulo Ronny Santos/Folhapress

Mônica Calazans diz que morreu quatro vezes no ano passado. Em uma dessas ocasiões, a enfermeira de 55 anos voltava para sua casa no bairro de Itaquera, na zona leste da capital paulista, quando ouviu de um motorista de aplicativo que a primeira pessoa vacinada contra a Covid-19 no Brasil não resistiu ao imunizante (ela foi a primeira a receber uma dose, da Coronavac). Na segunda, precisou mandar uma foto como prova de vida a um jornalista que, pelo mesmo motivo, estava preocupado. Ela mostrou que estava bem viva.

*

A terceira foi em um evento. "Nele, uma mulher começou a chorar. 'Lá na minha cidade o povo pensa que você morreu'. Eu falei: 'Então você vai levar a notícia de que eu estou viva'", conta, entre risos. Uma colega de trabalho, enfermeira como ela, também ouviu da mãe a fake news de que "a primeira vacinada no Brasil morreu".

*

Mulher, negra e enfermeira da UTI do Instituto de Infectologia Emílio Ribas e do Pronto Atendimento São Mateus, em São Paulo, Mônica Calazans foi imunizada minutos depois do aval da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para o uso emergencial das vacinas Coronavac e Oxford/Astrazeneca em território nacional, no dia 17 de janeiro de 2021.

*

Aquele dia, celebrado por Mônica com o punho erguido, trouxe alento a um país que amargava os efeitos devastadores da segunda onda da epidemia e, até então, cerca de 210 mil mortes pelo coronavírus.

*

Se por um lado a exposição transformou a enfermeira em personagem de notícias falsas —como as que espalharam a sua morte—, por outro trouxe múltiplas demonstrações de afeto. Na pequena sala do apartamento onde mora em Itaquera, com paredes cor-de-rosa, há um aparador de madeira reservado para presentes recebidos por ela.

*

O relicário reúne itens como uma máscara cirúrgica banhada a bronze, enviada por uma artista plástica, uma bola autografada pelo ex-jogador Neto, do Corinthians, seu time de coração, e um terrário com miniaturas sua e de um jacaré, troça feita em referência a uma fala do presidente Jair Bolsonaro (PL). "Isso é o carinho da população toda", diz, sorridente.

*

Habituada a sair de Itaquera às 5h30 da manhã nos dias em que trabalha no Emílio Ribas, Mônica nem imaginava que seria vacinada quando tomou um ônibus e três linhas do metrô para chegar ao hospital naquele 17 de janeiro.

*

Por volta do meio-dia, ela foi orientada pela diretora do plantão a ir até o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, enquanto a Anvisa ainda analisava a liberação ou não das vacinas. Como era enfermeira e voluntária dos testes clínicos da Coronavac (ela recebeu placebo no estudo), Mônica pensou que pudesse ser imunizada junto com os demais profissionais de saúde.

*

"Cheguei e fui para o auditório. Do meu lado, sentou uma médica. Ela pegou o celular e mostrou a minha foto na coluna da Mônica Bergamo", relembra, gargalhando. Foi por meio da revelação feita nesta coluna que ela soube o motivo de sua presença naquele lugar.

*

"Você acha que se eu soubesse que seria a primeira vacinada não teria me arrumado? Eu pus uma blusinha que, quando levanto o braço, aparece parte da minha barriguinha. Você acha que eu ia pagar esse mico? Nunca!"

*

"Me colocaram aquele avental branco que nem meu era" — até hoje ela não sabe a quem pertencia o jaleco hospitalar. "Foi uma exigência da equipe que eu colocasse o avental do SUS, aquela coisa toda. Não era meu, tanto é que nem me serviu, ficou justo. Fiquei parecendo o Hulk", segue, rindo.

*

"A minha mãe estava em casa de pezinho pra cima e aí apareceu no jornal aquela notícia toda, com a música do plantão. Ela gritou para a minha sobrinha: 'Aninha! Que que sua tia está fazendo ali?'", relembra.

*

"Todo aquele choro que tive naquele dia foi muito verdadeiro. Eu não tinha texto, não tinha nada na mão. Depois apareceram falando que eu era atriz, que não sei o quê. Foi uma patifaria o que fizeram."

*

A enfermeira diz entrar em 2022 mais aliviada em relação à pandemia, embora acredite que não seja possível baixar a guarda enquanto não houver mais pessoas vacinadas. "No início de tudo isso, eu pensava: 'Será que vai morrer todo mundo?'. Com o avanço da vacina, foi diminuindo [esse temor]. Isso causa uma expectativa maior de que sim, estamos indo na direção correta."

*

"Eu espero que o povo se vacine para voltarmos à nossa vida normal. A gente vai ficar o resto da vida usando máscara? Eu não quero isso para a minha vida, sinceramente. Está na hora de mostrar o sorriso, de poder abraçar, pegar na mão e circular com segurança."

*

Nesses últimos dois anos, Mônica viu histórias de recuperação, mas também conviveu com a morte de perto. Um dos casos que marcou a enfermeira foi o de um senhor de quem ela cuidou no São Mateus e que pegou Covid-19 da neta. "Ela ficou bem, e o avô, não", conta. O paciente veio a óbito.

*

"Na época daquele boom mesmo, o pronto-socorro recebia gente o tempo todo. O pessoal trabalhava incansavelmente porque, além dos leitos lotados, não estavam conseguindo dar vazão a todos os pacientes que chegavam. Março e abril foi aquela coisa terrível", relembra sobre o pico de casos e mortes da epidemia.

*

"A Covid não é uma doença que pode ser tratada com qualquer coisa, infelizmente. A gente só pode se livrar dela com a vacina, não tem outra saída. Não tem chazinho, remedinho."

*

Desde janeiro passado, a vida de Mônica foi tomada por lives, entrevistas e palestras. "Eu tento mostrar que sou uma pessoa comum com comorbidades, tenho diabetes, sou hipertensa, e para mim a vacina deu certo", diz sobre sua disposição em aceitar os convites que recebe para falar.

*

A vida de estrela, inclusive, levou a enfermeira a participar das gravações da terceira temporada da série "Sintonia" (Netflix), ainda inédita. "Não posso dar spoiler", diz ao ser perguntada sobre seu papel.

*

Se há algum aspecto negativo em carregar um título como esse? "A desvantagem disso tudo é que agora eu tenho muito mais cautela com o que coloco em rede social. Antes da 'Mônica primeira vacinada', eu podia falar qualquer coisa que ninguém nem prestava atenção. Eu podia pôr uma receita de bolo lá que não usasse ovo que ninguém ia falar nada."

*

"Quanto menos eu abrir a boca, acho que é melhor porque não causa desgaste. Depois você tem que ficar se defendendo, se explicando. Ah, isso é um porre. Eu prefiro evitar."

*

A enfermeira afirma ter sido alvo de ataques racistas, pela primeira vez em sua vida, após a projeção nacional. "Mas eu não me preocupo", diz. "Acho que eu, como mulher negra, estou fazendo um papel bonito."

*

"Durante todo esse período que estou carregando esse título, quero sempre fazer bonito para a minha raça, para as mulheres e para a enfermagem."

*

Seu contrato temporário com o Emílio Ribas, firmado em razão da pandemia, irá acabar em maio deste ano. "Minha intenção é ficar em casa mesmo, descansar, poder ir mais para a praia, dar uma respirada. Coisa simples, nada muito glamoroso, porque eu sou muito simples", conta.

*

Se no último ano ela passou o dia 31 de dezembro precisando transferir pacientes com Covid-19 para outros hospitais, dada a lotação dos leitos, nesta passagem de ano ela trabalha com o otimismo de quem vê o número de internações caindo. "Hoje a gente já recebe o público de fato do Emílio, que são os pacientes de infectologia. Eu, particularmente, acho que é um termômetro."

*

Além de ser uma pessoa de riso fácil, Mônica se define como uma mulher tranquila que gosta de transmitir segurança a quem quer que esteja por perto, seja paciente, amigo ou familiar. Esse temperamento, diz, foi adquirido com o tempo, após perdas que marcaram a sua trajetória, como as mortes precoces do pai e do noivo.

*

Quatro anos atrás, em um outro 17 de janeiro, o companheiro com quem se relacionou desde os 15, teve um filho aos 24 e reatou aos 46 anos de idade sofreu um acidente vascular cerebral. Ele não resistiu e morreu poucas semanas depois, em fevereiro, mês em que planejavam o matrimônio. "A gente estava vivendo tudo muito intenso. Sabe aquela coisa gostosa? Nossa, era tudo de bom. Eu falava que queria casar com todas as pompas."

*

"Hoje eu consigo falar [sobre ele] sem desaguar, mas em outras épocas... Com tudo isso que já passei, eu aprendi a ter força. Eu agradeço muito a Deus quando deito na minha cama. Meu filho diz que eu sou doida porque falo bem alto: 'Obrigada, Deus'. Todo dia."

*

Fã de Zeca Pagodinho e de grupos como Menos é Mais e Fundo de Quintal, ela espera pelo dia em que poderá frequentar um pagode. Embora esteja imunizada e quase não haja restrições na cidade de São Paulo, Mônica prefere aguardar.

*

"Se eu falo para as pessoas não aglomerarem, não posso ir só porque estou com vontade. Na hora que eu chegar, o povo vai falar: 'Olha lá onde está a primeira vacinada, dançando até o chão [risos]."

Russiagate e o vexame da imprensa

[RESUMO] Propalada ao longo dos últimos cinco anos sem quaisquer indícios de comprovação, a suposta interferência russa nas eleições americanas de 2016, que teria levado à vitória de Trump sobre Hillary Clinton, foi um golpe sem paralelo à credibilidade da grande imprensa, que dedicou ao tema cobertura diária na TV e centenas de páginas nos jornais impressos. Caso teve como efeito disseminar o recurso a boatos com fontes anônimas e garantir vitórias políticas a Trump, que permanece forte para a próxima eleição

Por ***Idelber Avelar***

Professor de estudos latino-americanos na Universidade Tulane, em Nova Orleans (EUA)
Seu livro mais recente é 'Eles em Nós: Retórica e Antagonismo Político no Brasil do Século 21' (Record, 2021)

Bonecos russos representando o presidente Vladimir Putin, da Rússia, e Donald Trump, ex-mandatário dos EUA, em mercado de Moscou

Maxim Zmeyev-13.jul.18/AFP

Não seria exagero dizer que foi o maior colapso jornalístico do século 21. Não estamos falando de um erro factual do âncora do telejornal das 11 ou de três matérias mal-apuradas nos jornais impressos.

Foram cinco anos de cobertura diária na CNN e na MSNBC e centenas de matérias no New York Times e no Washington Post sobre algo que se provou um "hoax", um fantasma, uma história mal contada cujas incongruências se acumularam até o total desmoronamento: o Russiagate, a tão propalada "interferência russa nas eleições de 2016", fruto do "conluio de Trump com o Kremlin".

Vamos ao fatos.

Em 12 de junho de 2016, cinco meses antes das eleições, Julian Assange anunciou que o Wikileaks publicaria uma bateria de emails referentes a Hillary Clinton. Em três dias a Crowdstrike, empresa de segurança cibernética contratada pelo Comitê Nacional Democrata (DNC), já afirmava que tinha evidências de que a Rússia havia hackeado os servidores do partido. Começava a se consolidar a narrativa de que quem se ocupasse do conteúdo da publicação do Wikileaks estaria fazendo o jogo da Rússia.

Os emails foram publicados em julho e eram de evidente interesse público. Revelavam a corrupção do DNC e a sabotagem da candidatura de Bernie Sanders nas primárias, incluindo a entrega das perguntas dos debates à campanha de Clinton com antecedência.

Enquanto isso, a pedido da Fusion GPS, empresa também contratada pelo DNC e que se apresenta como "de inteligência estratégica", um ex-espião inglês, Christopher Steele, preparava um dossiê sobre as supostas relações de Donald Trump com a Rússia.

Hoje desacreditado, esse dossiê foi a fonte da história de que em 2013, durante o concurso de Miss Universo na Rússia, ao saber que uma cama de hotel havia sido usada por Barack e Michelle Obama, Trump teria contratado duas prostitutas para urinarem nela enquanto ele assistia. Vladimir Putin estaria em poder de um vídeo desse ato e, desde então, em condições de chantagear Trump com a ameaça de sua publicação.

A história, que ficou conhecida como "fita do xixi", foi apresentada sem evidências ou fontes nomeadas, em um dossiê contratado por uma campanha política e produzido por um ex-espião —ou seja, alguém que passou a vida recebendo para mentir.

Ainda assim, milhares de horas de transmissão televisiva e incontáveis matérias de jornal foram dedicadas a elucubrações sobre a fita do xixi. Dias antes da posse de Trump, a principal âncora da MSNBC, Rachel Maddow, afirmava que a presença das tropas americanas na Ucrânia (segundo ela, desejável) corria riscos graças à chantagem possibilitada pela fita do xixi. Na New York Magazine, Jonathan Chait se declarava um "peeliver", em um infame trocadilho com "pee" (xixi) e "believer" (crente).

Em janeiro de 2017, o BuzzFeed publicou na íntegra o dossiê de Steele. Os poucos jornalistas que examinaram o material com independência —Matt Taibbi, Aaron Maté, Caitlin Johnstone, Glenn Greenwald, Branko Marcetic e outros— coincidiam em ver ali um arrazoado sem credibilidade, mas isso não impediu que a imprensa passasse a apresentar Steele como pesquisador de credenciais impecáveis, espião com altos contatos, fonte singular sobre os mistérios do Kremlin e da "intervenção russa" nas eleições americanas.

No Partido Democrata, o Russiagate funcionava como explicação para o fato de sua mais poderosa operadora ter perdido uma eleição presidencial para um bufão de TV, ao cabo de um governo democrata extremamente bem-avaliado.

Em 2017, o FBI já sabia que Steele não tinha fontes de credibilidade, mas essa informação foi sonegada ao público. A origem dos boatos era um expatriado residente em Washington, de nome Igor Danchenko, que inventava as lorotas alegando conversas com pessoas que ele jamais viu, e que depois teriam suas vidas seriamente prejudicadas pelas mentiras (ou seja, a "fonte" era um russo que nem sequer morava na Rússia).

O dossiê de Steele consolidava uma estratégia retórica essencial do Russiagate: a fundamentação de boatos com referência a "altas e não nomeadas fontes", do Kremlin ou das agências de inteligência americanas. Um dos que se gabavam de ter contatos no Kremlin e de traficar boatos chamava-se Charles Dolan Jr. Sua principal atividade política naquele momento consistia em ser operador da campanha de Clinton!

Depois da posse de Trump, a russofobia chegou a níveis dignos da Guerra Fria. Em maio de 2017, iniciou-se a investigação do procurador Robert Mueller no Congresso, e durante dois anos as esperanças da oposição a Trump foram depositadas nela.

Enquanto isso, Trump concedia cortes de impostos obscenos a bilionários, revogava proteções ambientais, loteava o ministério entre trapaceiros representantes das formas mais predatórias de capital, estimulava o racismo e bloqueava a entrada de muçulmanos no país. Mas o importante, para boa parte da imprensa e para a oposição democrata, era o jamais demonstrado conluio de Trump com o Kremlin.

A investigação de Mueller terminou em abril de 2019, concluindo não ter indícios de qualquer conluio para influenciar a eleição. Ao longo de 448 tediosas páginas, o relatório detalha encontros comerciais normais entre indivíduos de dois países, mas cada um desses fatos passou a ocupar horas de elucubração na TV, em uma metonímia que transformava qualquer contato entre um americano de interesse e um portador de passaporte russo em uma possível conspiração do Kremlin. Nascia um verdadeiro macarthismo, que tornou infernal a vida de qualquer cidadão que morasse nos EUA com passaporte russo.

Os então já temidos bots russos se resumiam a uma fazenda de trolls de São Petersburgo que, ao longo de três anos, investiu US$ 100 mil, dinheiro de pinga até mesmo para uma eleição de vereador nos EUA. Desses US$ 100 mil, apenas US$ 46 mil foram gastos antes da eleições de 2016. Desses, uma grande parte nem sequer mencionava Trump ou Clinton. A operação era clickbait básico de internet: reunir perfis de uma determinada demografia e depois vender o acesso a eles.

Esse é o único fundamento da paranoia que produziu algumas catástrofes jornalísticas, como a história de que a Rússia teria derrubado a eletricidade de Vermont, da qual o Washington Post foi obrigado a se retratar (não sem que ela fosse repetida pelo governador do estado e por um produtor sênior da MSNBC) ou o hilário programa de Rachel Maddow sobre o perigo de que os russos desligassem o aquecimento de Dakota do Norte no inverno. Esse foi nosso pão com manteiga na TV durante cinco anos. E agora nos assustamos com o fato de que grande parte dos americanos não acredita nas informações corretas sobre as vacinas veiculadas na TV e nos jornais?

Livros inteiros, como o de Luke Harding, foram escritos com base em associações livres entre encontros reais que nada significam (como um café entre um advogado americano e um russo) e uma montanha de boatos sobre o Kremlin atribuídos a fontes anônimas. O jornalista Aaron Maté, a quem devemos um meticuloso trabalho de desmascaramento do Russiagate, submeteu Harding ao maior baile argumentativo que já vi um autor levar sobre seu próprio livro.

O "hoax" das "armas de destruição em massa do Iraque", no qual a imprensa americana embarcou com entusiasmo, contribuiu para matar mais gente, mas, em dano à credibilidade do jornalismo, o Russiagate não tem paralelo.

No caso das inexistentes armas de destruição em massa do Iraque, a imprensa jamais fez um balanço de suas responsabilidades. Viu-se, no máximo, o sacrifício de alguns bodes expiatórios, como Judith Miller, forçada a demitir-se do New York Times.

No Russiagate, foram cinco anos de ilações não fundamentadas, mas o "hoax" se sustenta graças a um raciocínio que continuamente move as traves da conversa. Não se confirmou o conluio entre Trump e o Kremlin, mas quando se demonstra isso, a resposta não costuma ser a correção da afirmativa errada, mas a afirmação de que o Kremlin deve ter influído no resultado, mesmo sem conluio com Trump.

Quando se demonstra que tampouco há indícios disso, a resposta costuma ser que, se não influíram, devem ter tentado. Ao se deparar com a demonstração de que também não se encontraram indícios de tais tentativas, não é comum ouvir que "não tentaram, mas bem que gostariam de ter tentado".

Os danos causados pelo Russiagate são incalculáveis. Não se trata aqui, é claro, de uma vindicação de Trump, presidente que causou vários outros danos. Trata-se justamente de perceber que o Russiagate foi a grande fonte de vitórias políticas de Trump e uma das razões pelas quais ele permanece forte para 2024. A cada ilação descartada, Trump reforçava seus laços com a base aos gritos de "fake news!".

A credibilidade da imprensa sofreu um golpe sem paralelo. A política progressista dominante, que antes via as agências de inteligência com saudável suspeita, passou a tê-las como aliadas, fontes e árbitros confiáveis da segurança nacional. Disseminou-se o recurso ao tráfico de boatos com fontes anônimas.

Na universidade, professores e alunos com impecáveis credenciais de esquerda foram estigmatizados como trumpistas ao manifestar ceticismo ante o Russiagate. Na imprensa, jornalistas em início de carreira relataram a pressão para alinhar-se com a narrativa dominante. Ao cabo de cinco anos, estava consolidado o processo de realinhamento do Partido Democrata como o mais confiável para as agências FBI, CIA e NSA.

Segundo pesquisa Gallup, 34% dos americanos declaram não ter nenhuma e outros 29% declaram ter não muita confiança na imprensa. A cisão segundo a preferência partidária é a maior da história: 68% dos eleitores democratas e apenas 11% dos republicanos declaram confiar na imprensa.

Seriam os eleitores republicanos mais propensos a acreditar em fake news? Fica difícil defender essa tese à luz do Russiagate, uma imensa fábrica de fake news estimulada pela grande imprensa, lideranças do Partido Democrata e aparatos de inteligência do Estado. ←

O "hoax" das "armas de destruição em massa do Iraque", no qual a imprensa americana embarcou com entusiasmo, contribuiu para matar mais gente, mas em dano à credibilidade do jornalismo, o Russiagate não tem paralelo

Magoou

Não gostaria de ser infectado por uma doença cujo nome não sei pronunciar

Ricardo Araújo Pereira

Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Eu estava a ver, no YouTube, um vídeo de reação a um vídeo de reação a um vídeo em que um gato tomava banho. O gato tolerava a água com paciência, mas ia emitindo um miado que soava à palavra portuguesa "magoou".

No vídeo de reação, duas pessoas maravilhavam-se com o fato de o gato ser capaz de conjugar, no pretérito perfeito, o verbo magoar. No vídeo de reação ao vídeo de reação, uma pessoa, provavelmente leitora de Montaigne, interrogava-se se éramos nós que estávamos a divertir-nos com o gato ou o gato que estava a divertir-se conosco. Na verdade, eu estava a divertir-me com o gato e com as pessoas que estavam a divertir-se com o gato.

Ainda assim, achei que talvez estivesse a perder o meu tempo, uma vez que, na prática, reagia a um vídeo de reação a um vídeo. Por isso resolvi pensar mais um pouco na questão a que tenho dedicado o meu tempo: diz-se ômicron, acentuando claramente o primeiro "o", tornando a palavra esdrúxula e articulando claramente o "n" final, ou omicron, rimando com marrom?

Parece que esta variante é muito mais contagiosa e eu não gostaria de ser infectado por uma doença cujo nome não sei pronunciar. Doente, sim; analfabeto, preferia evitar.

Ao que parece, a Organização Mundial de Saúde saltou algumas letras, para evitar embaraços. De acordo com o alfabeto grego, esta devia ser a variante nu, mas os ingleses pronunciariam "new", e pensariam que estão infectados por uma doença nova quando, tecnicamente, é a mesma.

A letra seguinte seria xi, mas os chineses poderiam melindrar-se com o fato de estarmos a dar o nome do seu presidente a uma doença.

Donde, ômicron. Sucede que eu tenho uma tia chamada Maria do Ômicron. Por acaso não tenho. Mas poderia ter. E a OMS não se preocupou em saber com antecedência se eu teria. Há filhos e enteados, nisto dos melindres.

Além disso, segundo dizem, esta variante é bem menos agressiva do que as outras. O Ministério da Saúde de Israel já pondera a contaminação em massa como estratégia para proteger a população.

Se se confirmar, esta variante pode salvar-nos. Talvez Xi Jinping gostasse de ter o seu nome associado à variante benigna. Agora, porém, é tarde. O presidente chinês pode ficar melindrado de novo. Ou, como diria aquele sábio gato: magoou.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Ficção científica sul-coreana tem elenco conhecido dos brasileiros

O Mar da Tranquilidade

Netflix, 16 anos

Num futuro próximo, a Terra está virando um deserto e precisa desesperadamente de água. Uma missão espacial é enviada à Lua em busca de uma amostra misteriosa deixada em uma estação de pesquisa agora abandonada. Mas o que os astronautas encontrarão é assustador. Choi Hang-Yong dirige esta série sul-coreana, adaptada de seu curta homônimo. O elenco traz caras conhecidas como Doona Bae, de "Sense8", e Gong Yoo, de "Round 6".

Homem-Aranha: Longe de Casa

Record, 13h, 10 anos

O segundo longa do herói aracnídeo protagonizado por Tom Holland traz o personagem lidando com a perda de alguém importante em sua vida. Inédito na TV aberta.

Maratona 'Se Beber, Não Case'

Warner Channel, a partir de 14h35, 14 anos

O canal exibe os três filmes da franquia cômica estrelada por Bradley Cooper, Ed Helms e Zach Galifianakis. A primeira parte vai ao ar às 14h35, seguida pela segunda às 16h25 e pela terceira às 18h15.

Ursinhos sem Curso

Cartoon Network, 18h, livre

Derivada de "Ursos sem Curso", esta nova série animada traz as aventuras de Pardo, Panda e Polar quando filhotes. Depois da estreia, o canal exibe um episódio inédito por dia, de 3 a 6 de janeiro, às 19h.

Domingão com Huck

Globo, 17h15, livre

Pela primeira vez, Luciano Huck comanda um dos quadros mais tradicionais do antigo "Domingão do Faustão": "Melhores do Ano", que premia os destaques da programação da Globo. Paulo Gustavo será homenageado.

GloboNews Especial

GloboNews, 19h30, livre

Marcelo Lins e Guga Chacra entrevistam Ian Bremmer, CEO da consultoria Eurasia, sobre as perspectivas do cenário internacional para 2022.

O Último Vermeer

HBO, 22h, 14 anos

Logo após a 2ª Guerra Mundial, uma tela de Vermeer é encontrada entre os pertences do líder nazista Hermann Göring. Mas será que é verdadeira ou falsificada? Com Claes Bang e Guy Pearce.

QUADRÃO | Ricardo Coimbra

CULTURE WAR

O CONFLITO ONDE A PRIMEIRA BAIXA É O BOM GOSTO

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

Sob Frias, cresce concentração na Rouanet, e agora governo quer teto reduzido em 50%

Eduardo Moura

BELO HORIZONTE O secretário de Fomento e Incentivo Cultural da Secretaria Especial da Cultura, o policial militar André Porciuncula, afirmou na manhã deste sábado (1º) que planeja reduzir o teto de captação da Lei Rouanet.

"Tenho conversado com o Mario Frias, creio que seja o momento de uma redução de 50% no teto da Rouanet. Isso permitirá uma descentralização ainda maior dos recursos e beneficiará ainda mais os pequenos artistas. Em 2022 vamos ampliar o acesso desses pequenos agentes culturais", publicou o PM olavista.

Os dados oficiais já computados, porém, indicam uma concentração de recursos. De acordo com dados disponíveis na plataforma Salic, o Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura, acessados neste primeiro dia do ano, houve aumento de captação entre 2020 e 2021 —foram cerca de R$ 1,5 bilhão captados no primeiro ano da pandemia, número que pulou para R$ 1,9 bilhão no ano passado.

Já o número total de projetos contemplados pela Lei Rouanet diminuiu —foram 3.244 em 2020 e 3.230 em 2021. Ou seja, mais dinheiro foi gasto num menor número de projetos da lei de incentivo.

Cada projeto aprovado na Rouanet captou em 2021, em média simples, R$ 588 mil. Já em 2020, a captação média havia sido de R$ 462 mil.

A concentração geográfica da Rouanet sob Frias permaneceu praticamente estável. A região Sudeste concentrou 77,76% do dinheiro captado em 2020. Em 2021, 78,65% ficou concentrado em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Já a região Norte teve 1,18% dos recursos em 2020 e 0,79% em 2021.

O valor, porém, ainda é menor do que a concentração em 2016, quando o Sudeste obteve 80,48% da Rouanet.

A Comissão Nacional de Incentivo à Cultura, a Cnic, responsável por avaliar projetos para a obtenção de incentivo fiscal via Lei Rouanet, está inativa desde abril do ano passado, pelo menos. O governo Bolsonaro protelou tanto a abertura de novo edital para selecionar a nova composição da Cnic que o comitê só deve voltar no ano que vem.

Em outubro, foi dispensado pelo governo Bolsonaro um grupo de 174 pareceristas responsáveis pelas análises preliminares dos projetos culturais que buscam captuar recursos via Lei Rouanet.

A vontade contra o desejo

Desejo oprime e emancipa em 'Ataque dos Cães'

Bernardo Carvalho
Romancista, autor de "Nove Noites" e "O Último Gozo do Mundo".

A ação de "Ataque dos Cães", de Jane Campion, acontece em 1925, no estado de Montana, noroeste dos Estados Unidos, mas o "teorema" apresentado pelo filme tem a ver com os nossos dias. É o confronto entre duas representações do desejo, duas maneiras opostas de compreender e lidar com o desejo, encarnadas por dois dos protagonistas masculinos.

Por um lado, o desejo é contradição, parte involuntária da vontade, paixão, demônio interior (que era como ele vinha sendo tratado no mundo judaico-cristão, de Agostinho a Freud); por outro, ele se converte em instrumento de poder ou, inversamente, de justiça (ou justiçamento) e emancipação. Nesse sentido, desejo se confunde com vontade.

O desejo, antes incontrolável, constitutivo do inconsciente, fonte de perturbação, transgressor da ordem, das normas e das aparências, a revelar as contradições do sujeito, das identidades e da sociedade, agora pode ser controlado, manipulado, passa a servir à consciência pragmática, à ação social e política. É mecanismo de opressão, mas também instrumento de emancipação.

A inteligência do filme (e aqui vem o spoiler) está em inverter a relação de forças entre essas duas concepções, entre a violência aparentemente ativa do algoz e a fragilidade aparentemente passiva da vítima.

O vaqueiro adulto, proprietário de terras com formação acadêmica, homem intratável e implacável, representa a contradição do possesso, debatendo-se contra um rebelde interior que ele não controla e que ameaça as normas sociais nas quais ele está inserido.

O desejo transbordante precisa ser contido, mantido oculto do convívio social. Quanto mais transbordante, maior a contradição dos atos, a violência do esforço para ocultá-lo. É o caso clássico do pastor sexualmente atraído por meninos, que vocifera no púlpito da igreja contra os homossexuais.

Em contrapartida, o adolescente afeminado, filho de uma viúva vulnerável em terra de brutos, representa a força de uma relação pragmática com o lugar da vítima. Não há aí contradição alguma. Aparentemente frágil, ele fará o que for necessário para sobreviver e defender a mãe. Aprendeu a se servir do desejo, controlá-lo e manipulá-lo. O desejo já não está oculto (e o sujeito submetido às paixões), ele é parte de uma estratégia, está confundido com a força da vontade.

É de um desejo assim que fala a professora de filosofia e feminista Amia Srinivasan no recente "O Direito ao Sexo" (Todavia). O desejo, instruído pelo poder, não é mais contradição do sujeito, demônio transgressor de regras e identidades, mas antes veículo reprodutor de preconceitos sociais e relações de opressão e discriminação.

É o desejo como expressão de poder —e, como tal, não só legislável mas passível de

> [...]
>
> **O desejo é autenticidade. É o que subverte a norma, o que põe o mundo burguês de pernas para o ar. É também o que define o vaqueiro atormentado no filme de Jane Campion**

controle, correção e (auto)disciplina, em nome do bem e da justiça.

Se o desejo reproduz a ordem patriarcal, capitalista, branca etc., "educá-lo" seria parte indispensável de uma luta radical pela emancipação social e política de oprimidos e excluídos. Sob o risco, é claro, do paradoxo de reproduzir uma nova ordem pautada pelo regramento moral, à semelhança de um projeto de poder religioso.

Fiz referência a um "teorema" para descrever a ação de "Ataque dos Cães" no início deste texto. Na estreia de "Teorema" na França, em 1969, Pasolini concedeu uma entrevista à televisão francesa em que explicava seu filme como um enigma, uma parábola, demonstração inconclusa por oposição à narrativa épica, heroica. A obra como problema, não como solução.

No filme de Pasolini, um estranho aparece na casa de uma família burguesa e instala a crise. É um elemento desestruturante e transgressor, que o cineasta associa a Deus ou ao Diabo: "Ou seja, à autenticidade".

O desejo é autenticidade. É o que subverte a norma, o que põe o mundo burguês de pernas para o ar. É também o que define o vaqueiro atormentado no filme de Jane Campion. O desejo é sua verdade (oculta, secreta, transtornada), mas já não é a verdade do adolescente em sua aparência frágil e afeminada. Há aí uma inversão. A vontade toma o lugar do desejo, como plano de sobrevivência e vingança.

Já não há nem enigma nem mistério, nem o páthos que poderia fazer do filme um faroeste edipiano. O desejo se rendeu à consciência instrumental, pragmática, épica.

Já não é da ordem das paixões, elemento traiçoeiro, transgressor. Foi substituído pelo ímpeto justiceiro, que vem restabelecer a norma, fazer um acerto de contas com o mundo de seres contraditórios e trágicos que até outro dia ainda acreditávamos ser.

DOM. Bernardo Carvalho, Itamar Vieira Junior, Marilene Felinto, Hermano Vianna

NOSSO ESTRANHO AMOR | Pedro Mairal

folha.com/nossoestranhoamor

Três dias de hotel

O que aconteceu com Miguel Barão, que agora se encontra em posição fetal no hotel NH de Lisboa? Se chegou faz três dias, todo contente, disposto a tudo, à frente de seu futuro, como uma figura de proa de si mesmo, por que ficou aniquilado, escondido do mundo, com as cortinas fechadas em pleno dia de sol? Marisa Borges, foi isso que aconteceu.

Ele foi convidado pela editora que publica sua obra em Portugal para apresentar o novo livro e dar conferência no museu Gulbenkian. Na mesma noite em que chegou ao hotel, recebeu mensagem de Marisa Borges dizendo que iria buscá-lo no dia seguinte. Deu um google nela. Havia várias mulheres com esse nome, mas somando-se ao nome da editora, achou que a tinha identificado em uma foto. Era bonita. Foi dormir com essa vaga esperança erótica de quarentão casado.

Ele a viu chegar em um carrinho esportivo, conversível. Era um Porsche Spyder antigo. Miguel Barão ficou mudo. Marisa não era muito simpática, usava uma jaqueta de couro e tinha os cabelos presos em um rabo de cavalo mal amarrado. Ele não entendia uma só palavra do que ela dizia. Falava um português muito fechado, indecifrável por trás do ruído do motor, do vento e da rua. Ele pareceu entender que iam a Sintra, que ela era a responsável por ciceroneá-lo. Miguel a observava dirigir, pôr as marchas, pegar as curvas fechadas. Algo nela o deixou fascinado e atemorizado ao mesmo tempo. O diálogo se apagou porque ficou cansativo não se entender. Ela lhe apontava coisas, dizia algo e ele assentia.

Ele chegou a Sintra enjoado. O palácio lhe pareceu horrível, tosco, como uma Disney alemã levada a sério. Eles o percorreram rapidamente, por ser um compromisso mútuo, e em seguida entraram no carro. Marisa tirou a jaqueta. Tinha, debaixo dela, uma regata verde. Quando pegava a alavanca do câmbio, dava para ver os pelos de sua axila. Ela notou a curiosidade dele e fingiu que ajustava o espelho retrovisor para mostrá-los melhor. O ar se movimentava e então chegava a Miguel o cheiro dela, um cheiro forte de transpiração que arrematou seu silêncio. Estava tão acostumado a viver rodeado de mulheres depiladas, que aquela axila natural o fez sentir como se tivesse visto algo íntimo, algo sexual, o púbis escuro dela.

Passou a tarde inteira no hotel sonhando acordado com Marisa. Imaginou que afundava o nariz em sua axila, ela nua na cama. Abriu o laptop, procurou a categoria hairy em uma página pornô. Teve que fechar tudo e tomar banho. Tentou dormir para acertar o jet lag, mas não conseguiu.

À noite se encontraram em um restaurante no antigo porto. Marisa já estava ali com Sonia, a editora, de uns 35 anos, que o recebeu com a reluzente edição de seu romance. Era um restaurante meio escuro, com poltronas baixas, onde depois se apresentou uma banda de jazz. O barulho fez com que o diálogo se rompesse e ficaram Marisa e a editora falando entre si, dividindo segredos e alguma risada. Miguel se sentiu cansado de repente e começou a bocejar. Marisa disse "Quer ir ao hotel?", e ele aceitou, sem entender se havia algo de erótico na proposta. Despediu-se da editora, que ficou ali sentada.

Marisa o levou ao hotel a toda velocidade, sem dizer palavra. Deram a volta na Praça do Comércio fazendo os pneus cantarem. Miguel se segurou forte na maçaneta da porta e entendeu a pressa dela. Sonia a esperava no restaurante. Em poucos minutos o Porsche cravou os freios na frente do hotel, Miguel desceu. Faltou pouco para que ela lhe desse um chutinho para fazê-lo descer do carro. Marisa Borges acelerou sem se despedir e se perdeu na noite. Miguel Barão só voltou a sair do hotel para apresentar o livro e dar a conferência.

IMAGEM DA SEMANA

Sob forte ventania, homem observa o mar agitado e se prepara para saltar para tradicional prova aquática do primeiro dia do ano em Galway, na costa oeste da Irlanda Clodagh Kilcoyne/Reuters

FRASES DA SEMANA

JANEIRO
Donald Trump
Ex-presidente dos EUA se recusou a reconhecer a própria derrota e vendeu a narrativa de fraude eleitoral em 2020 para justificar a invasão do Capitólio, em Washington, por seus apoiadores

"Isso é o que acontece quando uma vitória sagrada nas eleições é arrancada de forma violenta e sem cerimônias de grandes patriotas"

FEVEREIRO
Neguinho da Beija-Flor
Carnavalesco lamenta o cancelamento dos festejos por piora da pandemia de Covid-19

"É muita gente [que morreu de Covid-19], por isso eu estou de pleno acordo que não tenha Carnaval, porque seria desfilar em cima de cadáveres"

MARÇO
Jair Bolsonaro
Presidente continua a minimizar a pandemia de Covid-19 apesar de forte aumento de casos e mortos. Na ocasião, o país registrava dia com 1.840 mortes pela doença

"Nós temos que enfrentar nossos problemas, chega de frescura e mimimi. Vão ficar chorando até quando?"

ABRIL
Greta Thunberg
Ativista pela preservação ambiental criticou o presidente em conferência da OMS (Organização Mundial da Saúde)

"Posso dizer com segurança que ele falhou em assumir a responsabilidade que é necessária para preservar as condições de vida presentes e futuras para a humanidade"

MAIO
Eduardo Pazuello
Terceiro ministro da Saúde a cair desde o início da pandemia passeia sem máscara em shopping de Manaus, palco de tragédias como falta de oxigênio meses antes

"Pois é, estou sem [máscara]. Onde compra isso?"

JUNHO
Luana Araújo
Médica infectologista cuja nomeação como secretária na Saúde não foi efetivada fala contra o uso de hidroxicloroquina na CPI da Covid

"É como se a gente estivesse escolhendo de qual borda da Terra plana a gente vai pular"

JULHO
Eduardo Leite
Governador do RS concorreu nas prévias presidenciais do PSDB em dezembro, mas perdeu para o governador João Doria

"Eu sou gay. E sou um governador gay, e não um gay governador tanto quando Obama nos EUA não foi um negro presidente, foi um presidente negro"

AGOSTO
Waheedullah Hashimi
Um dos líderes do Talibã comenta como será a retomada do poder pelo grupo no Afeganistão após retirada das tropas norte-americanas

"Não vai haver sistema democrático, pois isso não tem qualquer base no nosso país. Não vamos discutir que tipo de sistema político implementar no Afeganistão porque está claro: é a lei da charia e só"

SETEMBRO
Jair Bolsonaro
Em ato antidemocrático no 7 de Setembro, o presidente discursou a apoiadores e criou mais tensão entre os Poderes

"Qualquer decisão do senhor [ministro do STF] Alexandre de Moraes, este presidente não mais cumprirá"

OUTUBRO
Bruna Morato
Advogada que representa médicos da Prevent Senior prestou depoimento à CPI da Covid e relatou orientações da empresa de saúde para redução de oxigênio de pacientes internados há muitos dias

"Esses pacientes, segundo informações dos médicos, evoluíam para óbito na própria UTI, então você tinha uma liberação de leitos. A expressão que eu ouvi ser muitas utilizada é: óbito também é alta"

NOVEMBRO
Maraisa
A cantora fez uma carta aberta à colega do projeto "Patroas", Marília Mendonça, morta em acidente aéreo

"Mas eu focava apenas na sua vontade, no seu desejo de que desse tudo certo e, logo concluí: 'Não acabou... Juntas até o infinito!'.

DEZEMBRO
André Mendonça
Novo ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) celebra aprovação da indicação do presidente Jair Bolsonaro, que prometeu "um ministro terrivelmente evangélico"

"É um passo para um homem, um salto para os evangélicos"

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. O Héctor cineasta de "Meu Amigo Hindu" **2.** Fazer tremer / (Quím.) O símbolo do cobre **3.** Guarnecer com folhas delgadas **4.** Membros pares nas aves / Série completa de cartas de jogar **5.** O dobro de DI, nos números romanos / Privar do sentido da vista **6.** Aquele que toma apontamentos **7.** Do país africano de Cartum **8.** Enterrar **9.** O escritor uruguaio Eduardo, de "Vagamundo" **10.** Importante cidade do litoral de SC / O que transforma atado em ativado **11.** A dor pela morte de pessoa querida / Glândula situada no tórax, que involui a partir da puberdade **12.** Que foi ou se foi / Objetivos **13.** Pessoa muito semelhante a outra / Molde em que se faz o queijo.

VERTICAIS
1. País cuja capital é Nassau / Produto de secreção das células hepáticas **2.** As duas primeiras letras / (Anat.) Cavidade, canal interno que contém ou por onde passa algo / (Vale-) Violenta modalidade de luta **3.** (Pop.) Rolo, confusão **4.** O feminino da terceira pessoa do plural / Indivíduo de um povo amazônico já extinto **5.** Abreviatura (em português) da Namíbia / Tubo de diversos instrumentos cirúrgicos / O contrário de boa em quase todas as acepções **6.** Um ingrediente do musse **7.** Crustáceo marinho de carne apreciada / Pedra, rochedo, em tupi-guarani **8.** Capturar animais / Dar vida e dinamismo a **9.** Qualidade de impetuoso / Que ribomba feito trovão.

HORIZONTAIS: 1. Babenco, **2.** Abalar, Cu, **3.** Laminar, **4.** Asas, Maço, **5.** Mil, Cegar, **6.** Anotador, **7.** Sudanês, **8.** Sepultar, **9.** Galeano, **10.** Itajaí, Iv, **11.** Luto, Timo, **12.** Ido, Metas, **13.** Sósia, Aro. **VERTICAIS: 1.** Bahamas, Bílis, **2.** AB, Sinus, Tudo, **3.** Balaio-de-gatos, **4.** Elas, Tapajó, **5.** Nam, Cânula, Má, **6.** Creme de leite, **7.** Lagosta, Ita, **8.** Caçar, Animar, **9.** Furor, Trovoso.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

1					2			
			6	4		1		2
	3					4		
			8			5	7	
7								6
	9	5			1			
		8					6	
4		7		8	6			
			3					1

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

ACERVO FOLHA

Há 50 anos **2.jan.1972**

Ator e cantor francês Maurice Chevalier morre aos 83 em Paris

O ator, cantor e compositor francês Maurice Chevalier, que enfrentava problemas renais, morreu neste sábado (1º) aos 83 anos, em Paris.

Ele ingressou muito jovem na vida artística, primeiro nos espetáculos de café-concerto e depois no "music hall" ou teatro de variedade.

Em 1921, subiu ao palco do Casino Paris vestindo um smoking e usando um chapéu de palheta, o que veio a marcar o seu estilo.

Chevalier trabalhou em filmes rodados nos Estados Unidos, na França e no Reino Unido. Seu êxito nos dois lados do Atlântico foi imenso. Era considerado como um embaixador extraoficial da França.

FOLHA DE S. PAULO

Um Recorde Macabro nas Estradas

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Repórter do New York Times Thomas Gibbons-Neff (à esq., de chapéu vermelho) conversa com afegãos em sua volta a Marjah, no Afeganistão Jim Huylebroek/The New York Times

Fuzileiro dos EUA e membro do Talibã se reúdem após 11 anos

Batalha ocorreu em 2010, quando grupo fundamentalista islâmico mais uma vez se tornava força militar poderosa

MUNDO

Thomas Gibbons Neff

MARJAH (AFEGANISTÃO) | THE NEW YORK TIMES O chá estava quente. A sala, opressiva e empoeirada. E o comandante talibã à frente do qual eu estava sentado, num prédio marcado por tiros no sul do Afeganistão, tinha tentado me matar há pouco mais de dez anos.

Assim como eu também havia tentado matá-lo.

Nós dois nos lembrávamos bem daquela manhã: 13 de fevereiro de 2010, no distrito de Marjah, província de Helmand, no Afeganistão.

Tínhamos quase a mesma idade: 22. Fazia muito frio.

O mulá Abdul Rahim Gulab fazia parte de um grupo de combatentes talibãs que tentavam defender o bairro dos milhares de soldados americanos, da coalizão e do Afeganistão enviados para tomar o que na época era um importante enclave talibã. Ele não sabia disso quando nos encontramos recentemente, mas eu era um cabo numa companhia de fuzileiros navais que seus combatentes atacaram naquela manhã de inverno tantos anos atrás.

Com a vitória dos insurgentes naquela guerra de 20 anos, alcançada neste verão, Gulab, hoje um comandante de alta patente, estava sentado comigo na sede do governo de Marjah, um prédio confuso que os americanos reformaram anos atrás. Eu era seu convidado, juntamente com dois colegas meus do The New York Times. Eu lhe disse que a luta por Marjah tinha sido importante aos olhos dos Estados Unidos, mas que a maioria das pessoas só tinha escutado uma versão da história da batalha. Não a perspectiva do Talibã.

Era 2010, e o Talibã estava mais uma vez se tornando uma força militar poderosa, ameaçando quase todas as partes do Afeganistão. Em Marjah, os rebeldes estavam cobrando impostos dos moradores, administrando uma justiça cruel e sumária e obtendo uma receita significativa da colheita de papoula.

A Operação Moshtarak, como os EUA chamaram a missão de 2010 para tomar o distrito, foi a primeira batalha planejada da tropa de contrainsurgência do presidente Barack Obama, que falhou.

Onze anos depois, Gulab e eu ainda nos lembramos do chamado à oração naquela manhã de fevereiro na aldeia de Koru Chareh, um povoado no meio de campos de papoula quase inundados, não longe do centro de Marjah. As árvores ao redor, desfolhadas, pareciam mãos de mortos estendidas.

"O céu sobre Marjah estava cheio de helicópteros, que despejaram soldados americanos em diversas áreas", afirmou Gulab.

Eu tinha acabado de me deslocar com minha equipe de mais sete fuzileiros para uma pequena casa de tijolos de barro, tendo pousado com mais de 250 soldados algumas horas antes. Quando o sol raiou, Gulab reuniu seu bando de combatentes talibãs de uma aldeia próxima.

Pouco depois, o mulá, em voz alta e irritada, foi ao alto-falante da mesquita. Gulab e seus combatentes talibãs rezaram.

Então começou o tiroteio.

"Foi uma luta muito dura", recordou Gulab.

Ele não estava errado. No fim do dia, um engenheiro dos fuzileiros estava morto e vários outros, feridos. Os insurgentes sofreram suas baixas.

Com o fim da guerra, em agosto passado, os locais onde lutei podem ser visitados novamente —trechos de terreno onde meus amigos morreram e eu vi os fracassos militares de meu país se desdobrarem. Hoje, como jornalista do The New York Times, eu quis voltar para reportar sobre o que mudou —e o que não mudou— nesses antigos campos de batalha.

Em novembro, minha viagem de volta ao distrito, hoje controlado pelo Talibã, foi muito fácil. As estradas estavam movimentadas com motos e caminhonetes carregadas de algodão. O pavimento estava marcado por crateras das bombas que os insurgentes haviam plantado por baixo. Postos militares e policiais abandonados marcavam a estrada, como Stonehenges esporádicos.

Marjah estava como eu me lembrava, mas as coisas tinham mudado. Havia uma estrada asfaltada. Os canais estavam secos.

E a guerra tinha terminado.

A colheita de algodão do outono estava em curso, o som dos motores de tratores e as conversas dos catadores era audível na ausência do ruído de fundo dos tiros, embora uma seca dura esteja ameaçando a vida financeira de muitos agricultores. A recessão econômica do país afetou a todos.

> **Onze anos depois, Gulab e eu ainda nos lembramos do chamado à oração naquela manhã de fevereiro na aldeia de Koru Chareh, um povoado no meio de campos de papoula quase inundados**
>
> **Thomas Gibbons Neff**
> fuzileiro e jornalista

O prédio de dois andares que antes ocupávamos como centro de comando, onde meus amigos Matt Tooker e Matt Bostrom foram alvo de tiros naquele dia em fevereiro, agora é uma maternidade.

Nesta viagem de volta a Marjah, os homens não tiveram permissão para entrar. Mas através da porta rachada vi os degraus onde meus amigos feridos ficaram sentados, com bandagens, analgésicos e sorrindo antes que o helicóptero de evacuação chegasse.

Mais ou menos na mesma época em que um atirador talibã disparou uma rajada em meus colegas, Gulab perdeu um de seus homens —como se o pêndulo da violência que ocorreu naquele dia estivesse tentando se equilibrar.

Gulab entrou para o Talibã em 2005, um ano antes de eu me alistar nos fuzileiros navais. Ele havia perdido dois irmãos na luta, ambos talibãs.

Eu cresci no subúrbio de Connecticut. Gulab cresceu numa parte montanhosa e isolada da província de Helmand.

"Quando eu era criança, ia à madraça, e nosso mulá nos dizia: 'Os estrangeiros querem ocupar nosso país, e vocês devem se preparar para vencê-los'", explicou Gulab. "Eu queria entrar para os mujahidin."

Quando cheguei a Marjah, Gulab era um combatente tarimbado que tinha sobrevivido a ataques aéreos dos EUA quando o fluxo constante de tropas americanas e da Otan invadiu o sul do Afeganistão. Ele era encarregado de cerca de 60 combatentes e entendia como navegar as regras de engajamento que impediam que soldados estrangeiros matassem talibãs desarmados que jogassem suas armas na vala mais próxima.

Gulab disse que seus homens usavam crianças para avistar patrulhas e chamar os homens assim que os americanos deixassem seus postos. Ele mencionou isso como um detalhe, mas uma década atrás, quando começamos a saber que meninos de 8 anos estavam pondo em risco a vida de nossos amigos, nos perguntamos —e discutimos— até onde estávamos dispostos a ir para garantir que nenhum de nós morresse numa guerra que já sabíamos que estava perdida.

Enquanto Gulab narrava suas lembranças de todos os meios como seus amigos mataram meus amigos, e vice-versa, eu olhava para o rifle dele junto do meu braço direito. Ele o havia apoiado numa cadeira ao meu lado antes de eu me sentar. Era uma carabina americana M4, parecida com a que eu usava em 2010.

Por um breve momento, estive num tempo intermediário, entre o início e o fim da minha guerra.

O rifle era um instrumento conhecido, que já fora uma extensão de mim mesmo, sempre ao alcance da mão. Mas agora que não era mais necessário era pouco mais que uma massa de plástico e aço, e não interferia em como eu interagia com Marjah e Gulab. Ele não era mais um inimigo, mas um homem sentado no chão, pensando em sua próxima frase. Ele não estava lutando numa guerra que parecia não ter fim. Nem eu.

Ele tinha vencido sua guerra. Eu perdi a minha.

Voltei para casa do Afeganistão em julho de 2010. Cinco anos depois, o distrito de Marjah caiu sob o Talibã, exceto por alguns postos avançados. Então neste verão, aproximadamente duas semanas antes da queda de Cabul, o Talibã o dominou completamente.

"Estou muito feliz porque os estrangeiros deixaram o país e tudo terminou", disse Gulab. "Nós não precisamos matá-los, e eles não estão matando meus amigos."

Durante a entrevista, eu quis dizer a ele que tinha sido um fuzileiro. Que eu havia estado em Marjah em 13 de fevereiro de 2010 e tinha lutado contra ele. Quis dizer que sentia muito por tudo isso: as mortes desnecessárias, as perdas. Seus amigos. Meus amigos.

Mas não disse nada. Levantei-me, apertei a mão dele, sorri.

E fui embora de Marjah.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

> **Estou muito feliz porque os estrangeiros deixaram o país e tudo terminou. Nós não precisamos matá-los, e eles não estão matando meus amigos**
>
> **Abdul Rahim Gulab**
> membro do talibã

Exercício físico pode afetar consumo de álcool

Estudo com 40 mil americanos concluiu que homens e mulheres ativos são duas vezes mais propensos a ingerir bebidas

SAÚDE

Gretchen Reynolds

THE NEW YORK TIMES As pessoas que praticam exercícios regularmente e têm boa capacidade aeróbica tendem a consumir uma quantidade surpreendente de bebida alcoólica, segundo um novo estudo (bem adequado ao fim de ano) sobre a interação entre condicionamento físico, exercício e ingestão de álcool.

O estudo, que envolveu mais de 40 mil americanos adultos, concluiu que homens e mulheres ativos e fisicamente preparados são duas vezes mais propensos a consumir bebidas, moderada ou intensamente, que as pessoas fora de forma. Os resultados se somam a crescentes evidências de estudos anteriores —e muitas de nossas contas de bar— de que exercícios físicos e álcool frequentemente andam juntos, com implicações para os efeitos de cada um sobre a saúde.

Homem corre no parque Ibirapuera, na zona sul de São Paulo Danilo Verpa - 03.dez.20/Folhapress

Muitas pessoas, e alguns pesquisadores, poderão se surpreender ao saber o quanto as pessoas fisicamente ativas tendem a beber. Em geral, as pessoas que adotam um hábito saudável, como se exercitar, tendem a praticar outros hábitos salubres, fenômeno conhecido como agrupamento de hábitos. Pessoas ativas e fisicamente condicionadas raramente fumam, por exemplo, e em geral fazem dietas saudáveis. Assim, pode parecer lógico que as pessoas que se exercitam com frequência consumam álcool raramente.

Mas diversos estudos nos últimos anos descobriram ligações estreitas entre exercícios e drinques. Em um dos mais antigos, de 2002, os pesquisadores usaram respostas de pesquisas de homens e mulheres americanos para concluir que os bebedores moderados, definidos nesse estudo como as pessoas que tomavam uma bebida por dia, tinham duas vezes maior probabilidade de se exercitar regularmente do que as pessoas que não bebiam.

Estudos posteriores descobriram padrões semelhantes entre atletas de faculdade, que bebiam substancialmente mais que outros estudantes, uma população que não é famosa pelo comedimento.

Em outro estudo revelador, de 2015, 150 adultos mantiveram diários online sobre quando e quanto se exercitavam e consumiam álcool durante três semanas. Os resultados mostraram que nos dias em que eles mais se exercitavam depois também tendiam a beber mais.

Mas esses e outros estudos anteriores, embora ligassem consistentemente mais atividade física com mais bebida, tendiam a ser menores ou centrados nos jovens, ou usavam relatos um tanto casuais do que as pessoas contavam aos pesquisadores sobre seus exercícios e ingestão alcoólica, o que pode ser notoriamente não muito confiável.

Assim, para o novo estudo, intitulado "Fit and Tipsy?" (Condicionado e cambaleante?, em tradução livre) e publicado recentemente na revista Medicine & Science in Sports & Exercise, pesquisadores do Cooper Institute, em Dallas, e de outras instituições recorreram a dados mais objetivos sobre dezenas de milhares de americanos adultos. Todos faziam parte do grande e extenso Estudo Longitudinal do Cooper Center, que examina a saúde cardiovascular e suas relações com vários fatores comportamentais e outras condições médicas.

Os participantes do estudo visitaram a Clínica Cooper no Texas para exames anuais e, como parte desses exames, fizeram testes de esteira rolante de sua capacidade aeróbica. Eles também preencheram extensos questionários sobre seus hábitos de exercícios e de bebida, e sobre se preocuparem com seu consumo de álcool.

Os pesquisadores obtiveram registros de 38.653 participantes maiores de idade que relataram beber pelo menos uma vez por semana. Os autores deixaram os abstêmios fora do estudo, porque queriam comparar pessoas que bebiam muito ou pouco.

Assim como em estudos anteriores, quanto maior o condicionamento físico das pessoas mais elas tendiam a beber.

As mulheres mais condicionadas eram aproximadamente duas vezes mais propensas a beber moderadamente que as mulheres com baixa capacidade aeróbica. O consumo moderado de bebida significava que as mulheres bebiam entre quatro e sete copos de cerveja, vinho ou destilados em uma semana típica.

Os homens mais condicionados tinham mais que o dobro de probabilidade de ser bebedores moderados —até 14 bebidas por semana— do que os homens que faziam menos exercício. Os pesquisadores consideraram os hábitos de exercícios relatados pelas pessoas e os adaptaram por idade e outros fatores que poderiam influenciar os resultados, e as probabilidades continuaram consistentemente maiores.

Os homens e algumas mulheres condicionados também tinham uma probabilidade ligeiramente maior de beber muito —definido como oito ou mais bebidas fortes por semana para mulheres e 15 ou mais para homens— do que seus pares menos condicionados fisicamente. De modo interessante, as mulheres condicionadas que bebiam muito com frequência relatavam preocupações sobre seu nível de consumo alcoólico, enquanto os homens condicionados nessa categoria raramente o faziam.

O que esses resultados podem significar para as pessoas que se exercitam regularmente para tentar manter a forma física?

Embora elas mostrem claramente que o condicionamento físico e um maior consumo de bebida andem juntos, "a maioria das pessoas provavelmente não associa a atividade física e o consumo de álcool como comportamentos relacionados", disse Kerem Shuval, diretor executivo de epidemiologia no Cooper Institute, que liderou o novo estudo. Assim, as pessoas que se exercitam devem estar cientes de seu consumo alcoólico, disse ele, até mesmo registrando com que frequência bebem a cada semana.

> A maioria das pessoas provavelmente não associa a atividade física e o consumo de álcool como comportamentos relacionados
>
> **Kerem Shuval**
> diretor executivo de epidemiologia no Cooper Institute

Médicos e cientistas não podem dizer com certeza quantos drinques podem ser demais para nossa saúde e bem-estar, e o total provavelmente difere para cada pessoa. Mas fale com seu médico se seu hábito de bebida é um motivo de preocupação para você (ou preocupa seu marido, sua mulher, amigos ou parceiros de treino)

É claro que esse estudo tem limites. Ele envolveu principalmente americanos brancos e mostrou apenas uma associação entre condicionamento físico e consumo de álcool, e não que um cause o outro. Ele também não pode nos dizer por que se exercitar pode levar a beber em excesso, ou vice-versa.

"Provavelmente há aspectos sociais", disse Shuval, quando colegas de time e de treino brindam com cervejas ou margaritas depois de uma competição ou sessão de exercícios. Muitos de nós provavelmente também colocam um halo de saúde em torno do exercício, fazendo-nos sentir que a atividade física justifica uma bebida a mais —ou três.

E, de modo intrigante, alguns estudos com animais mostram que o exercício e o álcool iluminam partes do cérebro ligadas ao processo de recompensa, sugerindo que se cada um por si só pode ser prazeroso, fazer os dois pode ser duplamente atraente.

"Precisamos de muito mais pesquisa" sobre os motivos da relação, disse Shuval. Mas por enquanto vale a pena ter em mente, especialmente nesta época festiva do ano, que nossas corridas, pedaladas ou malhações na academia podem influenciar com que frequência e entusiasmo brindamos ao ano novo.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Mulher corre no parque Ibirapuera, na zona sul de São Paulo Eduardo Anizelli - 21.mar.20/Folhapress

O presidente eleito do Chile, Gabriel Boric, acena para apoiadores após fazer um discurso, em Santiago Martin Bernetti - 19 dez 21/AFP

Cartolas confiam em apoio do novo governo do Chile ao Pan

Dirigentes não acreditam em percalços por causa de mudança no comando do país

OPINIÃO

Edgard Alves
Jornalista, participou da cobertura de sete Olimpíadas e de quatro Jogos Pan-Americanos

SÃO PAULO Superada a etapa da eleição presidencial no Chile, vencida pelo candidato da oposição Gabriel Boric, o planejamento e os preparativos para a realização dos Jogos Pan-Americanos de 2023 estão mantidos.

Tanto a Panam Sports (antiga Odepa, Organização Desportiva Pan-Americana) como o Coch (Comitê Olímpico Chileno), responsáveis pela organização do evento, já expressaram confiança no novo governo para honrar a proposta assumida de abrigar a competição poliesportiva, realizada a cada quatro anos com rotatividade da sede.

Como candidatura única, Santiago, a capital chilena, foi apontada oficialmente para receber o Pan em novembro de 2017, em assembleia da Panam Sports realizada em Praga, na República Tcheca. A entidade conta com representações de 41 países das Américas e do Caribe.

A competição está prevista para o período de 20 de outubro a 5 de novembro de 2023, com cerca de 7.000 atletas. Os Jogos Parapan-Americanos ocorrerão a seguir, de 17 a 25 de novembro.

Santiago concorreu também para sede dos Jogos de 2019, mas a candidatura foi superada pela proposta de Lima, capital do Peru. Em duas outras oportunidades –Pans de 1975 e de 1987– a capital chilena havia sido escolhida como sede, porém acabou renunciando por questões políticas e econômicas.

Inicialmente, as eleições presidenciais do Chile tiveram sete concorrentes. O ex-líder estudantil Gabriel Boric, candidato de esquerda que superou o oponente de direita José Antonio Kast no segundo turno, assumirá a presidência do país em março de 2022. Ele ganhou em 11 das 16 regiões do país.

Com apenas 35 anos, Boric se tornará o mais jovem presidente do Chile. Ele é considerado um político de diálogo e adiantou que procurará o entendimento com diferentes setores na busca pelo crescimento com distribuição justa, espaço para as mulheres, atenção ao meio ambiente e vigilância contra corrupção e impunidade.

A jornalista Sylvia Colombo, especialista em América Latina, em texto nesta **Folha**, apontou que, diante da pior recessão em décadas, a economia aparece como a questão mais latente do Chile.

[...]
Como candidatura única, Santiago, a capital chilena, foi apontada oficialmente para receber o Pan em novembro de 2017, em assembleia realizada em Praga

O PIB encolheu 6 pontos percentuais em 2020, devido ao impacto da Covid-19, que também causou a perda de 1 milhão de empregos. O nível de pobreza foi de 8,1% em 2019 para 12,2% em 2021.

Neven Ilic Álvarez, atual presidente da Panam Sports, é chileno. Ele assumiu o posto ao vencer as eleições em abril de 2017, que contaram com a participação do brasileiro Carlos Arthur Nuzman, ex-presidente do COB (Comitê Olímpico do Brasil) e posteriormente afastado das atividades do esporte por ter sido condenado por irregularidades na campanha do Rio de Janeiro para sede das Olimpíadas de 2016.

Nuzman não chegou ao segundo turno. Na disputa final, Ilic levou a melhor sobre José Joaquín Puello, da República Dominicana, por 26 a 25.

Ele substituiu o uruguaio Julio Cesar Maglione, que ocupava a presidência da Panam de maneira interina desde a morte do mexicano Mario Vázquez Raña, em 2015.

Miguel Ángel Mujica, comandante do comitê olímpico do Chile, segundo o site Insidethegames, disse que os candidatos presidenciais prometeram honrar o contrato da cidade-sede firmado com a Panam Sports.

Disputados pela primeira vez em 1951, em Buenos Aires, os Jogos Pan-Americanos foram criados sob orientação da Odepa, entidade fundada em 1948. A competição poliesportiva sempre serviu como forma de interação dos países das Américas.

O Pan representava um momento especial do congraçamento dos países do continente, tendo as emoções esportivas como atração. No início, contou com o incentivo dos Estados Unidos, envolvidos no conturbado período da Guerra Fria, o embate com a então União Soviética e seus aliados.

Nas últimas décadas, o evento deixou de ter a mesma relevância, mas continua sendo uma importante etapa de testes para os Jogos Olímpicos, normalmente disputados no ano seguinte. Simplesmente, são outros tempos.

Covid leva CBF a desistir de realizar Copa América de futsal

ESPORTE

SÃO PAULO A CBF (Confederação Brasileira de Futebol) abriu mão de realizar a Copa América de futsal de 2022 no Brasil. A competição estava programada para o período entre 29 de janeiro e 6 de fevereiro, no Parque Olímpico do Rio de Janeiro.

Em ofício enviado na segunda-feira (27) ao presidente da Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol), Alejandro Domínguez, a entidade brasileira cita o aumento dos casos de Covid-19 e as restrições à circulação de viajantes para justificar o pedido de cancelamento. A solicitação foi revelada pelo portal GE e confirmada pela **Folha**.

A elaboração do documento contou com a participação da Comissão Nacional de Médicos do Futebol (CNMF). O principal impasse seria uma exigência feita pela Conmebol no sentido de que sejam flexibilizadas as regras para a entrada no país de atletas, comissões técnicas, árbitros, integrantes do comitê organizador e demais envolvidos no evento.

De acordo com as normas vigentes, visitantes devem apresentar o comprovante da vacinação contra a Covid-19 ao desembarcar em aeroportos ou ao cruzar as fronteiras terrestres, exceção feita aos impedidos de receber as doses por razões médicas e aos residentes em países comprovadamente desprovidos de imunizantes.

Também é exigido o teste RT-PCR negativo realizado até 72 horas antes ou o teste negativo de antígeno feito nas 24 horas anteriores. Quem é dispensado do passaporte vacinal deve fazer quarentena por até 14 dias.

O pedido da Conmebol não foi bem recebido pela CBF. No ofício, a entidade brasileira menciona "a dificuldade de obter uma exceção até a data indicada" e afirma ser "recomendável" a transferência da competição para outra sede. A confederação sul-americana ainda não se manifestou.

A postura da CBF havia sido bem diferente em maio deste ano, ainda durante a gestão Rogério Caboclo, quando o Brasil se ofereceu para receber a Copa América de futebol após desistências de Argentina e Colômbia, também em função da pandemia. Na época, CBF e Conmebol contaram com o apoio do presidente da República, Jair Bolsonaro, para realizar o evento o país.

“
[É] Recomendável [a transferência da competição para outra sede]
CBF

Jogadores da seleção brasileira de futsal se cumprimentam durante partida contra a República Tcheca Thais Magalhães/CBF

Caboclo foi afastado após denúncias de assédio moral e sexual, e Ednaldo Rodrigues assumiu a presidência da CBF, no fim de agosto.

Impulsionados pela variante ômicron, os números da Covid-19 têm aumentado rapidamente. Dados da plataforma Our World in Data, ligada à Universidade de Oxford (Reino Unido), indicaram na última terça-feira (28) uma média móvel de 854.603 novos casos diários em todo o planeta: um novo recorde na pandemia. No Brasil, a nova cepa já seria responsável por mais de 30% das contaminações, segundo o Instituto Todos pela Saúde.

A escalada também vem causando impactos no mundo do esporte. Autoridades da Espanha, da França e da Alemanha voltaram a restringir a capacidade de público nos eventos esportivos. Clubes como Real Madrid e Barcelona enfrentam surtos entre seus jogadores, e diversos jogos já foram adiados.

A seleção brasileira de futsal conheceu na semana passada os adversários que enfrentaria em seu grupo na Copa América de 2022: Uruguai, Colômbia, Equador e Chile. Ficaram na outra chave Argentina, Paraguai, Venezuela, Bolívia e Peru.

Atual campeão, o Brasil é o maior vencedor da competição, com dez títulos conquistados. A Argentina aparece em um distante segundo lugar, com dois.

Após 'Yellowstone', Taylor Sheridan expande seu império do faroeste

Cineasta lança prequela que conta a história de um rancho retratado na série de sucesso na TV

F5

Noel Murray

THE NEW YORK TIMES Antes que Taylor Sheridan recebesse uma indicação ao Oscar como roteirista de "A Qualquer Custo", um neo-western lançado em 2016, e se tornasse um dos criadores (com John Linson), da série "Yellowstone", sucesso na Paramount Network, ele passou quase 20 anos trabalhando como ator, procurando papéis que pedissem por um caubói moderno. Sheridan cresceu cavalgando e trabalhando com animais na região rural do Texas e, antes de começar a se interessar pelo cinema e televisão, presumia que passaria a vida saltando de rancho a rancho como vaqueiro. Em vez disso, se tornou intérprete de caras durões e policiais implacáveis na TV.

Desde que passou a trabalhar por trás das câmeras, Sheridan vem tentando garantir que os atores coadjuvantes que o acompanham interpretem policiais e bandidos mais complexos do que aqueles que ele mesmo costumava interpretar. Começando por seu primeiro roteiro produzido, "Sicario: Terra de Ninguém", Sheridan vem contando histórias sobre crimes sinuosas, que se passam em jurisdições mal definidas e envolvem homens e mulheres ferozes que lutam para proteger seus legados.

Mesmo o drama "Yellowstone", uma história com algo de novela que fala sobre as brigas de poder em torno de um grande rancho em Montana, lida com as disputas de propriedade entre pecuaristas veteranos, investidores endinheirados que desejam transformar as vastas propriedades rurais em resorts e povos indígenas que lutam para preservar as terras da maneira que um dia foram, antes que os Estados Unidos se expandissem para o oeste.

"Yellowstone" se tornou um sucesso fenomenal na Paramount (no Brasil, ela está disponível na plataforma Paramount+). Em sua quarta temporada, a série registra em média sete milhões de telespectadores por episódio nos dias de estreia nos EUA, superando a maior parte das séries dramáticas das redes de TV abertas. (O número sobe a 11 milhões se forem computados os espectadores da primeira semana de streaming.)

A série não recebe muita atenção da crítica, especialmente se comparada a favoritos das classes falastronas como "Succession", que inspira muita discussão mas atrai apenas uma fração da audiência conquistada por "Yellowstone". Mas seu sucesso levou a ViacomCBS, controladora da Paramount, a desenvolver novas séries criadas por Sheridan, entre as quais "Mayor of Kingstown", um drama sobre crime (criado com Hugh Dillon), que estreou no mês passado no serviço de streaming Paramount+.

Outras produções em preparo incluem "6666", derivada de "Yellowstone"; um drama sobre exploração de petróleo no Texas chamado "Land Man"; e outra série sobre crime, "Kansas City", estrelada por Sylvester Stallone.

O mais recente programa de Sheridan é ainda outra série derivada de "Yellowstone", intitulada "1883", que estreou no último dia 19, nos Estados Unidos, na Paramount+. A história é uma prequela que conta a história do rancho retratado em "Yellowstone". Acompanha James Dutton (Tim McGraw), sua mulher Margaret (Faith Hill) e a filha adulta do casal, Elsa (Isabel May), em sua batalha contra os perigos e desconfortos de uma viagem de caravana do Texas ao seu novo lar em Montana.

Enquanto corria para completar "1883", Sheridan conversou comigo pelo telefone sobre o que está tentando realizar com a série e com sua carreira em geral, que vem sendo dedicada acima de tudo a expandir o conhecimento da audiência sobre caubóis e sobre o oeste dos Estados Unidos. Abaixo, trechos editados da conversa.

*

O cineasta Taylor Sheridan posa para foto em Las Vegas Saee Rahbaran - 11.dez.21/The New York Times

> **"Os pioneiros jamais foram retratados de maneira precisa. Muitos deles vieram da Europa Central, da Europa Oriental, e da Ásia, e contratavam guias para conduzi-los ao oeste. Nunca tinham visto um cavalo**

Por que fazer da primeira série derivada de "Yellowstone" uma história de origem? E por que situá-la em um passado tão distante? Os pioneiros jamais foram retratados de maneira precisa. Muitos deles vieram da Europa Central, da Europa Oriental, e da Ásia, e contratavam guias para conduzi-los ao oeste. Nunca tinham visto um cavalo. Nunca tinham usado uma arma. E não faziam ideia de que as terras a que estavam se dirigindo pertenciam a outro grupo de pessoas.

Mas os indígenas não eram a maior ameaça às caravanas. Se você estudar as principais causas de morte nas trilhas, cair da carroça era a número um, seguida por doenças e bandidos. Ataques de indígenas eram, mais ou menos, a sexta maior ameaça.

As histórias sobre caravanas e sobre o transporte de gado são ingredientes básicos dos westerns. Você tem um western favorito, entre essas histórias de estrada? A série "Lonesome Dove" me influenciou demais. Eu não fazia a menor ideia do que queria fazer. Achei que terminaria trabalhando como caubói em qualquer lugar. Antes disso, eu pensava em ou ir para a universidade ou me alistar no Exército, e não tinha vontade alguma de me alistar no Exército. E aí, dois dias antes de eu partir para a universidade, "Lonesome Dove" estreou. Eu tinha lido o livro, e eles filmaram exatamente como eu imaginava a história. E aí pensei que sabia exatamente o que queria fazer com a minha vida: fazer aquilo.

O que estou contando é minha versão disso? Não intencionalmente, mas é inevitável que seja, um pouco. Embora certamente existam elementos românticos e poéticos na história, estou tentando ao máximo mostrar às pessoas como as coisas eram. Às vezes, tudo era incrivelmente feio, perigoso e difícil.

> **"Não gosto de me limitar. O que me atrai no oeste é o fato de que é uma região esparsa, e foi lá que passei a maior parte da minha vida**

Você ainda convive com caubóis. Eles assistem a muitos westerns? É só o que assistem. [Risos.] Todo caubói que conheço tem uma cópia de "Lonesome Dove" e assistiu à série 700 vezes. Só assistem a filmes de caubóis.

Você começou sua carreira como ator em Hollywood em séries como "Sons of Anarchy" e "Veronica Mars". Alguém nessas séries se tornou um mentor quando você começou a escrever roteiros? Honestamente? Meu mentor foi Cormac McCarthy. Meus mentores foram Larry McMurtry, Toni Morrison, Gabriel García Márquez e John Steinbeck. Todos os escritores que me comoveram.

Nunca fiz uma aula de redação de roteiros em minha vida. A maior parte do trabalho que fiz para a televisão não foi muito boa. Nunca tive um agente chique, e por isso nunca fiz audições para filmes realmente bons. Quando desisti de atuar e comecei a contar minhas histórias, eu tinha guardado a maioria dos roteiros de filmes e séries para os quais fiz testes e nos quais trabalhei, e por isso fiquei quatro dias sentado relendo todos eles. "OK, não tenho ideia de como fazer isso, mas acabo de passar quatro dias recordando como não fazer".

O que você aprendeu com isso? Qual é o seu objetivo com o seu trabalho? Espero que ele seja uma reflexão honesta do mundo e que crie uma sensação de autenticidade. Tento escrever diálogos que em minha opinião sejam críveis quando os personagens os dizem, mas também me esforço para que sejam ligeiramente elevados. Tento fazer com que meus diálogos soem como algo fora do tempo. Quando escrevo um roteiro, o que faço é tentar escrever um livro. E quando filmo um programa de TV, o que faço é tentar fazer um filme.

Você já tentou definir por quanto tempo quer que "Yellowstone" dure, tendo em vista a popularidade da série? Bem, eu sei como a história acaba. Estou escrevendo para chegar a esse fim. Há um limite para o quanto se pode enrolar antes que a história comece a perder sua locomoção. Não há como deixá-la em ponto morto só porque está sendo um sucesso. Vai durar tanto tempo quanto for preciso para eu contar a história, mas não teremos nove temporadas da série. De jeito algum.

Você se vê continuando a fazer mais coisas no mundo dessa série, como "1883"? Não gosto de me limitar. O que me atrai no oeste é o fato de que é uma região esparsa, e foi lá que passei a maior parte da minha vida. Morei em Nova York por algum tempo. Curti o tempo que passei lá, mas só poderia escrever sobre essa experiência da posição de um outsider. Gosto de estar ao ar livre. Gosto de usar a câmera como pincel, e acho que poder ver a vastidão dessa nação é uma experiência rara. Por enquanto, é isso que mais me fascina.

Existem alguns temas comuns em seus roteiros. "Yellowstone" é sobre poderosos proprietários rurais e "A Qualquer Custo" fala de dois caras que mal conseguem sobreviver, mas que ao mesmo tempo são pessoas que vivem com medo de perder parte de seu legado. Por que você gosta de contar sempre essa história? Não sei se esse é um medo unicamente americano ou um medo humano mais amplo: o medo de que a vida esteja acabando. Não passei tempo suficiente em outros países para ter certeza. Mas acho que é um tema muito grande, o medo de perder uma pessoa que você ama ou um lugar que você ama. É algo bastante universal.

Você se surpreende, diante da popularidade de "Yellowstone", por a série não ser alvo de atenção crítica tão grande? Não é costume falar dela nas conversas sobre prêmios televisivos ou nas listas de melhores do ano dos críticos. Oh, eu não me incomodo com isso. [Risos.] Não ligo que os críticos odeiem e não ligo que gostem. Não tenho ressentimentos. Simplesmente não ligo. Não faço a série para eles. Faço-a para pessoas que vivem aquela vida. A audiência se expandiu para além daquelas pessoas porque, como você sabe, muita gente ama westerns.

Acho que um dos motivos para que os críticos não tenham respondido a "Yellowstone" é que estou violando muitas das regras usadas normalmente nas histórias. Eu adianto a trama sem motivo, a não ser pelo fato de que quero fazê-lo e o resultado é divertido. As pessoas que entendem curtem muito, mas as pessoas que tentam considerar a coisa com olho crítico acham péssimo.

Mas é isso que amo em "Yellowstone", a maneira pela qual ela flui do cafona ao melodramático ao intensamente dramático e violento. É uma mistura de todos os velhos westerns, novos westerns e novelas, todos jogados no mesmo liquidificador. E, sim, creio que isso enfureça e desoriente algumas das pessoas que estudam a arte de contar histórias. Elas não conseguem compreender como é que algo assim pode ser sucesso.

Eis o motivo: os atores são muito bons, e a locação é fantástica. E estamos vislumbrando um mundo que ninguém conhece de verdade. Eu crio cenas muito exageradas e me divirto com isso, e os atores também se divertem. Temos atores muito poderosos que têm diálogos com substância para dizer.

É mais complicado fazer westerns hoje em dia, agora que as pessoas prestam mais atenção à representação cultural na mídia? Você com certeza não hesita em contar histórias sobre imigrantes e sobre pessoas de origem indígena. Em última análise, o que é preciso perguntar é que história você está contando, e por que você a está contando. Se você ergue um espelho para o mundo e o reflete com precisão, quem se importa com o que outras pessoas possam pensar? É preciso contar histórias que importam para você. Tenho a liberdade de fazer isso, constitucionalmente, e portanto é o que farei.

Começo essas coisas sem ter um objetivo, e sou criticado pelos dois lados. Algumas pessoas assistem a "Yellowstone" e se queixam de que é uma série feita para conservadores. E a outra metade acha que sou comunista caso um personagem defenda os direitos dos animais. Para mim, é só o mundo, e lá está ele.

Nunca aceitei gastar dinheiro com ou dedicar meu tempo a alguma coisa que me diga como pensar, mesmo que eu concorde com ela. A arte traz mudanças sociais, sim, mas elas vêm da discussão. A arte deve deflagrar o diálogo que promove a mudança. Tento apresentar os dois lados, mesmo as coisas com que não concordo.

Nos westerns, é preciso ter a capacidade de deixar de lado o nosso passado, e, sim, ter a capacidade de questionar. Mas nem tudo que aconteceu nos Estados Unidos desde que um europeu ocidental primeiro pisou no país foi uma tragédia. Houve tragédias e houve triunfos, de todos os lados. A história jamais é tão limpa quanto tentamos fazê-la em nossos esforços de recontá-la. Já eu prefiro recontar as coisas de um jeito mais sujo.

Traduzido por Paulo Migliacci